

REVISTA
DO
BRASIL

SUMMARIO

BELISARIO PENNA <small>do Instituto "Oswaldo Cruz"</small>	Pequenos cuidados hygie- nicos	3
MARIO PINTO SERVA	O algodão e o futuro do Brasil	19
VICENTE DE CARVALHO <small>da Academia Brasileira</small>	Luizinha (comedia).	34
MARTIM FRANCISCO	Viajando (II)	47
OTHONIEL MOTTA	Anotações ao livro "Aé- rides"	68
LAMARTINE MENDES	Poesias	85
MONTEIRO LOBATO	Pedro Pichorra	91
MARIA GRAHAM	D. Maria de Jesus	96
ROQUETTE PINTO	Notas de Sciencia	99
REDACÇÃO	Bibliographia	103
	Resenha do mez	113

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 33 - ANNO III

VOL. IX

SETEMBRO, 1918

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 62
S. PAULO - BRASIL



Resenha do mez: Congresso Brasileiro de jornalistas — Inglez de Souza — Lepra e Isolamento (*Juliano Moreno e Fernando Terra*) — Constituição e constituinte (*Ricardo Daunt*) — Educação e Saneamento (*Afranio Peixoto*) — Carlos Peixoto Filho (*Mario de Alencar*) — O jornalismo brasileiro — O Sertão (*José Maria Bello*) — Aspectos do problema trabalhista (*Antonio Torres*) — Raça infeliz (*Carlos de Laet*) — Tesouros esparsos (*Alberto de Oliveira*) — Uma nação de inventores (*Medeiros e Albuquerque*) — As caricaturas do mez.

ILLUSTRAÇÕES: Dez desenhos antigos, "Allegoria", de Pedro Americo; Aspectos do inverno no Sul.

As assignaturas começam e terminam em qualquer tempo

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos inéditos

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

Director: Monteiro Lobato.

Secretario: Pinheiro Junior.

DIRECTORES NOS ESTADOS:

Minas: Dr. J. A. Nogueira, Bello Horizonte.

Pernambuco: Mario Sette, Recife.

ASSIGNATURAS:

Anno	15\$000
Seis mezes	8\$000
Edição de luxo, anno	22\$000
Seis mezes	12\$000
Numero avulso	1\$500

Assignatura registrada: mais 2\$400 por anno

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

S. PAULO

Caixa Postal, 2-B — Telephone, 1603, Central.

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao director.



BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO

PEREIRA IGNACIO & C.

INDUSTRIAES

Fabrica de Tecidos PAULISTANA E LUSITANIA
nesta Capital, e LUCINDA, na estação
de S. Bernardo (S. Paulo Railway)
Vendedores de fios de algodão, crus e mercerizados

*Compradores de Algodão em
Caroço em grande escala, com
máquinas e AGENCIAS nas
seguintes localidades, todas
do Estado de S. Paulo:*

*Sorocaba, Tatuhy, Piracicaba,
Tieté, Avaré, Itapetininga,
Pirajú, Porto Feliz, Conchas,
Campo Largo, Boituva,
Pyramboia, Monte Mor,
Nova Odessa, Bernardino de
Campos, Bella Vista de Tatuhy.*

GRANDES NEGOCIANTES
de Algodão em rama neste
e nos demais Estados algodoeiros.
com Representações e Filiaes em
Amazonas, Pará, Pernambuco, Bahia, Rio
de Janeiro, Rio Grande do Sul

CODICO RIBEIRO PARA TODAS AS AGENCIAS

Escriptorio Central em S. PAULO
RUA DE S. BENTO n. 47

Telephones: 1536, 1537, 5296, Central
Caixa postal n. 931

Proprietarios
da conhecida
Agua Mineral

PLATINA

Cognominada
A VICHY
Brasileira

A melhor agua de mesa
Acção medicinal
A PLATINA, cuja FONTE
CHAPADÃO, está situada na
estação da PRATA, é es-
crupulosamente captada, sen-
do fortemente radio-activa e
bicarbonatada sodica como
a VICHY e é como esta
agua franceza

Vendida em
garrafas escuras

The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . .	£ 2.000.000	Succursaes: MANCHESTER, BAHIA,
„ realizado . . .	£ 1.000.000	RIO DE JANEIRO, MONTEVIDEO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000	ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques e quaesquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10.000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

XAROPE DE LIMÃO BRAVO

CURA:

**TOSSE, ASTHMA,
COQUELUCHE ETC.**



**SOC. DE PROD. CHIMICOS
L. QUEIROZ S. PAULO**

GOTTAS PHYSIOLOGICAS DE SILVA ARAUJO

INDICAÇÕES:
NEURASTHENIA · SYPHILIS · ANEMIA
CONSUMPÇÃO · PRETUBERCULOSE,
ETC., ETC.



Formula: CADA X GOTTAS CONTEM	Ext. Tuido de Guaraná	0,25
	" " " Kola fresca exteri.	0,25
	Solução de Peptona Iodada	0,05
	Arrhenal	0,005

DÓSES } ADULTOS: X a XX gotas, 2 vezes no dia,
CRIANÇAS: Metade da dose dos adultos.

NÃO CONTEMA ALCOOL NEM ASSUCAR.

:: CASA FRANCEZA ::

DE

L. Grumbach & C^{ia}

Rua SÃO BENTO, 89 e 91

SÃO PAULO

CASA MATRIZ

EM PARIS

17 Bis, RUE DE PARADIS

Louças, Vidros, Crystaes,
Porcellanas, Objectos de
Arte para Presentes,
Baterias de Cosinha.



VENDAS A VAREJO E POR ATACADO

:: IMPORTAÇÃO DIRECTA ::

REVISTA
DO
BRASIL

Biblioteca
OR 050
1084

VOL. IX

SETEMBRO - DEZEMBRO DE 1918

ANNO III



DIRECTOR, MONTEIRO LOBATO
SECRETARIO-GERENTE, PINHEIRO JUNIOR

S. PAULO - BRASIL

20295



ALFA 311

50521





PEQUENOS CUIDADOS HYGIENICOS

A causa primordial do atraso, da deficiência economica, e da desorientação politica do Brasil, é a decadencia organica do seu povo, desde algumas decadas ocasionada por doenças endemicas evitaveis, cujos factores são favorecidos pelo nosso clima, tão sómente pela ausencia de educação hygienica de governantes e governados.

Por parte dos governantes tem sido notavel e impressionante o descaso, e mesmo o desprezo com que, em geral, têm elles encajado os assumptos de saúde publica, e a phobia que sempre revelaram pela hygiene e pelos hygienistas, despresando os seus conselhos, negando-lhes recursos para cabal desempenho dos seus encargos, creando-lhes toda sorte de embaraços, e considerando de nenhuma importancia as suas funcções.

Quadro deprimente.

Foi preciso que apparecesse Oswaldo Cruz; que Oswaldo extinguisse a febre amarella no Rio de Janeiro, graças á confiança que soube inspirar ao governo Rodrigues Alves, e ao decidido e inin-

terrupto apoio desse preclaro estadista á sua acção energica e segura orientação scientifica; que Oswaldo criasse Manguinhos, de onde a verdade foi surgindo com fulgor, a illuminar os quadros dantescos, que são immensas regiões do territorio brasileiro, onde mais de dois terços dos seus habitantes se definham, se abatem, se degradam e se arruinam, chupados e empreguicados pelos vermes intestinaes; picados, sugados e intoxicados por mosquitos, percevejos e barbeiros; a bater queixos, a carregar baços collossaes; ou aleijados, paralyticos, eretinos, papudos e cardiacos, com o sangue e tecidos repletos de protozoários pathogenicos; roídos e apodrecidos em vida pela lepra e pelas ulceras; cegados pelo trachoma, pela variola, pela syphilis e pelas gonococcias; aviltados pela cachapa; entocados em poeilgas de taipa e palha; e atolados na mais espessa ignorancia de rudimentares preceitos de hygiene, sufficientes para livrar a collectividade de doenças transmissiveis, para apurar e melhorar a raça, e arrancar-lhe o infamante labéo, infelizmente até certo ponto verdadeiro, de preguiçosa e incapaz, devido ás doenças, cujos focos se multiplicam incalculavelmente em milhões de individuos incurados, abandonados, portadores de vermes e de germens, para serem inoculados nos incautos, pela terra, pela agua, pelos alimentos, pelas moscas e pelos mosquitos e barbeiros; foi preciso que a tremenda conflagração européa nos impossibilitasse a importação de mais lenha humana de boa qualidade para queimar eriminosamente nessa fogueira de endemias evitaveis, ou deixar bichar até esfarelar-se; foi preciso que a nação fosse arrastada até o descredito, e levada ás portas da fallencia moral e material, por uma serie de aventuras, de erros e de crimes, praticados á luz do dia; foi preciso tudo isso, para começarmos a enxergar as miserias da nossa gente, e o eriminoso abandono em que a havíamos deixado, taxada de incapaz, e mareada inconscientemente com o ignominioso ferrete de raça vil e despresivel, indigna de occupar um lugar na face da terra.

O despertar.

Os olhos se vão abrindo, a medo, pouco erentes da tremenda hecatombe á vista; e as consciencias começam a despertar, duvi-



dosas ainda de tanta loucura e tanto crime; mas os olhos acabam vendo, nitidamente, o quadro infernal, e as consciências acordarão afinal, ainda a tempo de cessar as loucuras e resgatar os crimes.

Raça inferior da nossa gente e clima inhospito do Brasil eram para os seus dirigentes as causas da decadencia dos habitantes nacionaes e estrangeiros.

Nem um, nem outra allegação tem fundamento nos factos e na sciencia.

Nem inferior a raça, nem inhospito o clima.

A nossa raça, que é uma mistura de raças, ainda não está definida em um typo característico.

Caracteres da raça.

Com predominancia do mestiço do caboclo no Norte e no Centro; do mestiço do caboclo, do negro e do branco, no littoral do Nordeste, e do branco no Sul, ella tem predicados de intelligencia, de vigor physico e de capacidade de trabalho como as que mais se presam de os possuir, além de accentuado espirito de ordem, e de innata cordura, a par da coragem e da altivez.

Disso tem ella dado provas exuberantes, e a historia do Brasil está repleta de factos que a dignificam.

Houve, porém, em todos os tempos, grande descuido da educação e da instrução do povo, e da sua concentração em regiões accessiveis.

Feita a abolição, os negros, abandonados e relegados a coisa abaixo dos animaes, espalharam-se por toda parte, contrahiram doenças de que se não trataram, constituíram-se em focos dellas, poluiram as terras e as aguas, infectaram mosquitos e barbeiros, e contaminaram toda a população, vingando-se assim inconscientemente dos brancos, que os escravizaram por quasi tres seculos, durante os quaes elles alicerçavaram a nacionalidade brasileira, construindo as suas cidades, derrubando as suas mattas, abrindo as suas estradas, cultivando as suas terras, desobstruindo os seus rios, drenando ou aterrando os seus pantanos, amamen-

tando a maioria dos filhos, estabilizando o seu credito e fazendo respeitada a sua bandeira.

Consequencia da Abolição.

Foi sobretudo a partir da data em que demos ao negro a liberdade de adoecer, sem se tratar; de se alcoolisar, sem correctivo; de conviver com os barbeiros e os mosquitos, sem sombra de assistencia; de levár vida de judeu errante, a poluir por toda parte as terras e as aguas, á vontade, que as doenças se intensificaram, se alastraram e se tornaram endemícas.

Com a abolição, sem nova organização do trabalho agricola, a nossa politica deixou no abandono a terra e atirou-se ás industrias urbanas, a poder de formidaveis tarifas proteccionistas, sem conta nem medida, provocando tremenda carestia de todos os artigos de 1.ª necessidade, e levando a pobreza a todos os lares das classes de trabalho.

Contrahio empréstimos colossaes, acima das possibilidades economicas do paiz, para melhoramentos urbanos e construcções de portos e estradas, criou as castas dos profissionaes, da politica, dos militares, dos empreiteiros, e dos industriaes, unicos que desfructam entre nós o gozo de viver, á custa da pobreza e da miseria do resto da população; e accentuou-se assim a decadencia das classes do trabalho, até attingir o gráo deplorabilissimo, agora observado.

Esses os factores das doenças e da deficiencia economica. Nem a raça, nem o clima influíram de qualquer modo para isso.

Um salto mortal e trinta annos apenas de imprevidencia e de desgovernos da União, dos Estados e dos Municipios bastaram para prejudicar profundamente uma raça, que se ia constituindo auspiciosamente, e anarchisar uma nação, cujo credito e prestigio eram invejaveis.

O clima calumniado.

Não é inhospito o nosso clima.

Ha vastissimas regiões do paiz, cujo clima é invejavel até para o europen, e não ha uma só que não possa ser habitada,



com garantia da saúde e da vitalidade, seja pela nossa gente, seja por outra de qualquer parte do mundo.

E' uma questão apenas de pequenos cuidados hygienicos que precisam ser infiltrados e enraizados no espirito dos habitantes, á força de leis, rigorosamente executadas.

Essas leis, porém, devem ser precedidas e acompanhadas de todas as facilidades, para que possam as populações adquirir os elementos de defeza, therapeuticos e outros, garantidores da saúde e da vida, além do ensino permanente e continuado de todos os preceitos salutaes da hygiene e da instrueção.

O que urge fazer.

E' urgente diffundir largamente noções praticas de hygiene por todas as camadas da sociedade, a começar pelas mais elevadas, que, occupando cargos politicos e administrativos; dirigindo fabricas e empresas; empreitando serviços publicos e particulares, de monta, olham com irritante desdem para o lado hygienico dos serviços, recusam conselhos e indicações dos competentes, e assistem indifferentes, á hecatombe de actividades e de vidas, que se esvaem, pela incuria, pela ignorancia, pela philauciosa presumpção, pela sordida sovinnie, ou pela desmarcada ambição.

Taes preceitos precisam ser inculcados no lar, nas fabricas, nas escolas, nas fazendas, para que toda gente tenha consciencia do seu valor e saiba se defender e exigir de governos, de industrias, de empreiteiros e de fazendeiros, as providencias que a elles competir tomar para a proteecção collectiva.

Esses conhecimentos não constituem privilegio de medicos ou de especialistas, e estão ao alcance de todo mundo.

Tudo vae do modo de transmittil-os.

Necessidade de acção pratica.

Empregar nos comícios, nas conferencias populares, nas escolas primarias e mesmo nas secundarias, e nos escriptos de vulgarisação, linguagem technica e seientifica para ensinar a prophylaxia das verminoses, do impaludismo e de outras doenças evitaveis, é perder tempo e sacrificar a benemerita campanha da educação hygienica.



A linguagem deve ser simples, as expressões empregadas têm de ser as que o povo usa, e as únicas que conhece; as comparações e as imagens, vulgares e frisantes; as gravuras e photographias, impressionantes, sem fugir á realidade de factos, que elle conhece, mas não sabe observar; as ligações entre o seu modo de vida, o systema de alimentação, os defeitos da habitação, e as doenças, que o atacam, acarretando-lhe serias perturbações, e a miseria, afinal, devem ser descriptas com simplicidade, clareza e verdade.

Esse o systema que adopto nas palestras populares, de que vou colhendo resultados muito apreciaveis, não apenas entre os operarios e trabalhadores ruraes, mas mesmo entre pessoas de certa cultura, cuja leitura se limita ás columnas dos jornaes, em que se discute politicagem, ou se dão noticias de escandalos e de crimes.

E' necessario arrebanhar os candidatos a empreguinhos publicos, onde se vão estiolar, e instrui-los nas noções praticas da hygiene moderna, da pequena hydrografia sanitaria, da hygiene domiciliaria, da individual; no manejo do microscopio para o exame de fezes e de sangue; no estudo da biologia e *habitat* de insectos vehiculadores de germens pathogenicos, etc., para que se interessem pelo paiz e se espalhem pelas fazendas, a semear a hygiene, a pratical-a, a demonstrar a sua efficacia e a diffundir a educação hygienica, e com ella a saúde, que será o alicerce do povoamento *util*, da riqueza, e da moralisação do Brasil.

Milhares de actividades a se perder, a se preparar para a burocracia expoliadora e toxica como os vermes intestinaes, se transformarão em valiosos elementos de incalculavel valor economico e social.

Objectivo da "Liga Pró-Saneamento".

Será esse um dos primeiros cuidados da "Liga Pro-Saneamento do Brasil", que para fundar o seu curso da educação hygienica, aguarda apenas que 3.000 brasileiros dos 24.000.000, de que se compõe a sua população, se disponham a concorrer com a parcella de rs. 12\$000 por anno, ou rs. 1\$000 por mez.



Os que attenderem ao nosso appello prestarão, com a insignificancia de 33 rs. por dia, incalculavel serviço ao Brasil e a si mesmos.

Ao Brasil, porque os semeadores da hygiene irão levar a todos os seus recantos os conhecimentos dos pequenos cuidados hygienicos, cuja pratica salvará a vida de centenas de milhares de crianças, e preservará a saúde de milhões dos nossos patricios, que verão restabelecida a coragem para o trabalho, e elevada a capacidade productiva.

A si mesmos, porque não ha felicidade, nem alegria, nem tranquillidade, nem segurança, mesmo para os que sabem se defender das doenças, onde os seus focos se multiplicam em mais de 70 de cada 100 pessoas que nos cercam; na terra, que pisamos, e cujas poeiras, carregadas de ovulos e embryões invadem as nossas casas, e penetram a nossa bocca; na agua que bebemos, contaminada de dejeções atiradas no solo e acarretadas aos depositos, pelas enxurradas, ou pelo vento, depois de misturadas ás poeiras; nos alimentos (hervas, verduras e fructos) regados com agua poluida e ingeridos crús; nos insectos hematophagos (mosquitos, pulgas, percevejos e barbeiros), que pululam nas casas e vehiculam germens de doenças terriveis, taes a malaria, a febre amarella, a filariose, a peste, a lepra e a molestia de Chagas; e nas moscas, que transportam dos monturos, das feridas, para as nossas casas, para as nossas mãos, para os nossos rostos, para os nossos alimentos, nas suas patas e trombas, myriades de germens, ovulos e parasitos dos mais perigosos á saúde e á vida do homeni.

Os mata-mosquitos de Oswaldo Cruz.

Os mata-mosquitos, que extinguiram a febre amarella no Rio de Janeiro, no Pará, em Manáos e na Victoria, não eram simples cumpridores de ordens superiores, automatados inconscientes, manejados pelos medicos chefes do serviço. Não.

Elles encontraram quem lhes ensinasse todos os segredos, todas as minucias, não apenas dos serviços, mas da epidemiologia, da ethiologia e da prophylaxia da molestia; da biologia e *habitat*



do *stegomya calopus* e de outros mosquitos; e dos motivos logicos e racionais da prophylaxia que estavam realisando.

Cada um delles, desde o mais graduado ao mais humilde tinha consciencia nitida da sua funçao patriotica e humanitaria; d'ahi o successo rapido e brilhante da gloriosa campanha.

Todos os lugares de accesso eram preenchidos por concurso severo e honesto, e OSWALDO CRUZ teve varias oportunidades de se emocionar diante de provas estupendas dos humildes e ridicularisados mata-mosquitos, que realisaram o maior feito economico do Brasil republicano.

Incidente com o Dr. Murtinho.

Certa vez Joaquim Murtinho oppoz-se á entrada na sua chacara, da turma de policia de focos.

Procurado pelo capataz da turma, este, antes de recorrer ao medico da zona, procurou demovel-o desse proposito, expondo-lhe a vantagem do serviço, a necessidade da sua systematisaçao, expendendo naturalmente a theoria culicidiana da molestia, a biologia do mosquito, etc.

Joaquim Murtinho, admirado dos conhecimentos revelados por aquelle homem do povo, perguntou-lhe se todos os mata-mosquitos estavam, como elle, versados no assumpto e convencidos, e a resposta do capataz foi pedir-lhe que arguisse qualquer dos serventes alli presentes, o que fez o illustre brasileiro, a um preto, de ar humilde e aspecto pouco intelligente, obtendo d'elle respostas seguras e certas, revelando perfeita consciencia do que estava fazendo.

Joaquim Murtinho nunca mais se oppoz ao serviço, e a todos os amigos contava o facto, exaltando o serviço de combate á febre amarella.

Trabalhavam nessa epocha do Serviço de Prophylaxia da Febre Amarella, cerca de mil homens, a maioria dos quaes oriunda das classes humildes da sociedade; e não havia um só que não fosse versado no assumpto, um só que não tivesse noção exacta da razao de ser, e do valor do seu concurso na benemerita campanha.



E eram todos, com poucas excepções, brasileiros genuínos, lídimos representantes dessa raça imprestável, na linguagem de escriptores e theoristas da Avenida Central e dos Boulevards parisienses.

O mata-doença.

Assim como tivemos os mata-mosquitos, especializados no combate á febre amarella, devemos e podemos organizar a legião dos mata-doenças, especializados nas noções de hygiene geral e da prophylaxia especifica das grandes endemias que arruinam as nossas populações.

Não posso conceber maior serviço actual á nação brasileira do que esse de espalhar por todo o seu territorio os semeadores da hygiene, levando a todos os seus recantos a luz da verdade, e e as noções indispensaveis para que se revigore o nosso povo, e adquira o vigor que já desfructou em outros tempos, e possa vir a ter a sensação do gozo, que é a vida, quando felicitada pela saúde, que gera a alegria, a força, a disposição para o trabalho, a ambição justa do conforto e do saber, o desejo salutar de prosperar e atingir a meta da independencia economica, e do convívio dos cultores da intelligencia.

E' pela saúde, pelo vigor de cada um dos seus elementos, desfructando bem estar economico, a praticar salutaes preceitos, que impedem que se parta ou se enferruje a mola da machina humana, que a nação adquire prosperidade effectiva, riqueza solida, e respeito dos outros povos.

"O progresso, o prestigio e a força de uma nação podem ser aferidos pela educação higienica do seu povo," disse eu, na conferencia de Bello Horizonte, e repito, sem temor de contestação.

Mas tratemos dos cuidados higienicos.

O impaludismo.

Para que reine o impaludismo numa localidade, necessario é a presença, concomittante nella, de anophelinas (mosquitos' fincados ou pregos) e de doentes portadores de formas sexuadas do *plasmodium* de Laveran.



Eliminado um desses elementos cessa a molestia.

Si se curarem os impaludados existentes, impedindo ao mesmo tempo a infecção dos sãos, por conveniente defeza therapeutica ou mecanica, desapparecerá a molestia, embora continuem presentes os mosquitos.

Si se extinguirem os mosquitos, embora não se tratem os doentes, cessará a doença, que ficará limitada aos já affectados.

Si, além da extincção dos mosquitos, se realizar a cura dos doentes, ficará completamente extinto o impaludismo no lugar, e livre de epidemias, embora vá ter a elle qualquer impaludado.

Si, nas zonas onde existe o impaludismo, cada individuo souber se defender, tomando diariamente na epocha, de surto epidemico, dóse preventiva conveniente de quinina, não contrahirá a doença; e se o que a contrahir souber tratar-se e curar-se desde o primeiro accesso, tomando dois ou tres grammos de um sal de quinina de boa qualidade, durante alguns dias, não se constituirá em foco da doença que desapparecerá, apesaz da presença dos mosquitos; e si, melhor que isso, cada qual souber collocar a sua habitação em situação de não ser attingida pelas anophelinas, construindo-a nos altos descampados, sem aguas paradas e descobertas num raio de pelo menos cem metros; ou, quando isso não seja possivel, protegendo as suas aberturas com télas metalicas, de malhas que impeçam a passagem do mosquito, ficará protegido contra o impaludismo, bem assim todo o agrupamento.

Necessidade de conhecimentos hygienicos.

Quando cada qual se compenetrar do perigo que é para si, para a familia, para a sociedade e para a nação, a dejecção humana atirada sobre a terra, porque a contamina de milhões de larvas e ovulos de parasitos pátogenicos, que são carregados, parte pelas enxurradas, para as fontes, para os cursos d'agua, para as lagôas, para os poços e cacimbas, ficando outra parte sobre a terra, e, levados para as nossas casas, pelas moscas, pelos ventos com as poeiras, a cahir sobre nós mesmos, e sobre os alimentos; quando souber ainda que innumeras dessas larvas, que ficam sobre a terra, vivem mezes sobre ella e penetram por en-



tre os poros da pelle no organismo humano, indo viver á sua custa, anemiando-o e degradando-o; quando se convencer, por ensinamento continuo e tenaz, e demonstrações positivas, que o barbeiro ou chupão é um insecto perigosissimo, porque é o hospedeiro e vehiculador, de individuo a individuo, de um parasito do sangue — "trypanosoma Cruzi" — causador de uma doença terrivel e incuravel; que o barbeiro só vive e prolifera nas habitações escuras, de paredes de taipa, cheias de frestas e rachas, e cobertas de palha; quando se lhe ensinar a biologia das moscas, a proliferar nos monturos de lixo e de detriectos organicos atirados nos quintaes ou nos arredores das casas, e o perigo que ellas representam para a saúde; e o risco que corre com as picadas das pulgas, dos percevejos e de todos os insectos hematophagos; quando por uma propaganda vasta, tenaz, insistente, pela palavra, pelo folheto, pelo cinema, pelo gramophone, pelo cartaz, esses ensinamentos hygienicos se infiltrarem no cerebro do nosso povo, e se puzerem em execução as medidas legais practicas delles decorrentes, ninguem se revoltará contra o seu cumprimento; ninguem mais poluirá a terra e as aguas; ninguem terá poços e cacimbas descobertas, nem se utilizará das aguas de lagóas; cada um construirá na sua habitação o systema de esgoto conveniente; evitará as cafuas de taipa e cobertas de palha; enterrará ou queimará os detriectos e o lixo, e preservará as habitações da presença de moscas, de pulgas, de percevejos, baratas, etc.

Como se vê, vamos indicando providencias, que não são mais do que pequenos cuidados hygienicos, mas de incalculaveis resultados economicos e sociaes, e cuja applicação rigorosa impõe-se como medida de educação, de salvação publica, de reabilitação da raça e de segurança nacional.

As aguas.

Agua pura, ar puro, e pelle e mucosas sãs, constituem a garantia maxima da saúde.

A agua, quando impura é o vehiculo de embryões e larvas de vermes intestinaes, de microbios e de amebas.



E' sempre suspeita a agua de poços e cacimbas descobertas, de rios, de lagôas, e riachos cujas margens são povoadas; de açudes, de fontes ou minas não protegidas e levadas ao seu destino em regos descobertos.

Quando se não dispõe de agua garantidamente pura, só se deverá usal-a, para beber, filtrada ou fervida.

O bom filtro, porém, é caro, e exige cuidados difficeis de se conseguir; por isso, é preferivel usar a agua fervida.

Fervida de vespera, e guardada em potes de barro, além de offerecer garantia de pureza não é desagradavel ao paladar.

O perigo da ingestão de agua contaminada está mais nos embryões e larvas de parasitos intestinaes, que ella pôde acarretar, do que nos microbios que ella contenha, porque esses, em contacto com a mucosa gastro-intestinal sã, isto é, sem irritações, inflammações e ulcerações, erosões e perfurações produzidas pelos vermes, não a atravessam e são afinal expellidos sem produzir molestias.

E' pois imprescindivel o maior cuidado na protecção dos mananciaes e depositos de abastecimento d'agua ás cidades, fazendas e fabricas.

Quando se é obrigado ao uso de agua de poço, este deve ser revestido de pedra e completamente fechado, devendo a agua ser extrahida por meio de bomba.

As cacimbas, usadas no Nordeste, cavadas nas margens dos rios ou nos seus leitões, depois de seccas, são a causa primordial, naquellas regiões, das verminoses e do impudismo.

Igualmente é formidavelmente prejudicial á saúde e á vida daquella gente o uso da agua de lagôas, que servem a homens e animaes, para banhos, bebidas, cosinha e lavagem de roupa, e de tudo mais.

E por lá ninguém suspeita do perigo, e exactamente nas proximidades das lagôas, onde em regra existe vegetação alta, é que os habitantes satisfazem as suas necessidades corporaes e despejam as immundicies.

E em todo o interior do paiz, até nos suburbios das suas cidades e capitaes é o que se observa. As aguas e terras poluidas alastram as doencas de maneira inconcebivel.



O ar.

É as aguas e terras poluidas contaminam o ar, carregando-o de poeiras impuras, onde pululam os embryões de vermes, e microbios pathogenicos; onde esvoaçam, ás myriades, as moscas e os mosquitos, portadores ou hospedadores de germens e parasitos perigosos.

Não é a menor ou maior quantidade de oxygenio ou de azoto, o gráo de humidade, ou de temperatura, o que o fazem melhor ou peor; é, antes de tudo, a existencia nelle de poeiras impuras, e de insectos, que, directa ou indirectamente, inoculam no homem, pela pelle ou pelas mucosas, germens e parasitos de terriveis doencas.

Maus habitos e má casa.

E o uso da cachaça e as casas de taipa, escuras, colmadas de palha, inçadas de mosquitos, percevejos e barbeiros, mal situadas, á beira de lagõas, de brejos e de rios, abafadas nos matos, completam a absoluta desprotecção em que vive a nossa gente de trabalho enjos revestimentos de defesa organica — pelle e mucosas — estão inteiramente á discrição dos ataques dos insectos hematophagos e dos vermes intestinaes, uns e outros causas mediatas ou immediatas de doencas degradantes da especie e degeneradoras da raça.

O que é a pelle e o que são as mucosas, sinão os elementos de defesa de todos os orgãos, de todos os tecidos e de todas as visceras do nosso corpo?

Imprescindivel é repisar e martelar sem descanço sobre a necessidade, para segurança da saúde, de trazer limpas, e protegidas contra ferimentos, contusões, irritações, inflammações, ulcerações e picadas a pelle e as mucosas.

A defesa do ind viduo.

Estou que ainda será um axioma hygienico que "pelle e mucosas sãs constituem a garantia maxima da saúde".

As mucosas são a continuação da pelle, e quando explico ao povo o modo de protegel-as, chamo á pelle, de pelle de fóra, e ás mucosas, de pelle de dentro.



A necessidade da sua defeza é que provocou no homem a invenção da roupa, do calçado, das botas, do cosimento dos alimentos; que o obrigou a abrigar-se nas furnas, a principio, e a construir depois a casa que elle vae melhorando cada dia, de accôrdo com o meio e os progressos da hygiene; que o fez descobrir o sabão e habituar-se ao banho, indispensavel diariamente para desobstruir os poros da pelle de poeiras exteriores, e de detrictos da propria secreção, afim de que se realice normalmente a respiração cutanea, tão necessaria e importante quanto a respiração pulmonar, bem como a sudorese ou transpiração, fonte de eliminação de elementos regeitados pelo organismo.

E o tecido vital, por excellencia, do nosso organismo — o sangue — que leva a todos os seus escaninhos, a todas as suas células, o alimento e a vida, está directamente defendido pela pelle e pelas mucosas.

Não ha um unico ponto da pelle ou das mucosas, que picado não dê sangue.

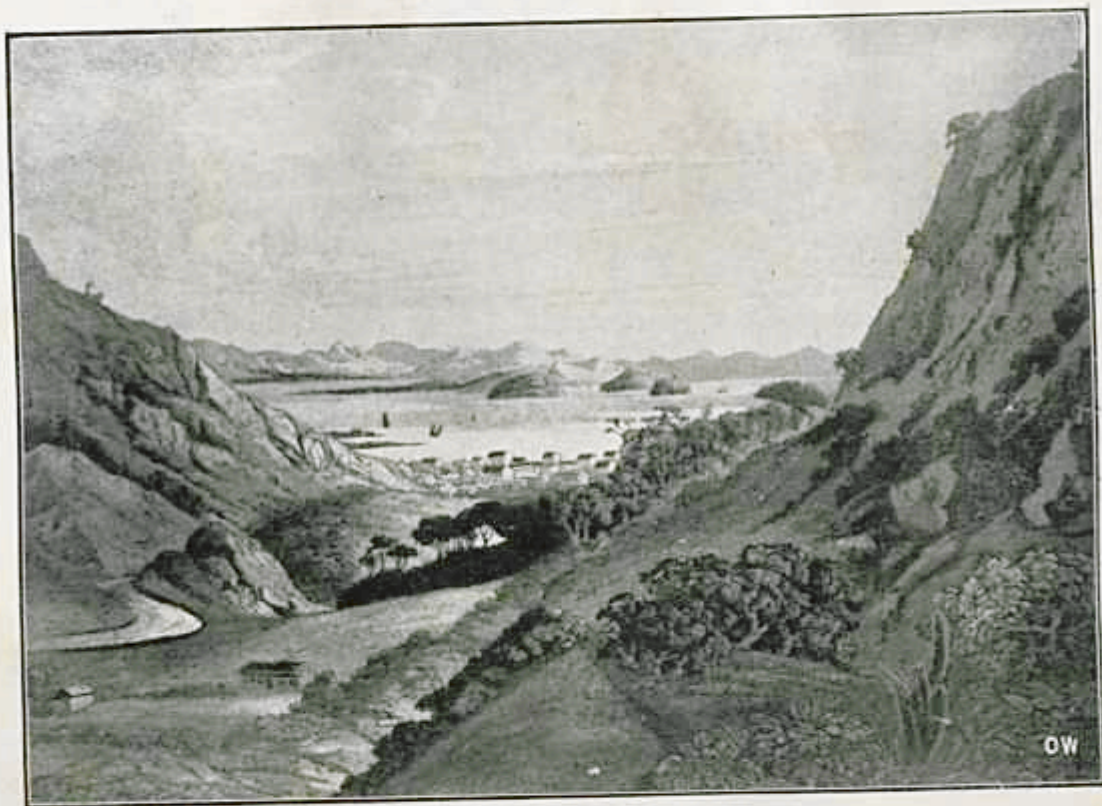
O sangue.

E o sangue, quando puro, isto é não contaminado de parasitos, de toxinas e de venenos, que perturbem a sua composição normal, destruindo ou alterando algum ou alguns dos seus elementos, provocando o desequilibrio entre elles, é que mantem a saúde e o vigor do nosso organismo, é que eugenisa a especie e revigora a raça.

A alteração ou destruição de algum ou de alguns dos elementos do sangue, é provocada pela presença nelle, ou em outros tecidos do organismo, de parasitos e germens pathogenicos, a secretar toxinas; ou de venenos e toxicos, introduzidos por via gastrica, taes as bebidas alcoolicas, alimentos estragados, deteriorados ou inconvenientes.

A acção dos parasitos e toxicos sobre o sangue, ou é directa, provocando reacção febril intensa ou fraca, continua ou periodica, aguda ou chronica, rapida ou demorada e lenta; ou é indirecta, atacando esse ou aquelle systema (nervoso, arterial, lymphatico, etc.), com mánfestações, geraes ou localizadas; ou de preferencia esse ou aquelle orgão, essa ou aquella viscera.

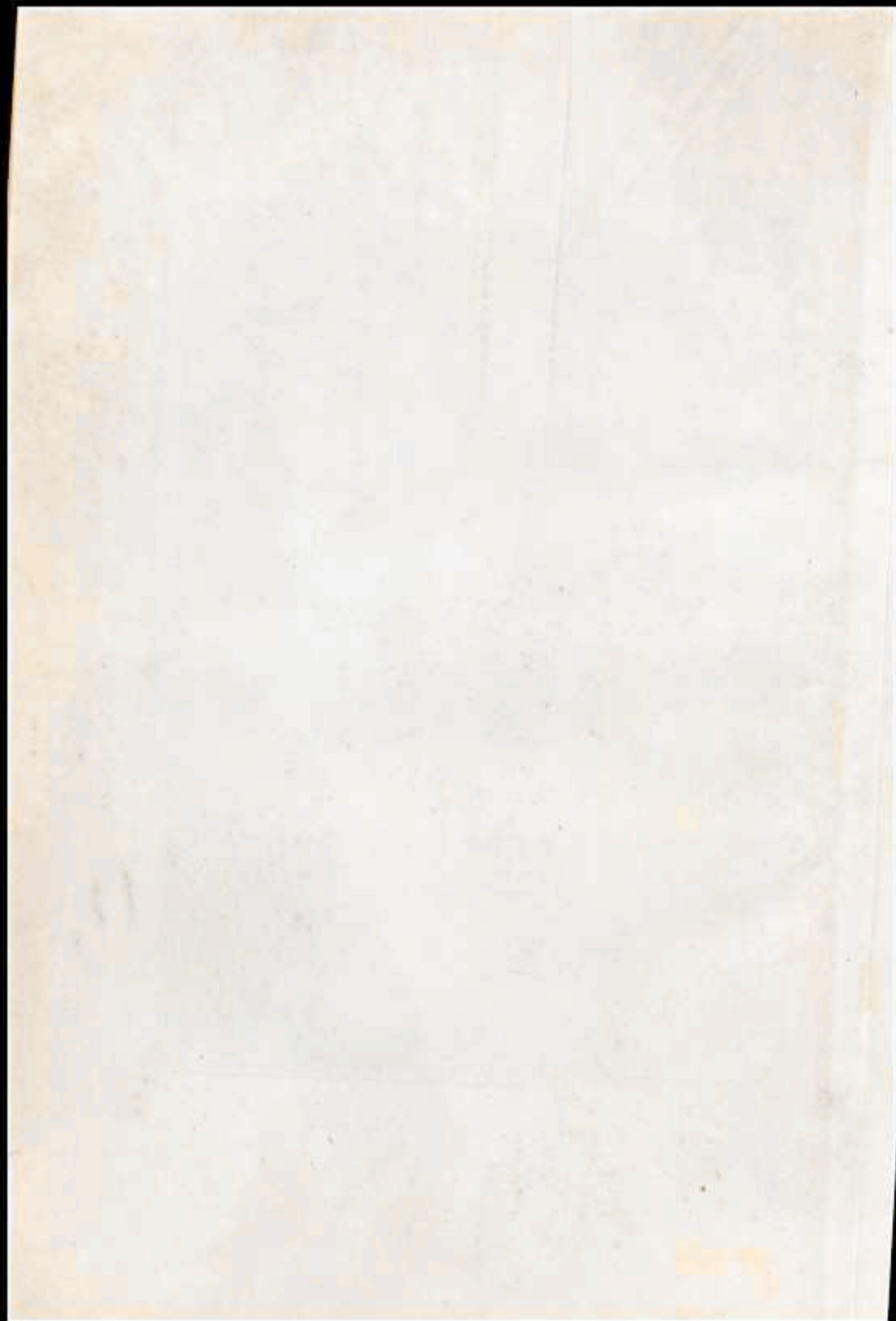




Desenho de Maria Graham.

Gravura de Edw. Finden.

O Rio, visto da casa do Conde Hoggendorps.

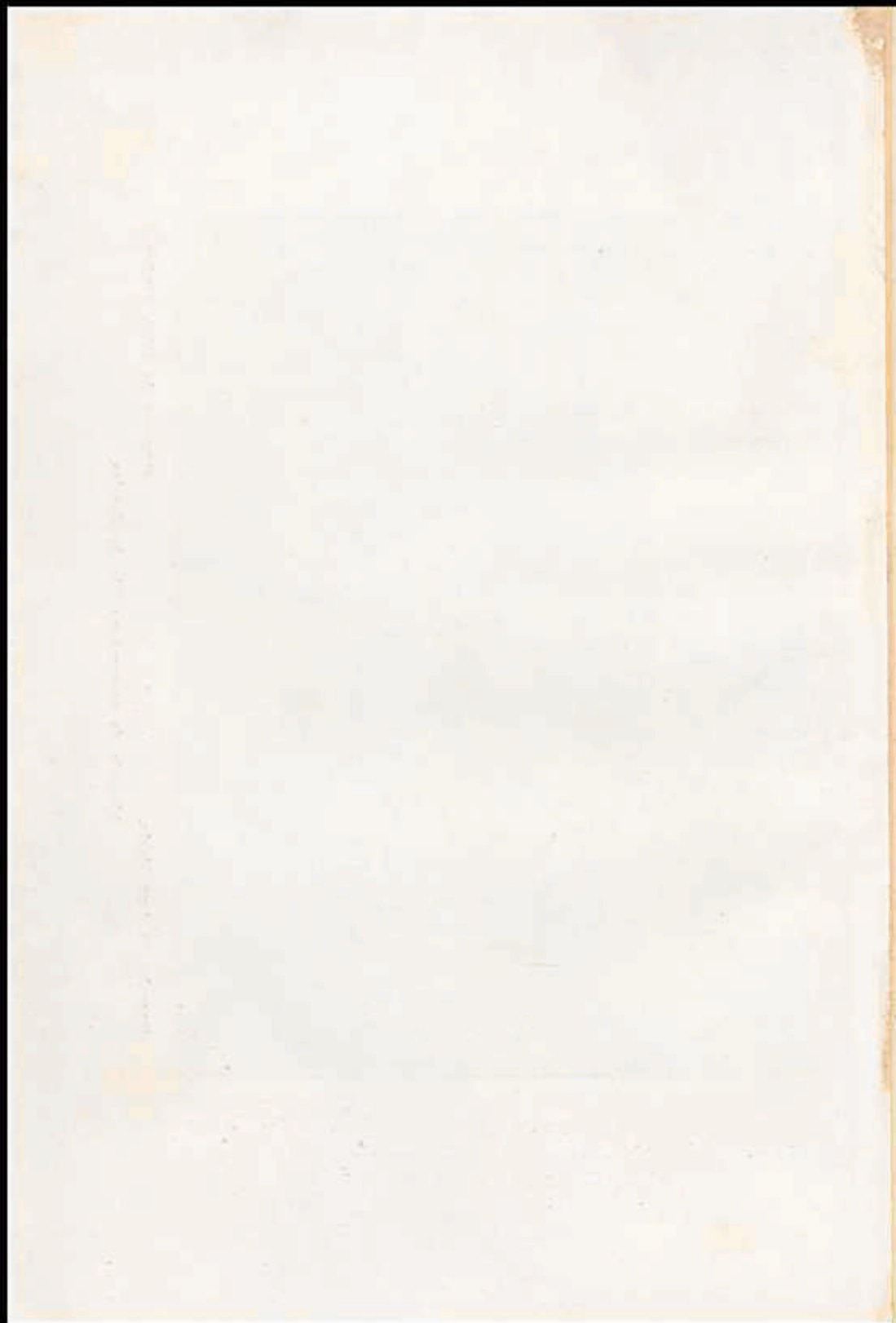




Desenho de Aug. Earle.

Gravura de Edw. Finden.

Mercado de escravos no Rio de Janeiro.



Na molestia de Chagas ha os cretinos e os infantilizados, com a thyroide atrophizada; os paralyticos, os idiotas com lesões do cerebro e da medulla; os doentes da forma cardiaca com o coração affectado, e os demais orgãos com funções regulares; os papudos, muitos dos quaes, não apresentam outra lesão a não ser hypertrophia da thyroide.

Na syphilis dão-se factos identicos, de lesões geraes ou locaes, com as mais variadas manifestações.

Na infecção malarica e na febre amarella, o sangue e algumas visceras são directamente atacados.

Nas verminoses intestinaes alguns vermes, como as ascarides, as tenias, e os oxyrrios, traumatizam, irritam e ferem a mucosa do intestino, abrindo nella portas de entrada para germens pathogenicos que nelle pululam; outros, como os ankylostomos e os trychocephalos agarram-se a ella, ulceram-na e chupam e envenenam o sangue.

O alcoolismo.

No alcoolismo, o envenenamento é lento, irritando e inflammando a mucosa gastrica, alterando e prejudicando o funcionamento de varios orgãos, sobretudo o coração, o fígado e os rins; e ataca de preferencia os systemas arterial e nervoso, com especialidade o cerebro; degrada o individuo, e, peor que isso, transmite aos descendentes as deficiencias e defeitos de ordem moral e mental.

Propositalmente exemplifichmos com doenças conhecidas, dentre as mais graves e espalhadas, e que contribuem poderosamente para a decadencia do povo, para a desmoralisação da politica e para degeneração da raça.

Quasi todas têm tratamento conhecido e efficaz, e todas, prophylaxia estabelecida, segura e garantida.

Depende a sua extincção, ou consideravel redução a um minimo toleravel, por parte dos dirigentes, de leis de educação, de organisação do trabalho, da concentração da nossa gente em nucleos agricolas saneados, da construcção de estradas de rodagem, do facillitamento de medicamentos e de materiaes para construcção conveniente das habitações, e de assistencia medica



e hygiênica; e por parte da população, da pratica, voluntaria ou forçada, dos pequenos cuidados hygienicos apontados, e de outros, que nos terão escapado, e que não nos faltará oppor-tunidade de indicar.

Quando os ensinamentos da hygiene se infiltrarem nos cere-bros de dirigentes e dirigidos, e a pratica dos pequenos cuidados hygienicos se generalisar, ninguém mais terá pretexto para mal-sinar a nossa raça e denegrir o nosso clima, e o Brasil cami-nhará então vertiginosamente para os seus gloriosos destinos.

BELISARIO PENNA



O ALGODÃO E O FUTURO DO BRASIL

I

CONSIDERAÇÕES GERAES

A situação presente da cultura algodoeira no Brasil colliga-se ao estado geral economico e social do paiz.

O factor primordial e fundamental da produção, o agente maximo de qualquer trabalho productivo, de qualquer lavoura, de qualquer industria—é o homem, e este factor a politica brasileira tem descurado systematicamente.

Toda a nossa politica economica, estradas, portos, navegação e outros melhoramentos, tem sido levada a effeito esquecendo-se que nada disso adeanta quando todas essas obras vão encontrar uma população que se não iniciou no alfabeto, que ignora os rudimentos scientificos de qualquer profissão util, incapaz de outra cousa a não ser a repetição rotineira das tradições mais retrogradadas, vivendo assim como parasita inutil da terra nativa, em vez de ser a sua dominadora.

A capacidade productiva do individuo está na razão directa do seu preparo e proficiencia technica. Quando esse preparo é nullo, quando a população é na quasi totalidade analphabeta e desprovida do minimo preparo scientifico, o coefficiente de produção attinge ao minimo como se dá entre nós.

Assim com referencia á cultura do algodão é de repetir-se a observação do agronomo americano Green: "Uma politica definida de educação e demonstração, levada a effeito por pro-



cessos praticos e mediante methodos commerciaes, tornaria o Brasil em poucos annos o maior produtor de algodão do mundo. A supremacia continuada dos Estados Unidos na produção do algodão resulta inteiramente da eterna somnolência da «agricultura brasileira».

Mas a explicação fundamental destes factos é que nas escolas publicas americanas em 1913 se gastaram 482.886.793 dollars ou, ao cambio de 16, 1.448.660.379\$000, ao passo que no mesmo anno nós no Brasil gastamos de 30 a 40 mil contos. Não ha paiz no mundo que gaste menos com a sua instrução que o Brasil.

Embora a terra seja fertilissima, embora a alcance a locomotiva, embora se forneçam todos os instrumentos necessarios e as melhores demonstrações, tudo isso nada adianta quando se tem a luctar com um produtor ignorante, inculto, illetrado, analfabeto, indolente e, pois, sem estimulo nenhum, como se dá na maior parte do paiz.

II

EXPORTAÇÃO POR HABITANTE

Em 1916 a exportação por habitante, em paizes na phase economica que atravessa o Brasil, foi a seguinte, calculada ao cambio de 16 ds.:

Paizes	Exportação por habitante
Cuba	412\$665
Canadá	392\$386
Australia	258\$769
Argentina	248\$090
Uruguay	196\$020
Guyana Inglesa	184\$370
Nicaragua	126\$117
Chile	121\$408
Costa Rica	85\$761
União Sul-Africana	71\$600
Rumania	64\$387
Egypto	60\$261
Bollivia	58\$844
Perú	42\$000



Brasil	30\$600
S. Salvador	30\$063
Paraguay	29\$529

Quer dizer: não só o Brasil rivalisa com os países mais atrasados, como ainda, tirando o contingente da exportação paulista, para o resto do país fica uma exportação por habitante de Rs. 23\$600, inferior a todos os mais.

Demais na exportação brasileira dois productos — o café e a borracha — representavam ainda ha pouco perto de 80 % do seu valor total e, desses dois productos, um, a borracha, se acha actualmente em tremenda crise e o outro, o café constitue uma bebida de luxo e, como tal, é um artigo que tem estabilidade de preços, não podendo o seu consumo ampliar-se ilimitadamente como os generos de primeira necessidade: o trigo, a carne, a lan, o gado e outros.

A nossa organização economica actual não pôde ser mais precaria e defeituosa, fundando-se como se funda toda a riqueza publica e particular e, portanto, as finanças da União e dos Estados, na exploração e commercio de dois productos expostos a situações perigosas e que têm experimentado crises gravissimas a produzirem as mais terriveis perturbações no país inteiro.

III

NECESSIDADE DE NOVAS FONTES DE PRODUÇÃO

O Brasil, além do café e da borracha, precisa produzir em grande escala outros artigos que venham incrementar a nossa exportação para o estrangeiro, desenvolvendo a actividade interna e activando a nossa vida economica tão frouxa e inerte. Precisamos deixar de ser parasitas inuteis da terra para nos tornarmos uma nação de productores.

Demais o nosso progresso economico vinha sendo apenas o reflexo do progresso europeu, representado nas sobras do capital do velho mundo que, em grandes caudales, annualmente se applicavam neste país. O conflicto europeu vai estancar por muitos e muitos annos esse estimulo e, assim, por muitos e



muitos annos, nós estamos entregues a nós mesmos, tudo dependendo da nossa própria actividade, dos nossos proprios recursos, da nossa propria iniciativa.

E por isso é que o algodão se impõe como devendo ser o objectivo de uma politica nacional ampla, como devendo ser a preocupação mais intensa dos poderes publicos. O algodão pode vir a ser o maior artigo de exportação brasileira, pode constituir a maior riqueza das nossas unidades federativas, pode restaurar as finanças da União e dos Estados, pode, como nenhum outro artigo, trazer ao Brasil a prosperidade, a riqueza e a abundancia. Para isso é preciso um grande esforço combinado e harmonico de todas as forças sociaes — da União, dos Estados, dos Municipios, das estradas de ferro, das empresas de navegação, de todos em summa. E' preciso que cada um desses elementos contribúa com o seu contingente para assim dar vida a um organismo quasi cadaver como é o Brasil na sua quasi totalidade.

A cultura do algodão apresenta todas as vantagens. Como o trigo, que dá o pão, o algodão, que dá a vestimenta, terá sempre no mundo um consumo, por assim dizer, illimitado. Além disso no mesmo anno em que é semeado elle chega á maturidade, cobre-se de capulhos e é colhido. O algodão não exige terras optimas, resiste á secca, medra e vicia em pleno sertão, dispensa chuvas abundantes, contenta-se com pequena mão d'obra.

IV -

A POSIÇÃO DO BRASIL NO MERCADO MUNDIAL

A posição do Brasil no mercado mundial do algodão vinha sendo a seguinte ha alguns annos, como se pode ver do quadro adeante, que dá a produção do mundo em fardos de 500 libras:

	1904	1909	1911
Estados Unidos	13.439.000	10.005.000	15.693.000
India	3.727.000	4.123.000	3.284.000
Egypto	1.305.000	1.045.000	1.514.000
China	1.200.000	1.200.000	1.200.000



Russia Asiatica	504.000	418.000	690.000
Brasil	220.000	265.000	270.000
Mexico	353.000	200.000	200.000
Persia	71.000	128.000	123.000
Turquia Asiatica	66.000	131.000	131.000
Perú	45.000	44.000	76.000

V

O ALGODÃO NOS ESTADOS UNIDOS

Nos Estados Unidos, sob o ponto de vista da industria manufactureira, o algodão é a produção agricola mais importante e o capital empregado na sua produção excede ao das fabricas. A colheita de 1912 foi avaliada em 920.000.000 de dollars ou cerca de 3.600.000.000\$000, approximadamente dez vezes o valor da produção cafeeira de S. Paulo.

O valor da produção agricola do algodão nos Estados Unidos é elevado a mais do dobro em virtude dos processos industriaes que soffre a materia prima. Desta forma o valor da produção annual das manufacturas que se utilizam da cultura do algodão na America do Norte se eleva a 1.890.000.000 dollars ou cerca de 7.000.000.000\$000.

A melhor qualidade do algodão americano é o da Georgia (sea-island e black-seed cotton). Esse algodão dá um producto fino, flexivel, muito branco, de fibra longa e setinosa. Vêm depois o "Luisianna", o "Mississippi", o "Natchez", o "Texas", o "Arkansas", o "Alabama", o "Mobile", o "Tennessee", o "Florida", o "Virginia" e outros. O "Upland" dá um producto regular, flexivel e tambem é chamado o algodão das terras altas.

VI

A exportação do algodão manufacturado dos Estados Unidos montou ao valor de 30.428.405 de dollars em 1914, 62.491.779 de dollars em 1915 e 84.339.325 de dollars em 1916. Mas não é



sómente exportado algodão manufacturado que os americanos ganham dinheiro: é também vendendo para o estrangeiro em bruto.

As exportações do algodão bruto americano foram nos seguintes valores, ao cambio de 16 ds:

	Dollars	Moeda brasileira
1904	372.049.000	1.116.147:000\$000
1899	210.080.000	630.240:000\$000
1909	417.390.000	1.262.170:000\$000
1911	585.318.000	1.755.954:000\$000
1912	565.849.000	1.697.547:000\$000
1913	547.357.000	1.642.061:000\$000
1914	610.475.000	1.831.425:000\$000
1915	376.218.000	1.128.654:000\$000
1916	374.186.000	1.122.558:000\$000

Em 26 annos, de 1875 a 1900, — 01, o algodão deu aos Estados meridionaes da União americana um lucro de 8.600.000.000 dollars, isto é, cerca de 34.000.000:000\$ em moeda brasileira ao cambio actual.

VII

PRODUÇÃO POR ESTADOS NA AMERICA DO NORTE

Em 1915 a produção de algodão americano foi, nos principais Estados, a seguinte em fardos de 500 libras:

Estados	Media por acre	Total (fardos)
Alabama	1.48	1.050.000
Georgia	1.93	1.900.000
Mississippi	1.70	940.000
N. Carolina	2.70	708.000
Oklahoma	1.55	630.000
S. Carolina	2.31	1.160.000
Texas	1.49	3.175.000

Só no Alabama a área occupada pelo algodão em 1913 era de 3.800.000 acres e a produção foi de 1.510.000 fardos no



valor de 91.704.000 dollars ou sejam Rs. 275.112.000\$000 ao cambio de 16 ds.

O Texas tinha uma área occupada pelo algodão de 12.072.000 acres, que em 1913 produziram 4.886.415 fardos no valor, em moeda brasileira de cerca de 700.000:000\$000.

Na Georgia a produção do algodão em 1913 foi de 2.275.000 fardos, no valor de cerca de 350.000:000\$000.

No Oklahoma a colheita do algodão em 1913, em 3.019.000 acres occupados por essa cultura, montou a 820.000 fardos, avaliados em 150.000:000\$000.

No Mississippi as plantações de algodão se estendem por 2.063.000 acres, que em 1913 produziram 1.195.000 fardos, avaliados em 72.048.000 dollars ou cerca de 216.000:000\$000.

Na Carolina do Sul a cultura do algodão se estende por 2.701.000 acres, produzindo 1.330.000 fardos de algodão em 1913, avaliados em 80.621.000 dollars ou cerca de Rs. 241.863:000\$000.

Na Carolina do Norte a área occupada pelo algodão era de 1.526.000 acres, que em 1913 produziram 765.000 fardos, no valor de cerca de 140.000:000\$000.

Esses valores colossaes podiam estar sendo produzidos no Brasil, dando-nos uma prosperidade invejavel, collocando-nos entre as nações mais ricas do mundo. Entretanto, não fazemos senão dormir.

A região algodoeira do Brasil comprehende quasi todo o paiz, pois que, desde o Pará até S. Paulo e mesmo os Estados meridionaes, todos se prestam á cultura dessa malvacea.

VIII

O CONSUMO MUNDIAL ANTES DA GUERRA

No anno de 1913 o consumo mundial do algodão foi o constante do quadro seguinte, expresso em fardos de 500 libras:



Países consumidores	Procedência do algodão consumido				TOTAL
	América do Norte	Índia Oriental	Egypto	Vários	
Gran-Bretanha	3.231.565	47.685	361.406	144.493	3.825.153
Allemanha	1.258.507	175.425	102.241	43.554	1.579.737
Rússia	376.886	16.014	67.084	1.481.778	1.941.762
França	787.594	93.141	77.787	29.160	986.682
Índia	73.528	1.622.909	893	1.098	1.698.428
Austria	628.704	154.138	32.910	23.315	837.065
Itália	537.917	164.945	17.584	23.504	743.950
Hespanha	261.611	31.160	18.713	17.625	329.109
Japão	423.121	987.527	16.011	154.113	1.580.782
Suíssa	58.832	1.317	26.304	973	87.327
Belgíca	171.010	82.409	810	3.149	257.378
Suecia	78.465	2.538	177	1.253	82.433
Portugal	59.125	632	1.020	12.860	73.637
Hollanda	67.713	10.927	222	6.947	84.809
Dinamarca	24.546	63	—	300	25.512
Noruega	3.416	1.401	—	552	11.459
Estados Unidos	6.553.000	—	201.000	32.000	6.786.000
Canadá	107.261	—	304	152	107.817
México, Brasil, etc.	3.242	50	2.862	230.052	236.306
Total	14.760.281	3.394.271	917.328	2.205.526	20.277.386

IX

NUMEROS DE FUSOS

O numero de fusos trabalhando o algodão no mundo era em 1910 de 133.384.794, em 1911 de 137.278.752 e em 1913 de 143.452.659 assim distribuidos:

Gran-Bretanha	55.652.820
Allemanha	11.186.023
Russia	9.212.557
França	7.400.000
India	6.084.378
Austria	4.909.458
Italia	4.600.000
Hespanha	2.000.000
Japão	2.300.000
Suissa	1.398.062
Belgica	1.492.258
Suecia	534.000
Portugal	480.000
Hollanda	478.682
Dinamarca	89.556
Noruega	74.572
Estados Unidos	31.505.000
Canadá	855.293
Mexico, Brasil e outros	3.200.000
	<hr/>
	143.452.659

X

OS PAIZES QUE IMPORTAM MAIS ALGODÃO

Mesmo os Estados Unidos, sendo os maiores productores do algodão, tambem têm importado esse artigo nos seguintes valores, ao cambio de 16 ds.:

	Dollars	Moeda brasileira
1899	5.913.000	15.039.000\$000
1904	8.541.000	25.623.000\$000
1909	13.622.000	40.866.000\$000
1911	24.776.000	74.328.000\$000
1912	20.217.000	60.651.000\$000
1913	22.987.000	68.961.000\$000
1914	19.457.000	58.371.000\$000
1915	23.209.000	69.627.000\$000
1916	40.150.000	120.450.000\$000

Em 1913, a importação na Inglaterra do algodão em bruto attingiu o valor de £ 70.571.000 ou sejam cerca de 1.400.000.000\$000, ao cambio de 12 ds. Em 1912 a Ingla-



terra importou algodão em bruto no valor de £ 80.239.000 ou cerca de 1.600.000:000\$000 ao cambio de 12 ds.

A Allemanha importou em 1912 algodão no valor de marcos 587.288.000 ou cerca de 440.000:000\$000.

A França em 1913 importou algodão bruto no valor de 541.200.000 francos ou cerca de 324.000:000\$000. A Italia importou em 1913 algodão no valor de 324.665.000 libras ou cerca de 194.799:000\$000.

Para se calcular no velho mundo a importancia da industria do algodão basta recordar a terrivel crise que occorreu na Inglaterra de 1861 a 1865 nos districtos manufactureiros especialmente no Lancashire. Tendo faltado o supprimento do algodão á Inglaterra, em consequencia do bloqueio dos Estados do Sul da União Americana, cerca de 2.000.000 de operarios na Gran-Bretanha ficaram em completa miseria, que só cessou aos poucos quando a importação do algodão começou a ser restabelecida e com o incremento que teve então a importação proveniente do Egypto, do Brasil, da India e outras origens. E por isso têm sido constituídas na Inglaterra commissões com o fim de estudar o que na industria da tecelagem se chama a fome do algodão.

A produção mundial já chegou a ser insufficiente em certas occasiões e não é impossivel que isso torne a acontecer com a crescente e accentuada necessidade do artigo.

XI

O ALGODÃO NO EGYPTO

Só o Egypto tem exportado para a Inglaterra algodão em bruto nos seguintes valores:

	Libras esterlinas	Moeda brasileira cambio de 16
1908	13.698.676	205.480:140\$000
1909	15.841.257	237.618:855\$000
1910	17.737.239	266.058:058\$000
1911	17.305.225	258.578:375\$000
1912	20.760.943	311.414:145\$000



Toda a organização económica do Egypto é alimentada pelo algodão. Tire-se-lhe este artigo e, commercialmente, pode-se dizer que desaparece o Egypto do rol das nações productoras. E' essa fibra a base, a unica fonte de riqueza do Egypto. E por isso os inglezes não hesitaram em despende na barragem e irrigação do Egypto cerca de 15.000.000 de libras esterlinas.

São colossaes os capitães inglezes empregados nas plantações algodoeiras. O Governo egypcio, tendo em vista a uniformisação da produção na base do melhor typo, faz com que todos os agricultores lhe comprem sementes seleccionadas e da melhor qualidade, quando desejam renovar as plantações existentes ou alargar a área cultivada. Os inglezes construíram uma estrada de ferro para o Mar Vermelho, tendo exclusivamente em vista o transporte do algodão produzido nas modernas plantações ao sul de Khartoun.

XII

OS SUB-PRODUCTOS DO ALGODÃO

Além de todos os valores acima considerados no intercambio dos diferentes paizes, cumpre ainda attender a que os sub-productos do algodão têm cada vez mais importancia e valor crescentes. A principio só os fios eram aproveitados, hoje, porém, pode-se affirmar que nada se perde de nenhuma parte da preciosa malvaeca, tudo della se utilizando. O valor dos sub-productos do algodão nos Estados Unidos chega a attingir um quarto do valor da fibra.

As hastes e folhas do algodão têm um valor consideravel como forragem e como adubo.

Depois da fibra, porém, o producto mais importante do algodão é o caroço. O algodão colhido consiste $\frac{1}{3}$ approximadamente em fios e $\frac{2}{3}$ em caroços, quer dizer, 9.000.000 de fardos produzem 4.500.000 de toneladas de caroços. Cerca de 7 % dos caroços é utilizado nas plantações, o resto é aproveitado para oleo, forragem, fertilisante e outros fins.

A industria do oleo contribuiu para augmentar em proporção notavel o valor das colheitas, pois os caroços deixaram de ter



o primitivo emprego de simples, mas excellente adubo ou, o que tambem succedia, o de combustivel. O encarecimento dos caroços foi tal que os criadores tiveram de diminuir a quantidade que delles e seus preparados usavam como optimo alimento para o gado sobretudo durante o inverno.

E' enorme o desenvolvimento que tem tido nos Estados Unidos o fabrico de oleos extrahidos das sementes.

Em 1860, segundo informa H. Lecomte, havia apenas 7 fabricas desse artigo. Em 1870 esse numero se elevava a 26, subindo em 1880 a 45, em 1890 a 119, em 1894 a 252. E dessa data em deante parallelamente ao grande desenvolvimento da lavoura algodoeira, numerosos estabelecimentos novos desse genero foram surgindo e prosperando. O valor da exportação creceu rapidamente: de 741.000 dollars em 1860 subiu a ... 2.205.000 em 1870; a 7.690.000 em 1880; a 19.445.947 em 1890; a 30.000.000 em 1894. A produção, de 1879 a 1880, andou por perto de 9.000.000 de gallões. De 1893 a 1903, foi de nada menos que 110.000.000. Com os progressos da chimica industrial o valor desse oleo augmentou consideravelmente. E elle passou a ser usado em fins culnarios, a constituir um substituto do oleo de azeitonas, a ser empregado no fabrico de sabonetes e outros varios productos.

XIII

A PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO DE ALGODÃO NO BRASIL

A produção exportada brasileira, remontando ao passado, foi em differentes annos a seguinte:

	Kilos
1800	11.000.000
1860	22.000.000
1870	45.000.000
1874	78.000.000

Em consequencia da guerra civil nos Estados Unidos, os preços subiram consideravelmente e a exportação brasileira attingiu



em 1874 ao valor de Rs. 46.000.000\$000. O Brasil occupou então o terceiro lugar entre os paizes exportadores do algodão. Hoje occupa um dos ultimos logares.

O algodão exportado pelo Brasil nos ultimos annos expressa-se nos seguintes algarismos:

Annos	Toneladas	Valor	Valor por
		(mil réis ouro)	kilo (papel)
1902	32.137	10.761:352\$000	\$523
1903	28.235	11.765:916\$000	\$376
1904	13.262	7.346:728\$000	\$436
1905	24.081	10.290:796\$000	\$455
1906	31.668	14.706:492\$000	\$483
1907	38.036	15.417:841\$000	\$492
1908	3.565	1.822:514\$000	\$477
1909	9.968	5.260:551\$000	\$456
1910	11.160	7.973:732\$000	\$489
1911	14.647	8.713:568\$000	\$482
1912	16.774	9.221:294\$000	\$502
1913	37.423	20.512:711\$000	\$542
1914	30.434	16.556:095\$000	\$459
1915	5.223	2.550:856\$000	1\$051
1916	1.071	1.066:560\$000	2\$241
1917	5.941	7.046:026\$000	2\$540

O Brasil occupava o segundo lugar na produção mundial do algodão em principio do século XIX, tendo exportado em 1820 só para a Inglaterra 13.226.764 kilos, cabendo já então o primeiro lugar aos Estados Unidos.

Um século depois nós chegamos a exportar apenas 5.941.000 de kilos ou a metade. Na quantidade fomos eliminados e na qualidade igualmente os nossos concorrentes nos levaram completamente de vencida. Si a fibra do algodão brasileiro foi outr'ora classificada entre as melhores conhecidas, acha-se ella hoje senão desclassificada pelo menos tida apenas como regular e certamente considerada inferior á de muitos paizes, facto esse devido á ausencia de criterio scientifico na cultura respectiva assim como á falta de selecção de sementes e ao cultivo de sementes de variedades diversas, ao mesmo tempo e sobre o mesmo terreno, donde a hybridação constante e prejudicial para a obtenção de fibras diversas reclamadas pela industria moderna.



Para encontrarmos collocação para o producto brasileiro nos mercados estrangeiros é indispensavel melhorar os processos de produção, seleccionando as sementes, provendo ao perfeito beneficiamento das colheitas, facilitando os transportes e, principalmente, conseguindo uniformisar toda a nossa produção na base dos melhores typos.

XIV

O ALGODÃO COMO PROGRAMMA POLITICO NACIONAL

"Não necessitamos, dizia Carlos Peixoto, para desenvolver a lavoura do algodão, de grandes obras e grandes despesas, como no Egypto ou nos Estados Unidos; nada nos falta, pois, senão a energia e o trabalho humano, o esforço systematico e intelligente, a persistencia e a confiança. Agora, sobretudo, precisamos acudir com remedio prompto e efficiente ao abalo forte que está soffrendo a nossa vida economica devido á crise da borracha e á natural restrição do consumo do café; temos necessidade de estabelecer prompta compensação ao desfalque das nossas exportações e não são muitos os productos que para isso offerecem as excepcionaes vantagens da cultura do algodão: terreno propicio já aparelhado, excellencia verificada de fibra produzida e rapidez extraordinaria na obtenção da colheita, só nos faltando energia e um pouco de instrução para melhorar os methodos rotineiros".

A cultura do algodão devia ser, pois, agora o objecto de uma politica nacional intensa e pertinaz, devia ser o alvo precipuo das administrações publicas.

Ella é a unica capaz de dar vida nova ao organismo anemico da nossa nacionalidade. Ella nos conferiria um lugar de destaque na produção mundial. No Norte do paiz, principalmente, ella viria acordar uma raça inteira para o trabalho, para a civilisação, para a vida intensa, despertando-a do marasmo em que se paralysa. Todos os mercados do mundo absorverão e disputarão o nosso producto quando o offerecermos de accordo com as exigencias industriaes.

Quantidade de água

200





Desenho de Maria Graham.

Gravura de Edw. Pinden.

Arvores n'um jardim da Bahia.



Entretanto, industriaes europeus já reclamaram contra a patente inferioridade da fibra enviada do Norte, chegando ao ponto de recusal-a e procurando adquiril-a em outros mercados. Dahi já resultou o retrahimento nas praças do Norte e consequente accumulo de stock sem saída.

O Brasil tem todos os elementos naturaes para se tornar no mundo o paiz de maior produção e exportação de algodão. Para isso, porém, tem faltado o estímulo de uma politica que constituísse o algodão um programma politico.

No Egypto a vontade pertinaz e prophetica intuição de um homem, o grande Mehemet'Ali, tornou a sua memoria venerada nesse paiz, por ter sido o verdadeiro iniciador da cultura methodica e scientifica do algodão e, por essa forma, o creador da grande riqueza e prosperidade do Egypto moderno.

E' preciso, no Brasil, que abandonemos os actuaes processos rotineiros, antiquados, quasi barbaros, adoptando e praticando as lições fornecidas pela experiencia dos paizes mais adiantados no assumpto, divulgando entre os agricultores idéas praticas e modernas, demonstrando-lhes os inconvenientes da falta de cuidado na escolha das sementes e da plantação de diversas variedades no mesmo local, o que acarreta a irregularidade na produção.

MARIO PINTO SERVA



LUIZINHA ⁽¹⁾

COMEDIA EM DOIS ACTOS

ACTO II

SCENA I

SARA. (*Entra pela porta A, dirigindo-se á porta C. Para. Mira-se num espelhinho de estajo*). A mascara está boa. E agora, corajem.

LUIZINHA (*entrando pela porta C*). Ia procural-a. Mãe notou a sua ausencia, Espilquel que você estava compondo a toilette com que entrara da rua. Ella achou-o natural em noiva tão facelra...

SARA. (*Com amargura*) Noiva... bem sabe você que já não o sou.

LUIZINHA. Vá minha Sara. Estacio la está em serviço de missa Gribble assanhada por noticias dos bugres. Os outros ouvem, absorvidos. Você também fica absorvida — o Estacio fala tão bem! — e poderá assim, sem se comprometter, adoral-o em silencio... Vocês dois.. O meu sonho dourado é ser madrinha num casamento *chic*. Convidou para minha afilhada.

SARA. Deixemo-nos de phantasias, Luizinha. Nem falemos mais nisso.

LUIZINHA. Quer apostar que você casa com Estacio?

SARA. Não, Luizinha. O Estacio é um caracter. Executa com firmeza o que resolve. Eu comprendo-o. No caso d'elle, parece-me que procederia do mesmo modo.

LUIZINHA. Ora essa! Então você, minha fingida...

SARA. O escrupulo de Estacio é um exagero. Mas Estacio, você sabe, é um exagerado. E foi como elle é, e por ser como é, que eu o amei.

LUIZINHA. Que orgulhosa! Que dois me sahiram vocês dois!

SARA. O que tenho a fazer é resignar-me. Estou já quasi resignada.

LUIZINHA. Pois eu prohibo-lhe que se resigne. Prohibo-lh'o com a autoridade de irmã mais velha. Faço hoje dezenove annos. Você tem quatro dias menos, é uma eriança (*batendo o pé*). Quero que você case com Estacio. Morrendo por isso está elle (*Abraçando-a*). E você também, minha flor!

SARA. Não. Estacio não quer, porque pensa que é esse o seu dever. Eu não quero, porque seria humilhante — para mim... e para elle.

(1) V. a *Revista do Brasil* de agosto.



LUIZINHA. Mas quero eu. Estacio adora-a...

SARA. E supõe você que eu duvido disso? ...Luizinha, sei quanto é minha amiga. Peço-lhe que não falemos mais desse caso acabado. Repito-lhe o que já lhe pedi: faça de conta que ignora tudo. Só de você não o occultei — não o pude occultar. Respeite, como eu respeito, o escrupulo de Estacio...

LUIZINHA. Si você exige...

SARA. E poupe o que, em tudo isso, posso salvar: o meu amor proprio.

LUIZINHA. O seu amor... proprio. Eu, no seu caso, tratava de salvar a todo custo... o outro. Fosse commigo. Sabendo que aquelle de quem eu gostasse tinha por mim a paixão que o Estacio tem por você, e desistia de casar commigo por ser pobre (*altivamente*) eu...

SARA. Você...

LUIZINHA. Sara, minha irmã, que terrivel idéa!... (*mudando de tom, depois de uma pausa, e empurrando Sara carinhosamente*) Vá, minha Sara, Não escute o seu amor proprio. Lute corajosamente pelo outro, pelo que, como diria miss Gribble, é... (*improper. (Sara sabe)*).

SCENA II

LUIZINHA. (*Depois de chamar, da porta, por gestos, recommendando-lha silencio, alguém que está dentro*). Que estará pensando de mim o Estacio? Que eu sou uma estouvada, e quero casar com elle. Levemos até ao fim esse logro.

SCENA III

D. Emilia, Luizinha

D. EMILIA. (*Entrando*) Que misterio temos, que você me chamou com tanta mimica?

LUIZINHA. (*Fazendo-a sentar*) Sente, mamãe. Bem. A minha mamãesinha promette fazer o que eu lhe pedir?

D. EMILIA. Eu, prometter? Deus me livre. Já estou imaginando que é alguma travessura.

LUIZINHA. E... si fosse? As minhas travessuras só o são na apparencia. E a minha mamãesinha é tão boa, tão boa!... (*Abraça-a*).

D. EMILIA. Sahe d'aqui, tentaçõesinha. Que estará você preparando?

LUIZINHA. Mamãe quer tanto bem ao Estacio...

D. EMILIA. E depois?

LUIZINHA. Mamãe quer tanto bem a Sara...

D. EMILIA. Outra descoberta. Não vão espalhar-se esses segredos...

LUIZINHA. A minha mamãesinha me dá tudo quanto eu quero...

D. EMILIA. Tenho tido esse defeito. Mas vou tratar de corrigir-me.

LUIZINHA. A minha mamãesinha me dá tudo quanto eu quero....

D. EMILIA. Muito mimo é que eu lhe dou...

LUIZINHA. (*sentando-se-lhe no collo*) Sebretudo mimo... mimo... mimo... Ah que mãesinha boa e querida que eu tenho!

D. EMILIA. Mau, mau, mau...

LUIZINHA. Só uma cousa minha mããesinha nunca me deu, e eu queria tanto ter...

D. EMILIA. (*sorrindo*) Um nóvo? Dou...

LUIZINHA. (*levantando-se*) Nóvo arranjaréi eu mesma. E ha-de ser do meu gosto... e do seu, prometto-lhe. O que a minha mããesinha nunca me deu e eu queria tanto ter era...

D. EMILIA. Era?

LUIZINHA. Um irmão.

D. EMILIA. (*levantando-se*) Pois você estará pensando em fazer-me casar? Tenho mais em que cuidar. Não me sobra tempo para perder a ouvir as suas caçadas...

LUIZINHA. (*Detendo D. Emilia*) Mãe, porque não adóta como filho o Estacio?

D. EMILIA. Ah, agora entendo. Mas sempre tinha curiosidade de saber para que...

LUIZINHA. Primeiro, para me dar um grande gosto. Eu gostaria tanto de ter um irmão que fosse o Estacio!... Depois, para fazer felizes a Estacio e a Sara...

D. EMILIA. Que lembrança! Bem felizes são elles sem isso.

LUIZINHA. Não, mãe, são muito desgraçados. Muito. Mãe promette guardar segredo?

D. EMILIA. Prometto.

LUIZINHA. E' um segredo que eu surpреди por acaso, e só de mãe posso confiar. Sara e Estacio já não se casam...

D. EMILIA. Estão de arrufos? Isso não dura vinte e quatro horas.

LUIZINHA. Não, mãe. E' sério. Os dois resolveram não se casarem mais...

D. EMILIA. (*levantando-se*) Vou indagar que criança é essa...

LUIZINHA. Mãe prometteu guardar segredo... Sente. Estacio está pobre...

D. EMILIA. Estacio? Ora, Luizinha... Que fez elle do que tinha?

LUIZINHA. O seu procurador arruinou-o e fugiu. Elle está sem nada. Só o soube ao chegar ao Rio. E veio a S. Paulo para declarar a Sara que não quer sacrificá-la á miséria a que se julga votado. Foi o segredo que surpреди, Estacio volta amanhã, desesperado, para o sertão, decidido a lá viver... e acabar.

D. EMILIA. E Sara?

LUIZINHA. Sara resistiu. Acabou por comprehender a abnegação de Estacio. Submetteu-se, medrosa de o humilhar. Chorou... enxugou as lagrimas... está fingindo que é a mesma Sara... e é a mais infeliz das creaturas.

D. EMILIA. E' um caso triste. Mas não o romantizemos. O que os dois resolveram é sensato. Consolar-se-hão. Sara fará um casamento que lhe convenha, Estacio também.

LUIZINHA. Não, mãe, Sara não casará sinão com Estacio. Estacio não casará senão com Sara. Os dois são de um velho tronco, o nosso, em que é tradição amar uma só vez, e fazer desse amor unico o supremo interesse da vida... E' preciso que mãe os obrigue a casarem.

D. EMILIA. (*sorrindo*) A' força? Que lembrança!

LUIZINHA. A' força, sim. Adoptando Estacio.



D. EMILIA. E supõe você que, por ser meu filho adoptivo, Estacio me obedeceria?

LUIZINHA. Como seu filho adoptivo, Estacio poderia casar com Sara, Mamãe é tão rica...

D. EMILIA. Sim, é uma idéa. Mas pensa você, cabedinha de vento, que eu tenho o direito, ou quereria exercê-lo, se o tivesse, de prejudicá-la em metade de minha fortuna?

LUIZINHA. Mamãe é tão rica!... Eu mesma já sou tão rica! E para que? Para que seryem as sobras da riqueza senão para fazer o bem? Sara e Estacio são toda a nossa familia. Nós somos a unica familia delles. Gastamos tanto, e foi mamãe que me ensinou e me ensina o gosto disso, em acudir a gente que nem conhecemos... Que melhor poderíamos empregar as sobras da nossa riqueza do que em fazer a felicidade dos nossos, que tanto o merecem?

D. EMILIA. Isso não tem pés nem cabeça. Pois você acredita que eu, por minha vontade! — iria prejudicá-la em dous ou trez mil contos? A sua idéa é uma idéa de criança. Você vê estas cousas com olhos de criança.

LUIZINHA. Mamãe, não pense em prejuizo meu... Eu conheço a historia de uma moça que rompeu com os preconceitos e a ambição dos seus, opulentos e orgulhosos, para casar com o moço de que gostava, e que era pobre... Deus abençoou-a. E os dous foram tão felizes, não foram? até que papae morreu... Minha mamãesinha, não deseje riquezas, deseje felicidade para sua filha. Como poderia eu ser feliz vendo Sara infeliz ao meu lado? Minha mamãesinha, o que eu lhe peço não é para Estacio, não é para Sara... é para mim.

D. EMILIA. Mas, minha filha...

LUIZINHA. Adopte Estacio, sim, mamãe?

D. EMILIA. E' mais natural dar um bom dote a Sara...

LUIZINHA. (*Fazendo um signal de negativa com a cabeça*) Estacio não casaria com Sara tornada rica... E a adopção de Estacio pôde mamãe dar uma fórma tão delicada! Elle é o unico homem da nossa familia. Foi sempre, mais ainda desde que ficou orphan, como um filho seu. Ser mãe de um homem como Estacio... Que idéa ambiciosa e tentadora! Elle não recusará de certo o que mamãe, dando-lhe taes motivos, lhe pedir que accête. E sendo seu filho, Estacio poderá casar e casará com Sara.

D. EMILIA. Farei o que seu coração aconselha, minha filha. Seu coração aconselha sempre bem.

LUIZINHA. Eu tinha certeza disso! Minha mamãesinha é tão boa!... O que é preciso é que nem Estacio nem Sara desconfiem nunca de que eu tive qualquer parte nisso. A idéa é de mamãe. Para mim será uma surpresa.

D. EMILIA. Ora essa! Porque?

LUIZINHA. Porque eu surpriendi um segredo que mamãe precisa fingir que ignora. E depois, o beneficio que se recebe de uma mãe não humilha. Eu sou uma igual delles. Mamãe é a mãe de nós trez. Arranje isso depressa, mamãe. Estacio está ancioso por voltar para o sertão, coitado. Eu raspo-me. (*Sac. D. Emilia faz soar o tympano, e fica pensativa*).

SCENA IV

JESUINA. A senhora chamou?

D. EMILIA. Vá dizer ao sr. dr. Estacio, lá dentro, que lhe peço o favor de vir falar-me.

JESUINA. Vou, minha senhora. E' o que toca no piano?

D. EMILIA. Não, E' o outro.

JESUINA. Sim, minha senhora. E que hei-de dizer ao outro?

D. EMILIA. Ao outro, nada.

JESUINA. Nada?

D. EMILIA. Diga ao sr. dr. Estacio...

JESUINA. Pois é esse que eu cuidava que era o outro...

D. EMILIA. (*Levantando-se*) E' mais facil ir eu mesma. Você pôde voltar para o seu serviço. (*Sae*).

JESUINA. Volto para o meu serviço, que é espanar pó onde o não ha. Volto. Eu só não vou aonde me não mandam. Agora quando me mandam e me desmandam, não vou. Diz que o tal doutor que é o outro, e que o outro que não é elle. Não entendo esta gente do Brasil. Mas, tirante isso, parece que é boa gente (*Sae*).

SCENA V

D. Emilia e Estacio

D. EMILIA. (*Entrando com Estacio*) Sentemo-nos. Estacio, sabe que sempre lhe quiz como a um filho. Terá algum motivo para não o querer ser de verdade?

ESTACIO. (*Sobresaltado*) Mas é impossivel, titia.

D. EMILIA. Seu pai era meu irmão. Sua mãe foi, desde criança, a minha melhor amiga. Você foi o meu primeiro sobrinho. Posso dizer que o ajudei a criar — e com que entusiasmo de tia de doze annos... Meu marido adorava-o, lembra-se? Até que Luizinha nasceu, você foi como um filho unico do nosso casal. Desde que ficou orphan, foi como um segundo filho meu...

ESTACIO. Sim, titia, Tem sido para mim uma carinhosa segunda mãe...

D. EMILIA. Estou tão acostumada a isso... Porque me recusará titulo para o ser de verdade?

ESTACIO. Mas é impossivel, titia. Perdoe-me...

D. EMILIA. Impossivel? Era um desejo que eu trazia de longe... Muito, pelo affecto que lhe tenho; um pouquinho por ambição. Ter por filho um homem como você, participar na sua gloria... Ser mãe de todos os que são hoje a minha familia, e que no meu coração parece que são todos meus filhos, Luizinha, Estacio, Sara...

ESTACIO. Sara?...

D. EMILIA. Pois como mulher de meu filho Sara não será, mais ainda do que já a considero, minha filha?

ESTACIO. Sara, minha mulher?...

D. EMILIA. Sei que ainda não o é. Mas vocês não pretendem ficar indefinidamente noivos, supponho...

ESTACIO. Não estou entendendo bem, titia...

D. EMILIA. Uma cousa tão simples? Que eu deseje fazer-o meu filho adoptivo?

ESTACIO. Ah, minha boa titia, compreendo. E quero, de todo o coração, ser seu filho. Mas só de coração o posso ser.

D. EMILIA. Porque?

ESTACIO. Porque a lei não permite que adoptem os que têm filhos legítimos.

D. EMILIA. Tem certeza disso?

ESTACIO. Toda a certeza.

D. EMILIA. Ora essa. Então a lei me impede...

ESTACIO. A lei defende, e com razão, os direitos de Luizinha. Mas não me proíbe de a adorar como a melhor das mães.

D. EMILIA. Ora essa! Ha leis bem esquisitas! (Pausa) Mas eu quero realisar, ainda que truncado, esse desejo que era uma alegria do meu coração. Estacio, você não precisa de mim; mas eu preciso de você. Já lhe disse que tenho a ambição de participar na sua gloria, de colaborar de algum modo no seu esforço pela da nossa terra... Se não fosse a lei, você aceitava-me para sua mãe adoptiva, não aceitava? Diga. Diga que sim.

ESTACIO. E poderia recusar-o, minha boa mãe?

D. EMILIA. Obrigado, meu filho. Pois bem A lei não proíbe que eu disponha de uma parte dos meus bens...

ESTACIO. Oh! titia, que idéa...

D. EMILIA. Volta a tratar-me por titia. Tel-o-ei offendido, Estacio?

ESTACIO. Perdoe-me... Mas o que lembra...

D. EMILIA. Teve você escrupulo ao receber a herança de seus paes? Sentir-se-la melindrado por um legado no meu testamento? Recusaria mesmo toda a minha fortuna si eu morresse sem outro herdeiro? Porque ha-de regeitar de mim, viva, o que não regeitaria si eu estivesse morta? Porque ha-de privar-me desse grande prazer de en-tregar-lhe por minhas mãos o que lhe destinava quando tinha a doce esperança de fazel-o meu filho adoptivo?

ESTACIO. Peço-lhe encarecidamente que não pense nisso. Como poderia eu consentir em despojar Luizinha do que é della?

D. EMILIA. Della? O que é meu não é de Luizinha, é meu. Luizinha é já muito rica, demasiado rica para o seu gosto. Metade da minha fortuna em nada altera a situação della. Tem por você uma amizade que é quasi um culto. Conheço-a. Receberá esta noticia com enthusiasmo — e dirá a proposito duas graças. Vou chamal-a.

ESTACIO. Titia, peço-lhe...

D. EMILIA. Ella deve estar-se preparando para o jantar. Vou chamal-a.

SCENA VI

Estacio, só

ESTACIO. A minha recusa seria uma grosselra ingratição. E tenho a certeza de empregar dignamente essa riqueza, hourando aquella que m'a confia... Sara, minha pobre e querida Sara! Tive coragem de perder-te uma vez, não tenho a de perder-te segunda. O que eu queria é que tu fosses feliz. A tua felicidade está agora nas minhas mãos — sou eu. Tel-a-ás, minha Sara!... E Luizinha? Não nos preocupemos, a proposito de cousas sérias, como uma travessura de criança. Numa

repente de entusiasmo, Luizinha pensou em casar commigo. Já estará pensando em outra cousa...

SCENA VII

Estacio, D. Emilia, Luizinha, Jesuina

(Ao chegarem D. Emilia e Luizinha á porta A, Jesuina, pela porta B, dirige-se a D. Emilia, que fica a rathar-lhe baixo, enquanto Luizinha se dirige a Estacio).

JESUINA. (A D. Emilia.) Minha senhora, pareceu-me ouvir dizer ao copeiro que não sabia quantas pessoas seriam a jantar. Como eu tambem não sabia, vim perguntar...

LUIZINHA. (A Estacio) Será que você se decidiu ao que lhe propuz? Previno-o, porém, de que tudo deve ficar em segredo até encaminharmos um casamento conveniente para Sara...

D. EMILIA. A surpresa que eu queria fazer-lhe na presença de Estacio era dizer-lhe que elle accedeu, por muita instancia minha, em ser meu filho adoptivo...

ESTACIO. Perdão...

LUIZINHA. Filho adoptivo? Para que é isso? Elle sempre foi aqui em casa o filho mais velho. Quantas vezes eu dizia que mamãe queria mais bem a Estacio do que a mim... Não vejo novidade nenhuma...

ESTACIO. Perdão, minha prima...

LUIZINHA. Está perdendo por esta vez, primo Estacio.

ESTACIO. (Sorrindo) Perdão, Luizinha. Ha no que titia pretende uma novidade que lhe interessa. A minha adopção causar-lhe-ia um prejuizo enorme. Como seu irmão...

LUIZINHA. Não poderá casar commigo? E' pena. Você bem sabe que eu o considerava um ottimo partido.

D. EMILIA. Fale serio, Luizinha. O escrupulo de Estacio...

ESTACIO. Não é só um escrupulo, titia...

D. EMILIA. E' que, como seu irmão, elle participará com você na minha fortuna.

LUIZINHA. Estacio, vou falar serio. Mamãe manda, eu obedeco. Do contrario, saltava-lhe ao pescoço chamando-lhe maninho... Tudo quanto mamãe faz é bem feito. Foi preciso que ella instasse com você? Isso é ingratitude, Estacio.

ESTACIO. Não, Luizinha...

LUIZINHA. E' preciso que eu tambem inste? Peço-lhe que aceite. Peço-o de todo o coração, Mamãe vai ficar tão contente com isso... E eu tambem. Nós fomos sempre, desde crianças, como irmãos. E eu não lhe dizia (a D. Emilia) que gostaria tanto de ter um irmão que fosse o Estacio? Você não pôde recusar, e não o recusa a mamãe, não?

ESTACIO. Não sou ingrato. E não quero parecer que o sou. (beija a mão a D. Emilia).

D. EMILIA. Obrigado, meu filho.

(Estacio pretende beijar a mão de Luizinha)

LUIZINHA. (offerecendo-lhe a testa). Aqui. Entre irmãos, o que você pretendia seria pedantismo.

D. EMILIA. Vou dar uma vista d'olhos lá por dentro...

LUIZINHA. E eu vou cantar. Você livrou-se de mim, que tentei caçalo para marido. Mamãe foi mais habil do que eu: caçou-o para filho. Enfim, sempre ganhei um irmão. Serve. Estou contente. (*Dirige-se para o piano.*)

ESTACIO. Esta cabecinha de vento tem um grande coração... Agora, ao pensar nisso, lembro-me de que sempre o teve assim...

LUIZINHA. (*cantando*):

OLHOS VERDES

* Olhos encantados, olhos cor do mar,
Olhos pensativos que fazem seismar...

Que formosas cousas, quantas maravilhas
Em vos vendo sonho, em vos fitando vejo...
Córtes pittorescos de afastadas ilhas
Balouçando no ar seus coqueirões em flor,
Solidões tranquillias feitas para o beijo,
Ninhos verdejantes feitos para o amor...

SCENA VIII

Luizinha, Estacio, Gervasio, Sara, Miss Gribble, e, depois, D. Emilia

GERVASIO. (*Entra, seguido de Sara e miss Gribble, e dirige-se a Luizinha*) Corri para a minha obrigação. Permite que a acompanhe?

LUIZINHA. (*Cedendo-lhe o lugar ao piano*) Permite. Vou buscar a musica. (*Vae à estante, onde se demora escolhendo*).

MISS GRIBBLE. (*A Gervasio e Sara, depois de olhar no relógio de pulseira*). Oooh, preciso preparar-me para o jantar. Permissão (*Sae*).

ESTACIO. (*a Sara*) Concede-me uma palavra. Sara? (*Sara olha-o admirada, e acompanha-o para o outro lado da scena*).

LUIZINHA. (*Baixo, a Gervasio*) Espere um pouco. Finja que estamos falando em segredo... que estamos trocando confidencias. (*Fica a observar disfarçadamente Estacio e Sara*).

ESTACIO. Sara, nossa tia, ignorando a minha situação, transformou-a por completo...

SARA. Como?

ESTACIO. Quiz adoptar-me por filho... isto é, que eu aceitasse parte da sua fortuna...

SARA. E você?

ESTACIO. Poderia recusar-o?

SARA. Fex bem, Estacio. Ella sempre lhe quiz como a um filho.

ESTACIO. Aceitel por ella, e por... nós dois. E agora...

SARA. Estacio, mesmo o que você considerava um obstaculo entre nós, nunca o foi para mim. (*Estende-lhe a mão, que Estacio aperta demoradamente. Em seguida, começando Luizinha a cantar, os dois aproximam-se do piano*).

LUIZINHA. (*cantando*):

(*) Musica de Maestro Antonio Carlos.

Olhos pensativos que falais de amor!

Vem cahindo a tarde, vae subindo a lua;
O horizonte, como para recebel-as,
De uma flubria de ouro toda se debrua;
Afla a briza, chefa de ternura ousada,
Esfrolando as ondas, provocando nellas
Bruscos arrepios de mulher beijada.

Olhos tentadores da mulher amada!

Uma vela branca, toda alvor, se afasta
Balançando na onda, palpitando ao vento;
Ella que mergulha pela noite vasta,
Pela vasta noite feita de luar...
Ella que mergulha pelo firmamento
Desdobrado, ao longe, nos confins do mar.

Olhos pensativos que fazels sonhar!

Branca vela errante, branca vela errante,
Como a noite é clara! Como o céu é lindo!
Leva-me contigo pelo mar... Adiante!
Leva-me contigo até mais longe — a essa
Fimbría de horizonte onde te vaes sumindo
E onde acaba o mar, e de onde o céu começa...

Olhos abençoados, chelos de promessa!

Olhos scismadores que fazels sonhar,
Olhos cor do mar!

D. EMILIA. (*Que entrará enquanto Luizinha cantava. A Estacio*).
A sua mala chegou. Era só uma?

ESTACIO. A minha mala?

D. EMILIA. Logo que você disse que tinha descido na Rotisserie, mandei buscar a sua bagagem. Não está com saudades do seu quarto? Vá vel-o. (*Discretamente*) E leve o sr. Gervasio, que ha-de querer preparar-se para o jantar.

ESTACIO. (*A Gervasio*) Faço empenho em mostrar-lhe como nesta casa é príncipe um filho prodigo. Venha commigo ver o meu quarto, que não vejo ha dois annos...

GERVASIO. (*acompanhando-o*) Com muito prazer. Dão-me licença?

D. EMILIA. (*a Estacio*) Sabe o caminho?

ESTACIO. Nunca fui esquecido, titia. (*Estacio e Gervasio saem*).

SCENA IX

SARA. (*apertando a mão a Luizinha*) Oh, Luizinha...

D. EMILIA. (*A Sara*) Destinei para dote do seu casamento uma noticia. Estacio...

SARA. (*Abraçando-a*) Já sei minha boa, minha querida... sogra.



D. EMILIA. (*sorrindo*) Já sabia? Pois eu queria fazer-lhe a surpresa. Vão confiar segredos a crianças...

SARA. (*Abraçando Luizinha*) E foi você...

D. EMILIA. Foi Luizinha? Que língua de trapos!...

SARA. (*sorrindo*) Quem me contou? Não. Isso foi Estácio... O que Luizinha fez foi...

LUIZINHA. (*Recomendando-lhe segredo*) Eu não fiz nada, senão applaudir a idéia que mamãe teve. Foi uma surpresa para mim.

SARA. Luizinha!...

LUIZINHA. Sara, eu não trahi o segredo que surpreendi, e não era meu. Você está sendo injusta para comigo... e ingrata para com mamãe.

D. EMILIA. Não entendo nada do que vocês estão para ali tagarelando. Antes vão tagarelar ao piano (*empurra-as docemente*).

LUIZINHA. (*A Sara*) Vamos, passarinho contente. Cante que é madrugada, (*Senta-se no piano, e acompanha*) Isto...

SARA. (*Cantando*):

* Faz frio. Ha bruma. Agosto vae em melo
E eu iria jurar, bemdito engano,
Que a primavera veiu
Antes do tempo, este anno.

Vi-te. Sob o nevoento ceu de Agosto
Nem os jardins começam a brotar;
Mas ha rosas no teu rosto
E azul, azul de ceu, no teu olhar.

Que importa o frio? a bruma? Agosto em melo?
Juro, posso jurar-o, não me engano:
A primavera veiu
Antes do tempo, este anno.

Amo-te. E assim como se não houvesse
Inverno, e a terra nua, e a bruma no ar.
O meu coração floresce
E ha luz, ha luz de sol, no meu olhar.

(*A melo do canto, Estácio e Gervasio apparecem á porta, onde estavam discretamente*).

SCENA X

ESTACIO. (*A Sara*) O meu coração floresce,
E ha luz, ha luz de sol, no meu olhar...

LUIZINHA. Sara cantou...

GERVASIO. Como um rouxinol.

LUIZINHA. Não. O rouxinol não é nosso. E canta de noite. O sabiá canta de madrugada. E tem a voz aveludada, de uma suavidade sem igual... (*A Estácio*) Estácio, sabe que Sara é uma perfeição?

ESTACIO. (*sorrindo*) E'?

(*) Musica do Maestro Antonio Carlos.



LUIZINHA. Esta lindezinha, este encanto, este mimo, tem um coração de deusa.

SARA. Ora, Luizinha...

LUIZINHA. E você, rude nambiquara e meu irmão mais velho, vá se habituando à idéia de adorar de joelhos... o seu ídolo. Ou terá de haver-se comigo. E, por falar nisso. Perdoa-me ter ha pouco tentado sobre você uma experiência?...

ESTACIO. Uma experiência?

D. EMILIA. Temos travessura...

LUIZINHA. Você chegou hoje, e de longe. De outro modo, já teria percebido o que aqui todos sabem. Sara, minha confidente de todos os dias, poderá contar-lhe por minutos essa história velha... Eu gosto, e ha muito tempo, de um moço — como Sara gosta de você. Não é verdade, Sara?

SARA. Dou o meu testemunho.

LUIZINHA. E esse moço... gosta de mim... Creio que como você gosta de Sara... Não é verdade, senhor Gervasio?

GERVASIO. Eu?!!!

D. EMILIA. Oh, Luizinha!

LUIZINHA. (*Tapando-lhe a bocca*) Não diga nada por enquanto, mamãe. A vez agora é minha. (*A Gervasio*) Sim, o senhor, gosta de mim. E não quer casar comigo. Eu leio na sua alma como num livro que já sei de cor. Não quer casar comigo, ou supõe que não quer, porque eu tenho um defeito. O senhor considera humilhante pretender uma moça que tem o defeito de ser rica. Eu, que sou uma criaturinha vulgar, não me sinto humilhada por querer casar com um grande artista. Ponha de parte o seu amor próprio como eu estou pondo o meu. Ha outro que vale mais do que esses dois. Se a minha riqueza é um embaraço à nossa felicidade, desistámos della. Ha tanto melo de dispor com utilidade para outrem de uma riqueza inutil para a gente... Quer, no seu justo orgulho, ser sempre o artista que é, e dever-se apenas ao seu genio e ao seu trabalho? Mas não sacrifique a essa nobre ambição o que não é preciso sacrificar... Eu serel, contente, a mulher do modesto professor de canto que o senhor não quer deixar de ser...

GERVASIO. (*A D. Emilia*) Dá licença que eu diga á sua filha o que sinto?

D. EMILIA. (*sorrindo*) Diga. Mas diga-lhe tudo quanto realmente sente...

GERVASIO. (*A Luizinha*) Minha senhora, eu nunca lhe disse, ou a ninguém, que a amava...

LUIZINHA. O Senhor foi sempre tão discreto... Mas o meu dedo min-dinho...

GERVASIO. Nunca lhe dei a perceber qualquer sentimento...

LUIZINHA. A mim? Nunca. Sara é que percebia, e me contava...

GERVASIO. Mais de uma vez, tentando fugir, arrancar-me a esta situação que considerava insolúvel, pedi dispensa...

D. EMILIA. Mas Luizinha não queria outro professor...

LUIZINHA. E mamãe não queria outro genro...

GERVASIO. E eu não tinha coragem... Porque... Porque... (*Agarrando o braço de Estacio*) Mas diga-me, pelo amor de Deus, eu não estarei sonhando?

ESTACIO. Está vivendo o mais bello sonho da vida.

D. EMILIA. (*Que tem estado enlaçando Luizinha, a Gervasio*) Então para mim não ha um abraço?

GERVASIO. (*Beijando-lhe a mão*) Perdoe-me... Estou tão atordoado...

LUIZINHA. (*Indo buscar Miss Gribble, que apparecêra á porta, em grande toilette*) Apresento-lhe o senhor Gervasio Gomes, um grande artista, que deu á sua Luizinha a honra de aceitar-lhe a mão. Miss Anna Edith Gribble, que me atura desde que eu era assim, e para quem eu sou, e espero ser sempre, a sua pequena Luizinha...

MISS GRIBBLE. O senhor fará venturosa minha pequena Luizinha... Sim... Ambos.

LUIZINHA. Miss Gribble ha-de conservar-se sempre a minha amiga e companheira, não?

MISS GRIBBLE. Sim, sempre! Da minha *terrible* Luizinha.

LUIZINHA. Agora, mais do que nunca, preciso das lições da minha excellente professora. Não sei ser noiva...

MISS GRIBBLE. (*riudo*) Ooooh... Melhor do que eu... Muito.

ESTACIO. Desculpa-me, Gervasio, furtar-lhe por dois minutos a atenção de sua noiva? E' para uma questão grave...

GERVASIO. (*sacando o relógio e sorrindo*) Se é só por dois minutos...

ESTACIO. (*A Luizinha*) Você dá-nos uma palavra? (*Retira-se com Luizinha e Sara, para um lado da scena*).

D. EMILIA. (*A Gervasio*) Que nova conspiração estarão os tres tramando depois da que com tanto successo urdiram contra o senhor? Porque o sr., está visto, foi victima de uma conspiração...

GERVASIO. (*sorrindo*) Victima innocente...

D. EMILIA. Pela sua innocencia não ponho a mão no fogo. Diga que tambem não acredita na minha...

ESTACIO. (*a Luizinha*) Luizinha, você sabia do motivo porque eu deixára de casar com Sara.

LUIZINHA. Sabia. Isto é... Desconfiei de que houvera na sua vida algum transtorno grave. Só assim se explicava... e Sara não conseguia occultar-m'o de todo.

SARA. Ella sabia. Eu disse-lh'o.

ESTACIO. (*A Luizinha*) Essa idéa de adopção foi sua. Confesse-o.

SARA. Foi sua, confesse.

LUIZINHA. Não. Essa idéa foi de mamãe. Só della.

ESTACIO. Luizinha!...

LUIZINHA. Estacio, eu limitei-me a pôr em prova a sinceridade da razão que você dera a Sara. Você me perdoa, não perdoa? Eu queria saber com certeza se devia aconselhar Sara a resistir-lhe — ou a esquecel-o. Depois, instel com ella a que resistisse, e luctasse corajosamente...

SARA. E' verdade. Mas foi só isso, Luizinha?

LUIZINHA. Foi. A idéa da adopção de Estacio foi, espontaneamente, de mamãe, que nada sabia e nada sabe. Eu não trahi o segredo que



surprehendi a vocês dois. A idéa que mamãe teve nunca me occorrêra; e entretanto era tão natural, não era? Querem que ella o confirme? (*Chama D. Emilia*).

ESTACIO. Não é preciso. Afinal o diabrete que eu conhecia...

D. EMILIA. Está peor, Eu não lhe disse?

ESTACIO. ...Disfarçava um anjo.

LUIZINHA (*Chama Gervasio. A este*). Estacio está-me revelando que eu sou um anjo. O senhor sabia? Porque nunca me disse?

GERVASIO. Porque era inutil. O seu dedo mindinho adivinhava tão bem tudo que eu pensava e sentia...

O COPEIRO. (*d porta*) O jantar está servido.

D. EMILIA. Vamos jantar. Jantar de noivos (*a miss Gribble*) Convido-a para sentar-se ao meu lado. Só assim teremos, as duas, com quem conversar. E a pobre de miss Gribble tem agora tarefa dobrada: tomar conta de dois...

MISS GRIBBLE. Oooh, não! Só um (*aponta e acaricia Luizinha*) Um. Sempre, não?

D. EMILIA. Em todo o caso, recommendo-lhe... os quatro. (*Todos riem. D. Emilia, Sara e Estacio saem. Miss Gribble fica junto á porta, esperando*).

LUIZINHA. (*A Gervasio*) E diga-me agora, não era um exaggero seu pensar que a flor do meu beijo

Pende de rama tão alta?

(*Gervasio faz um movimento para colher o beijo que ella lhe offerce*).

MISS GRIBBLE. (*avanzando*) Oooh!... *Improper!*

CAE O PANNO

VICENTE DE CARVALHO.

NOTA. — "Luizinha, em que o autor, já ao entardecer da vida, tentou pela primeira vez o genero theatral, foi escripta especialmente para duas brilhantes cantoras patricias, as senhoritas Bellah de Andrada e Cecilia Leuba; assim se explica a inclusão de tantos numeros de canto na comedia. Esta é apenas um pretexto.

— Na impressão do primeiro acto, feita longe das vistas do autor, escaparam alguns erros de reviaão, um dos quaes prejudica gravemente o sentido.

Na scena XII, em vez de, como salta:

"LUIZINHA. Pobre Sara. Vou ver si a distraio e animo. (*A Estacio*) Agora, em vez de musica nambiquara... (*Acompanha Sara com os olhos. Estacio e Miss Gribble cumprimentam-se*) Bom dia!" Deve ler-se:

"LUIZINHA. Pobre Sara. Vou ver si a distraio e animo. (*A Estacio*) Agora, em vez de musica nambiquara... (*Acompanha Sara com os olhos. Estacio e Miss Gribble cumprimentam-se*)

SARA (*dirigindo-se a Gervasio*) Bom dia!"

V. DE C.

VIAJANDO (1)

(COIZAS DO MEU DIARIO)

1913

Discorrendo com Alfredo Varela — Fevereiro, 26.

— Oito ás dez da noite. Le-me Alfredo Varela o longo indice de suas estudadas **Revoluções Cisplatinas**. Embrenhámo-nos em debate especialmente tocante ao nosso período regencial. Nelle Diogo Feijó, o trapalhão, unico!, que abandonou o poder para se revoltar contra o poder, é reduzido a justas proporções pelo talento amestrado do eminente historiador.

E, soubesse Varela das crônicas paulistas tanto quanto das riograndenses, certo não esqueceria dos heroísmos negativos do padre regente: a lição epistolar de civismo que recebeu do proibido barão de Caxias; o azilo, em Itapemirim, sob tecto onde seu nome recordava illegalidade e acinte; a intimação, do Governo Provisorio em 1821, no caso Nuno de Locio, para que não porfiasse em esconder a verdade; a penitencia do quanto dissera e escrevera contra o celibato clerical, etc.

Dezordenado ventoinha! Inimigo infatigavel dos Andradas emquanto intentavam e realizavam a Independencia, firme os acompanhou quando, praticando elles a maior das illegalidades, entregaram o Brazil a uma criança de quinze annos, arriscando a sorte da nação aos acazos duma loteria politica, felizmente premiada com o longo reinado do segundo imperador.

— “E nós brigámos tanto para desgraça do paiz!”, exclamava Feijó em 1841, ao sentir os primeiros sintomas da paralisia, e abraçando o vulto senografico de Antonio Carlos. Um anno depois, mais enfermo e mais tençoeiro, estourava em Sorocaba o movimento de 1842, en-

V: a *Revista do Brasil* de agosto.



tre outros motivos para o restabelecimento do ministerio Andrada com exclusão de Aureliano Coutinho; constrangia Rafael Tobias, nas vicissitudes que a dezavizada iniciativa do correligionario lhe acarretára, a dezaparecer na estrada da Faxina, rumo sul; e grudava na historia paulista a menos respeitavel de suas documentadas paginas: uma rebellião quazi sem combates!

Excepção aberta aos tiroteios sustentados no norte da provincia pela valentia do, injustamente esquecido, Anacleto Ferreira Pinto, o que se viu em 1842 de notavel foi uma fuga geral. Não fugiram os dous Andradas, já velhinhos; tendo tomado **passagem na barca** (linguagem do tempo), foram delidos nas suas proprias rezidencias no Rio de Janeiro. Não fugiu Feijó porque não poude. Escapuliram os demais atores da peça. Na sua fazenda occultou-os, muitos, o generoso conservador José Manoel da Fonseca; magnanimidade essa que, incompatibilizando-o então com os chefes do seu partido, veiu, em 1854 e no animo imperial, contribuir para a sua escolha de senador. Conseguiu furar a lista triplice como dissidente, isso devido ao auxilio da votação liberal, pequena porém grata, que obtivera sem pedir.

Estudando a rebellião de 1842, parece-me assistir á comedia fantastica — **O Gato Preto**; correm todos quando o bicho aparece. Foi inscientemente em ambas essas comedias que o sr. Benedito Calixto colheu inspirações para — **A Morte do Bispo**, sacratissima tela da qual um corpo se escafede moldura a fóra, esquecendo um pé dentro do quadro.

Ha annos, poucos, em réplica á artigos, muitos, contrarios á incrível tentativa do aumento do consumo pelo aumento do preço (**valorização do café**), uma commissão espontanea de competentes inesperados encommendou a não sei quem, á custa dos erarios publicos, uma estatua e a dr. Egas, que eu tenho absoluta certeza de haver conhecido, um par de volumes: tudo concernente a Diogo Feijó. Dessa parte tipografica da homenagem, e que revelou dispor o padre regente de estro poetico, voz de trovão e sonetos alheios, cumpre salientar, a bem da reconstrução historica, a ida de Francisco de Paula Souza e Mello á Europa em 1822.

E morreu em 1851 o insigne prezidente do conselho do gabinete de 31 de Maio de 1848, ignorando haver feito similhante viagem!

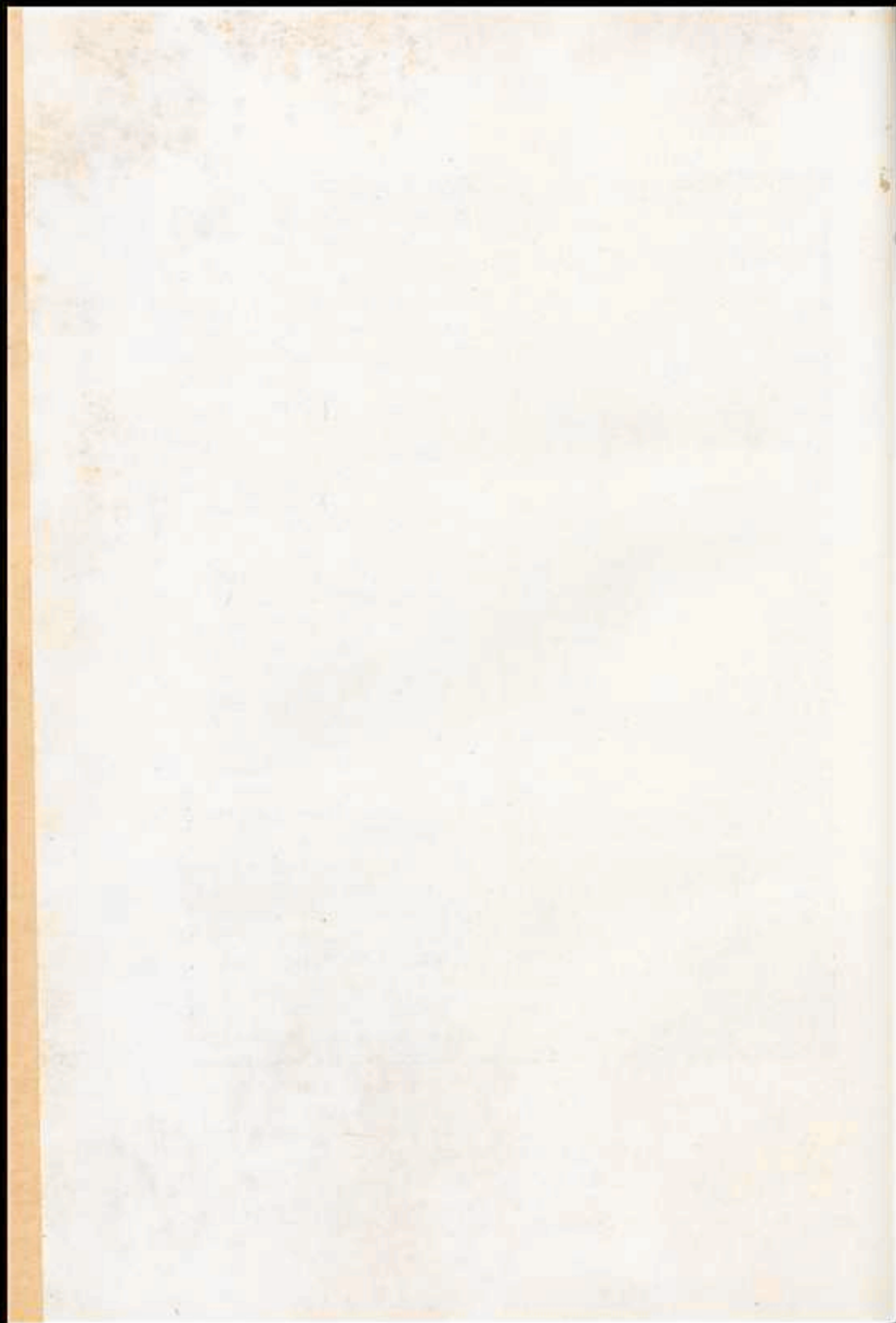


Desenho de Maria Graham.

Gravura de Edw. Finden.

O Rio, visto do morro da Gloria.

cm
1
2
3
4
5
6
7
unesp
10
11
12
13
14
15
16



Evidentemente... "ha alguma coisa de podre no reino da Dinamarca".

.....

Partida. Chegada. Roma. Fevereiro, 27.

— Corre o trem. Velocidade um pouco superior á entre Santos e Jundiá. Montanhas, valles, aspétos, successivos, porém não de todo dezeguaes, lembram os ultimos trechos de Niterói a Vitoria.

Atravesso e margino villas e aldeias com a pretensora denominação de cidade, mal podendo reparar que na Italia não é frequente a repintura das cazas. A' esquerda, mais que á direita, como que as povoações descem dos morros, escorregando, deixando lá em cima — ruínas em ruínas, vestígios branconegros de vetustos castellos feudaes.

Pessima impressão! Aquelles torreões esburacados, meço-os como documentos da covardia que couraçava o fidalgo contra o peão servente, contra o agricultor, contra o trabalho, contra o municipalismo incipiente, contra o commercio equalitario. Enfada-me o senhor feudal. Aborrece-me a falsificação que o exalta. Não foi esse sanguinario illetrado, assaltante pertinaz, que impediu, como se acredita, o derradeiro espraiair do muzulmano entre Tours e Poitiers; o que alli houve foi a derrota do filho da zona torrida pelo inverno. Não se puderam entender o siroco e a neve, o mourisco e o flavio. Carlos Martel só tres dias depois apreendeu o tamanho do triunfo!

— Corre o trem, acelerado cada vez mais. Voa e corre, cortando planicies arborizadas, com limites a variar de fórma, ora de pedra escura, algumas vezes de arbustos cortados e alinhados como as das antigas chacaras de Botafogo. Lá ao longe, carneiros, em grupos esbranquiçados, obedientes a um ou dois pastores e o indefectivel cão. Tudo em tanta ordem, tudo com tanta regularidade!

Vêm chegando a tarde e a fome. Boa comida. Somos quatro á mezinha: eu e companhia, um inglez e companhia; muito cazados, nós; recémcazados, elles. Parece-me... Mas não é possível! Aquillo foi aperto de botina, ou é unha encravada. Que teria a inglezinha com o meu pé? A Europa é um perigo para os sexagenarios.

Corre o trem. Fogem povoações, campos, plantações, manadas. Dizem-me que, na Italia, quanto mais ao norte, mais intensas as manifestações da atividade, mais cultura,



mais industria, mais dinheiro. Bonita a luta humana! Quantos interesses, enlaçados, complicados, a servi-la! Mas *quantula sint hominum corpusecula!* Lamentação de Juvenal que o nosso Paulo Eiró tão bem significou:

Vem a morte de foíce e acaba tudø!

.....

Já em Roma.

— A pedido da chuva e do recebimento das malas, adio para melhor ocasião as exclamações e a ternura com que pretendia chegar á Cidade Eterna e ver o Tibre. Vou para o Hotel Flora. Luxo toleravel. Vastas salas de refeição. Delicadeza dos criados. Avizam-me: ao almoço relativa liberdade de trajés; com capa ou sem capa, com pintura ou sem ella, de ou sem chapéu e até com bonézinho irlandez: tudo aqui é permitido. Ao jantar (alcancei-o; ceei-o) tudo muda: *smocking*, collete branco ou sarapintado, luvas para serem descalçadas logo que aparece a sopa, silencio, e muitos criados de cazaca. Dezoito liras diarias por pessoa.

Que porção de gente feia! Este hotel é especialista em caras medonhas e inglezas decotadas. Tão bem despidas essas inglezas com caras ponteagudas! Suspeito que seu governo as exporta para diminuir a população dos outros paizes. Em Atenas, no IV seculo A. G., foi verificado corresponder, á nudez dos atletas, baixa pronunciadissima na média dos cazamentos. Essas caveiras lá estabeleceriam o deserto.

Mais que toleravel foi, entretanto, a primeira impressão que recebi de Roma. Ruas largas e limpas. Edificações limpas e largas. Cavallos possantes, como não os temos no Brazil, puxando um a trote, morro acima, caçuagem com tres pessoas alem do cocheiro; moderação nas gorgegas; afabilidade geral.

Do carro, que por instantes estacionára, reparei em duas carinhas redondas, bonitas, moças, tão alegres, tão contentes! Eram naturalmente duas irmãs, duas amigas, duas companheiras. Traziam vestidos eguaes; cochichavam confiadamente, sorrindo. Que cazo sadio! E' tão rara essa intimidade entre duas moças! Tão mais rara entre duas irmãs bonitas!

— A' noite. Foge-me o somno. Para obtel-o vou examinar a conta do hoteleiro de Napoles; pagara-a sem verificação. Ui! Para cobrar-me uma lira por perfido café,



o tratante contava-a por quatro. Da diaria excluía tudo: excluía comida, chá, talher, guardanapo, pão, manteiga, e, depois de cotar almoço e jantar por inteiro, cobrava por preços demolidores cada um dos pratos separadamente.

Agora, sim, eu sei porque o rapinocrata só á ultima hora, á saída, me apresentou a conta com a qual, illimitada que fosse a minha prevenção, eu não poderia contar. E' pauperrima a adjectivação portugueza para qualificar esse bandido, que eu recommendo, com apoplectica sinceridade, ao nojo e á auzencia dos vizitantes de ambos os hemisferios.

Acode ao nome de Carlos Rossi. E' alto, magro, algum tanto palreiro, insinuante como todo biltre apatacado. Uza olhar pensativo; tem ares de quem medita um poema. Napolitanamente falando, Carlos é a adaptação hoteleira de Mandrino com ligações originaes ao Pateo dos Milagres. Nada o demove de furtar; suas aspirações rezidem definitivamente na carteira do proximo. Carlos Rossi pertence á directoria de associação protetora de estrangeiros contra os exploradores. Tem, pois, a perfidia facil.

.....

Latrão e Colizeu — FEVERE'RO, 28.

— Delicadissimo, procura-me o dr. Bruno Chaves. Está pezarozo o digno diplomata, verdadeira providencia dos brasileiros aqui. Acabrunha-o a morte do professor Angelo Gubernatis, honesto amigo da justiça e do Brazil, discordante do laudo da Guianna, com o qual a Inglaterra se pagou da intimação para o recuo do Menelick. Angelo Gubernatis, em dicionario biografico, admitiu alguns nomes brasileiros. Raro.

— Antes de concordar em que a **Egreja de S. João de Latrão** seja a mais antiga das que Constantino officializou, é obrigatoria (porque caminho commodo, e a porta santa só se abre em anno de jubileu) a passagem pela praça fronteira onde está a reclamar elogio o obelisco egipciaco de granito vermelho, alto de mais de quarenta metros. Foi roubado á terra dos Faraós ha mais ou menos dezesete seculos. Tratasse-se dum guarda-chuva de segunda mão, ou duma duzia de meias, e o larapio teria sido chamado á policia para averiguações. O cazo, porém, foi com um obelisco e com o filho de S. Helena, e ficou por isso mesmo.



Entro. Logo, á esquerda, continuando idéas despertadas pelo obelisco, aquella caveira vendo quem chega, mexendo-se no fundo negrissimo do quadro! Assusta. O alem egípcio invadiu todas as religiões, todas as artes, e ainda na pintura suas entradas são inapagaveis. Dalli, daquella baixada, por onde desceram dos planaltos aziaticos para a Europa peninsulada immigrantes e civilizações (isto é de Draper), até as formulas juridicas partiram em busca do ocidente. Das margens do Nilo veiu, tendo talvez lá nascido, creseido e minguido, a instituição do juri, melhor que a actual, pois os jurados, trinta em numero, eram trazidos de localidade diversa da em que o delito fôra praticado. A mentiroza epigrapha — **Allegações Finaes**, ainda hoje conservada em autos que os juizes guardam annos e annos na gaveta, recebendo o ordenado por inteiro, é tambem um legado que o velho Egito nos entregou. Mas deixemos o Nilo e voltemos ao Tibre e a Latrão.

Na velhice desta Egreja são indifsarçaveis varias, avariadas e fragmentadas restaurações. Sobre o altarmor está uma da popularizada e admirada Ceia de Lionardo da Vinci, trabalho, no original, superior em concepção porém não em execução ao do luzitano Estevão Gonçalves (1610) e que é, quiçá, a pagina mais artistica do seu artistico Missal. O tento curiozo do famulo e o ciato a um canto, sinalou-os o portuguez, olvidou-os o italiano.

Fiz alto deante da tela em que **Bonifacio VIII**, com o olhar untuozo do inquizidor, está a requerer que se lhe reaplique a valente bofetada de Nogaret. Quando, em baixo do altar privilegiado onde só ao papa (ou a procurador em cauza propria) é permitido rezar missa, me mostraram os craneos de **S. Pedro** e **S. Paulo**, custei a engolir uma reverendissima gargalhada. Mirei-os com caricato respeito (não entendo, mas foi isso mesmo) e chamei á memoria os onze apostolos que, excluido S. Paulô cuja convivencia com S. Pedro e grupo foi quazi nulla, formam com aquelle calvo (Era-o? Ha duvidas.) um numero cabalístico: pois, multiplicado pela somma de duas trindades, produz o dos discipulos secretos do filho de Miriam. Esse numero era venerado pelos essenios e ainda hoje merece decifrações occultistas. Franzi a testa. Silenciei um minuto. Retirei-me solenne sem dar gratificação ao explicador dessas milagrosas reliquias. Ficou assim com cara de quem tem de ir á caza do dentista.

O templo é grandiozo. O muzeu, onde prima pela perfeição uma estatua de **Sofocles**, e onde atráe especial re-



para o baixo relevo — **Orestes auxiliado por Pilades**, justifica pela sua superioridade na divizão e na collocação das obras de arte, e bastante pelo asseio, a abundante concorrência de vizitantes. Perturba-o, porém, a confusão do sagrado com o profano; o **omnia fanda nefanda malo permixta furore** da imprecação de Catullo encontraria em Latrão pannos para manga.

A deusa da abundancia (Ceres?); uma implacavel placa recordando o jubileu de 1875; uma inscriçãõ em latim joven sobre sarcofago de sacerdote portuguez; cinco dos doze apóstolos (**Mateus, Felipe, Tomé, Jacó e Tadeu**) ensaiados uns nos outros: identicos em melenas, altura, barba e gesto; quasi substituiram por limitada molhadela o banho de arte que a Latrão me chamára.

— Entardece. Vou ao Colizeu. Conhecia-o pela leitura, no Conde de Montecristo, do rapto de Alberto de Morcerf; fraquissima fonte de informação, portanto. Enorme! Excede de meio quilometro sua circumferencia; sua altura atinge a cincoenta metros.

— Busco lá em cima, no segundo andar, ponto de vista que me facilite receber e localizar na atençaõ esse exorbitante atestado da vaidade dos Flavios! Começou-o Vespaziano o somitico; completou-o Tito o maroto. A iniquidade avarenta do pai manifestou-se num decennio de lirannia odioza; o que foi e o que seria o filho si uma benemerita febre o não suprimisse, di-lo a destruição de Jerusalem, atrocidade com escalas pelo morticinio e pelo incendio; di-lo, ainda, aquelle **canudo de ferro que matava de longe** (polvora? salitre?) os escaveirados mas rezolutos infantes de João Bargioras.

Era então Jerusalem o quinto nucleo occidental em população; era uma das metropoles do pensamento humano. Alli se discutia. Filozofava-se bastante alli. Dum dos seus festins saira, quarenta annos havia, dos labios de Cleopatra, passageira amante do generoso Herodes, a mais profunda duvida oposta á exploradora toleima da resurreiçãõ da carne. "Mas as mulheres resuscitam nuas ou vestidas?", perguntou Cleopatra.

Perfeitamente! O que a mulher tem de mais espontaneo, e por isso mais bello, é o pudor.

Mas Latrão e Colizeu... Quanto dinheiro gasto! Aproveitados esses esforços e respectivos metaes (então só corria dinheiro de pezo, embora Egger discuta si os gregos conheciam a letra de cambio) em prol da navegaçãõ e não de eus imaginados pelo antropomorfismo, da astronomia



e não dos gladiadores; poderia a America ter sido chamada á civilização doze ou quatorze seculos antes de haver o primeiro Cortereal tocado ás praias do Labrador (1464?). Eu já disse isso não sei onde. Repito porque amo a verdade, e em amor são permitidas as repetições.

Colizeu e Latrão: acertei visitando-os num mesmo dia. Ligam-se encaixadamente no meu animo religião e governo: a batina do padre e a farda do soldado. Geram e alimentam em collaboração o mal que podem; quando, porém, brigam e se separam, o progresso, aproveitando-se do intersticio, alarga-o, abrindo caminho ao futuro que chega. Exemplos? Rivalizando quartéis e altares, a guerra dos Trinta Annos exercitou a Allemanha na pratica do livre exame, e, opulenta a mentalidade européa por culminancias chamadas Descartes, Spinoza, Pascal, Cromwell, repercutidamente o mundo melhorou depois da paz de Vestefalia.

Na França de 1789, separados clero e nobreza armada, brilhou a aurora da liberdade civil. Em Portugal o pombalismo, trucidando a inquisição e a fidalguia militarizada, interrompeu a queda da nacionalidade e preparou a alma popular para instituições mais democraticas.

No Brazil, irmanados o teologismo e a cazerna, fenomeno sequente ao termo da guerra do Paraguai e á prizão dos bispos, foram de tal arte solapadas as instituições liberaes que, após tres quinquenios, teve a nação de sofrer o mais incontestavel retrocesso. Tiraram-lhe cerca de seiscentos mil contos para engordar frades estrangeiros. Septuplicaram as responsabilidades do paiz. Aboliram a prestação de contas. Eternizaram a moeda fiduciaria. Alugaram a liberdade de imprensa. Em compensação arranjaram um cardeal. Ora, muito obrigado!

Basta de divagações. Boa noite, Martim.

Um dia cheio — Março, 1.º

— Sufóco! Diluvio de coizas ecclesiasticas. Sete horas de liturgia, teologia, arte, muita arte, credices, ergotismos, quadros, estatuas, mozaicos, e sobretudo de aproveitamento de materiaes pagãos para arranjos do cristianismo catolico. Religião forte! Vinte seculos de adaptação de desdobramentos alheios, e ainda reziste! Discute o passado, luta no prezente, confia no futuro. Superior ás outras em arquitetura, pintura, escultura, muzica; unica que teve e tem oratoria. Não me houvesse Bacon lecionado, para ra-

cionar convicções, a observação e a experimentação, e eu seria católico apostólico romano.

— Dia cheio. Sai cedo. Carro aberto. Estomago acautelado. Quantos inesperados! Um frade me bateu á cabeça com vara um bocadinho mais comprida que o general Laur Muller. Mostrou-me, outro, um S. Felix petrificado, duro de roer. Apontou-me um sacristão caixote de porfiro, conservador de todos (e os craneos que eu vi hontem?) os restos de S. Pedro e S. Paulo, tão amigos depois de mortos! Passei a mão, alizadamente, sobre o marmore no qual S. Praxedes, repetindo costume de Annibal Barca e prevendo o do nosso almirante marquez de Tamandaré, demonstrava não gostar de leito macio. Fugi á apresentação dum dente de S. João Baptista na **Egreja de S. Maria Maior**. Vi e elogiei as roupas com que o Cardeal Merri del Val, amanhã, nella rezará festa sacra (é isso mesmo) com muitas circumstancias, e que tem a promessa, que não cumprirei, de minha amavel presença.

Ainda em **S. Maria Maior**: numa concavidade, rezolutamente perennes, estavam os sarcofagos dos sete macabeus. Estavam no escuro; cor local, portanto: o assumto não é muito claro, e o frenetico Antioco Epifanio, que o poderia elucidar, falleceu ha tanto tempo!

Milagres a valer! Cristo quasi sempre nú. Do Deus uno, idéa bazica do semitismo, parcos, apagadissimos vestigios; muitos santos, altos quasi sempre, muitos martires, anjos em abundancia. Quanta confuzão da historia com a invencionice, da veracidade com a peta! A bandeira tomada aos turcos em Lepanto tem ao lado uma tela afirmadora da vizão papal que predizia a vitoria. Num altar, um pedacinho do berço de Jezus; um pouco adeante o tumulo de Paulina Borghese, a mais que fogoza irmã de Bonaparte.

— Vizitei, em rapida inspeção intencional, S. Pedro, S. Maria Maior, S. Afonso, S. Pedro in Vincoli, e S. Maria dos Anjos, construida esta no local das termas de Diocleciano e notavel, entre outras rarezas, pelas columnas imaginarias cuja não realidade só se manifesta quando se lhe chega ao allamor.

Beirei a formozza fonte de Trevi, e soube da agradavel superstição que a enfeita: quem lhe atirar uma moeda terá de voltar a Roma. Limpam-na mensalmente dois funcionarios sem ordenado; contentam-se com as moedas arrecadadas. Atirei uma; caiu em terra. Apanhou-a um menino, saudou-me, e retirou-se com a allivez dum senador



do tempo dos Fabios. Pareceu-me justa e corrêta a estatua de Carlos Alberio: está mediocre. O cavallo não oculta intenções pacatas. Cogitava provavelmente de sua mudança definitiva para a cidade do Porto, que guarda o coração do dono.

— Segue o carro. Segue. Segue: Repentinamente me vejo num centro historico. Abarrolam-me os assumtos.

Distanciada talvez de quinhentos metros, a cupola de S. Pedro vai baixando, desaparecendo á proporção que me aproximo; tapa-a uma pratibanda encommendada pelo dispensavel Paulo V, o arrecadador das glorias artisticas desse cardeal Sipião cujo retrato, sofrivel em sua expressão semitriste, como que invocando o *sic vos non vobis*, adorna um dos compartimentos baixos de S. Maria Maior. A' direita o Castello de S. Angelo, superpondo-se á memoria e ao sepulcro de Adriano (tambem os monumentos lutam!). A' esquerda o hotelzinho onde morou lord Byron. Lá ao longe, espaçozo, dominante, sobrevivente ás civilizações que esmagou: o Vaticano. Quazi ás minhas costas (nem que eu fosse Atlas!), moderno, arejado, dezafiando cotejos com o passado, o Palacio da Justiça, solida e grande edificação que tanto cooperou para a solidez monetaria de tantos intermediarios politicos!

Interrompô com o meu silencio os apartes dos companheiros de excursão. Quantas idéas me estão a alvoroçar o cerebro! Adeante, adeante. S. Pedro vai crescendo; suas columnas dilatam-se, sobejam; olhadas dum ponto central da praça, só é possivel ver as da frente, simetricamente se escondendo as outras. E ficam-me ao duplo alcance da atenção e da vista o Obelisco de Heliopolis, as duas fontes, e, lá no fundo, á esquerda, parodiando o importuno que entrou com sapato sujo em sala de baile, ignobil, minuscuro, contrafeito, o edificio onde funcionou e ainda finge que funciona o Tribunal do Santo Officio.

.....

S. Pedro.

— O grandiozo no grande. Quanta meditação, quanta aptidão, quanta sinceridade, quanta fé, no preparamento desse, o maior templo que o mundo suporta, e dentro do qual setenta mil pessoas se podem mover á vontade. Entrei. Nada de açodamento; ás minhas ordens o acazo e a curiozidade. Sou capaz de recordar a decima parte do que



vi na maior das propriedades do porteiro dos céus? Não. Nem eu, nem ninguém.

Examinei, elogiei, mas de fato pouco entendi, a muito examinada, elogiada e recommendada renda especial das vestes de **Leão XII**. Se nem de rendas publicas eu percebo as bordaduras! Sorri ao nariz sensual de **Alexandre VI**. Extaziado, fitei os anjos nus e honestos de **Canovas**. Foi-me inevitavel um **S. Elias**, edição inalterada das barbas e do gesto daquelles apóstolos que me haviam impacientado na vespera. Ainda **Canovas**: estupendos, maravilhosos, os dois leões que guardam a figura de **Clemente XIII**; um delles ameaça, o outro rugue, morde! Aprovei (modestia, como vai-você?) o movimento oratorio de **Benedicto XIV**. O manto de **Pio VI** demonstra que **Canovas** original nada perde quando comparado a **Canovas** restaurador.

Argumentei commigo mesmo (não conheço em portuguez tradução que diga bem o **ensimesmismo** castelhano) a respeito da autenticidade dalgumas esculturas com falta de mostras pagans, mas atribuidas ao primeiro seculo do cristianismo. A cabelleira de **Cristo**, numa dellas, repartida ao meio, descia lateralmente, suprimindo metade da testa: aspéto uniforme em representações esculturaes do IV ao VI seculo, e até feitio insistente na numismatica oriental. Possuo moeda bizantina, oiro, retrato de **Honorius**, não muito diferente do **Cristo** da arte oriental imaginado antes do amalgama teogonico produzido pelo primeiro concilio de **Nicéa**.

Desci á cripta. Já se sabe: licença especial, verbozamente gratuita, mas custando tres liras entregues pelo sistema do contrabando russo: pagamento, com a mão esquerda á mão esquerda, pelas costas. Traduzi e argumentei inscrições. Errei quanto ao local, todavia duvidoso, da morte de **Bonifacio VIII**; pilhei, porém, em erro bravio o caustico e illustrado reverendo que me acompanhava: pilhei-o ignorante de que **João XXI** tivesse sido portuguez. Gostei. Agradavel a malignidade pedante em seara alheia! Despedimo-nos cutucantemente; disse-me o frade: "**Bonifacio VIII** morreu na prisão"; cortejei-o, repetindo pela quarta vez: **João XXI** era portuguez." Si lhe não dobrei a bengala no lombo foi porque tive receio de que elle me fizesse o mesmo. Só porisso.

— Pedi e aceitei explicações a respeito da astuciosa ironia de Bernini nas quatro admiráveis columnas do altarmor; o caso, eu o conhecia assim como quem sabe muzica de ouvido. Ella a ellas, ironia e columnas, alludem a fato intimo; talhou-as o artista para se vingar de papa cujo sobrinho, demaziado ardente, obtivera impunidade em illogica amorosa perturbadora da paz familiar de Bernini.

— Estaquei deante da **Piedade**. Immobilizou-me aquella inexcedivel exatidão do sentimento. Affiliva exatidão! Aquelles braços afinados, pallidos, inertes, descarnados, sem pulso, dedos algidos, eu os vira, eu os sofrera havia poucas semanas, eu os dóbrara em feição derradeira. Eu estava a enxergar os braços de minha mãe. E, angustiado pela maior das saudades, terminei minha vizita ao maior dos templos.

.....

Moizés.

— Parecia-me impossivel! O mesmo cinzel que interpretára a rezignação, a bondade, a **piiedade**, a dor em sua maxima indagação, era o creador desse Moizés que me acorrentava durante uma hora, que me impunha o assombro e o espanto?!

Parla! disse-lhe Miguel Angelo, e a estatua obedeceu. E, prodigiosa, inexcedivel de perfeição, enquanto mundo e arte existirem, ha de falar esse **Moizés** a traduzir e entreter todos os sentimentos superiores da alma, a summariar as mais elevadas concepções do espirito. Esse marmore pensa? Manda? Perscruta? Decide? Que vê olhando para a esquerda? Tumultuam-no os pensamentos, sem que vacillem, por intante siquer, a paixão da soberania e a violenta convicção do predomínio. Sente-se que todos os heroismos se reúnem naquella obra prima da escultura moderna. Ha, naquelle modelo, consubstanciados, reajuntados, o condutor de povos e o organizador de civilizações.

Era tão grande o que estava eu a ver! E tão pequeno o que, para avalia-lo, me fornecia a memoria! Quanto aquella revelação do genio em sua pujança inflexivel, em sua eterna louçania, revelação inteiriça, energica, se distanciava do apenas corajozo sabio que eu encontrára em Diodoro Siculo? Do magico da Apologia de Apuleio, apupado o seu nome porque proferido numa das ocações mais misticas, e por isso mais precocemente caducas da mentalidade humana? Do legislador eloquente, que Stra-

bão celebrava, harmonizando pela amenidade e pela persistencia vencedores e vencidos, tribus e instituições?

Que valiam migalhas de alimentos classicos deante do prodigio cuja compreensão me dezanimava de altear a intelligencia á altura desse **Moizés** legendario, emigrante rezoluto, arrojado centralizador dos ideaes semilas?

Aquelle marmore, aquella estatua... E' Jupiter de Fidias, tambem sentado, mas tambem uma das sete maravilhas desse lago onde nasceram e renasceram civilizações. E' Adonai, feroz, irado, mas poderoso e imponente tambem. E' Tezeu, humano, porém delineando lá da penumbra mitologica os superlegaes de Aristoteles, os representativos de Emerson, os heroes de Carlile e o superomem Frederico de Nietzsche.

Olhei. Olhei: Veiu-me impeto de abraçar as pessoas que me ladeavam. Senti orgulho de ser homem, de pertencer á especie que esculpiu **Moizés**. Retirei-me, no entanto, de cabeça baixa. Acabrunhava-me a maior sensação artistica que até então experimentára. Aquelle marmore, aquella estatua...

Ossos — Março, 2.

— Num vasto almoço oferecido pela distintissima familia Bruno Chaves, reato relações com o arroz de forno. Reato-as, horas mais tarde, no sumtuozo Hotel Excelsior (num **five ó clock** chibante de bilhetes de rifa, bispo do Maranhão, marquezas e duquezas bonitas, tendo uma destas me prometido aceitar o conselho, que lho dei, de nunca mudar de idade e de fizionomia), com Magalhães de Azeredo, pacato diplomata e suavissimo poeta, que me recordou haver, em S. Paulo, 1892, rua de S. Bento, a proposito da despropozitada depozição do dr. Americo Braziliense, tomado parte ativa num motim que (foi sempre isso!) a policia me obrigou a promover.

No intervallo entre o arroz e o poeta, convidei-me a conhecer a Igreja de S. André, séria e ultima construção do gaiato Bernini, tendo ainda arranjado algum tempo de demora na dos Capuchinhos, basilica encommendada pelo infatigavel Urbano VIII.

Na sacristia da primeira, e manifestamente mais antigo do que ella, está um formozo Cristo, luzente, com a meiguice do olhar a exigir que não se saia dalli sem que ao exame da tela suceda alguma saudade de deixa-la. A



um padre velho, com traços inequívocos de jamais haver assustado o mundo com os seus conceitos, a quem pedi que examinasse com uma lente se era com efeito a data de 1612 a que me parecia estar no reverso do quadro, ouvi a declaração de que nunca ouvira falar de lentes, desconhecendo em absoluto o que fossem ellas.

Na Igreja dos Capuchinhos duas coizas notaveis reclamam recordação. E' a primeira o copiadissimo Mercurio christão: **S. Miguel vencendo o diabo**; este com o rosto baralhadamente dividido: parte de Miguel Angelo e um pouco menos de Clemente VIII; aquelle, o anjo, bello, num tenuissimo azul, mas energico, vingador, e com a espada prestes a ferir. A' direita, quasi a alcançar o meio do templo, o **Extase e a Morte de S. Francisco**, superior concepção e sofrivel execução, não tendo podido a unidade da segunda corresponder ao duplo pensamento da primeira.

— Tem tres metros e meio de comprimento e tres de altura cada um dos tres compartimentos aos quaes desci, e onde me aguardava um espetaculo inesperado e originalissimo. Ordeiramente sobrepostos, fingindo candelabros, leitões, almadaques, cadeirinhas, limpiísimos e alviísimos ossos de — deram-se esse numero como averiguado — quatro mil frades capuchinhos. A's paredes do corredor, linhas de ossinhos, ora em réta, ora em torcicollos, em caprichados arabescos, distraíram-me lugubrememente a imaginação.

Procedesse alli o profeta Ezequiel a segundo chamamento de ossadas, e não sei como caberiam em tão limitado espaço quarenta centenas de capuchinhos!

E com a idéa de morte fecho esta nota. Coincidencia: anniversario da de meu pai. Teria hoje oitenta e sete annos. Coração intelligente. Lealdade illustrada. Altivez generosa.

Villa Borghese. Vaticano — Março, 3.

— Na Villa Borghese cabem perfeitamente duas cidades. Por ter mais espaço disponivel do que uma cauda de orçamento, não negou ella rezidencia a duas estatuas que lh'a pediram com relativas allegações: a de Goethe porque lhe morou numa das ruas algum tempo; e a de Victor Hugo porque, franceza, necessitava de ostentar contradita á allemã. Corréttas, bonitas, muito bem rodeadas de jardinagem ambas; a segunda, porém, é mais barriguda do que a primeira. Explica-se: foi mais politico o modelo.



Perguntado, esclareceu-me o guia tratar-se de presentes que a delicada villa Borghese não poderia recuzar sem ofensa aos elementares preceitos da cortezia. Concordei, mas raciocinei. Ha presentes que devem ser passados (adeante). Nesse genero, hoje na Pinacoteca do Vaticano, esbarrei num retrato de Jorge IV, gritante de pendericalhos, incommodo, possivelmente alcoolizado; aquillo ainda acaba pagando carceragem! Ainda no genero: em 1884, um goiano, delirante da leitura de artigos do conselheiro Bernardo Gavião contra o conselheiro Andrade Figueira, enviou de presente ao chefe liberal paulista uma onça. Onça grande, insaciavel. Tenho dito.

— Cinco milhões de francos pagaram os dois orgãos com que um nortamericano mimozeou a Igreja de S. Felipe. Isso, sim, é saber dar presentes! Concordei em que m'os mostrassem, assim como os tétos enriquecidos por interminaveis e caprichozos trabalhos de entalhe; não consenti, porém, que o mesmo mé fizessem com o corpo do santo. Excessivamente tímido, e demais ignorante do ao qual dos quatro Felipes canonizados teria de prestar as minhas homenagens, adiei a apresentação *sine die*. Perito, porém, me foram inevitaveis tranzitorias relações com a saladá equestre, doirada em cima, marmorea em baixo, bronzada dos lados, mas da qual a figura jubiloza de Vitor Emmanuel corrige pela simpatia o accumulo de incongruencias.

— Rumo ao Vaticano. Reentro nos dominios pontifícios. Disponho ainda de duas horas. Aplico-as. Que levo eu daqui?

Murillo? Mas o **Cazamento de S. Catarina**, já eu o conhecia por copia cuja fidelidade respeitára o olhar esperto das crianças e a tradicional suavidade das virgens. Andréa del Sarto? Sano de Pietro? Mas o colorido daquelle não está perito do ótimo; e no **Cazamento da Virgem** as onze caras, lapidescentes e reproduzidas, de moças feias, e sobretudo aquelle menino malcreado, manhoso, acônseham a gente a ir ver outra coisa, seja lá o que fôr. Lionardo da Vinci (na plaquinha está Leonardo)? Mas o **S. Jeronimo**, tema fartamente explorado na arte cristã, além de se não prestar á graça e ao encanto do sabio artista, está incompleto, vizivelmente incompleto. Perugini? Mas a sua **Resurreição** inferioriza Cristo até quando se o compara aos soldados que dormem no primeiro plano. Muito complexa embora, e embora com a provavel collaboração de Julio Romano, lhe é superior, agradavelmente superior, a **Resurreição de Rafael**. Aproximadas



as duas grandes telas (como é de uzo gratificado) para que se as compare, a primeira aborrece.

Mas que levo eu daqui? Muito. Levo Rafael significando toda a pureza idéal da Renascença. Levo as sete creações da **Madona de Foligno**, cada uma das quaes consagraria um mestre. Levo aquelle lindo azul do quadro, onde até as nuvens falam.

.....

Capitolio e adjacencias — Março, 4.

— Dia lindo. Muita luz. Muita gente. Muito movimento. Roma saiu á rua. Fosse em Tremembé e o padre Valois perguntaria: "Que procissão ha hoje?"

— Leio á porta da Egreja de S. Bernardo: **Indulgencia plena e perpetua**. Não entro. Quando a esmola é grande o pobre desconfia. Entro, porém, intencionado por competente recommendação, em S. Maria da Vitoria. Arte, tanta! Seus seis altares são diversamente bellos. O pulpito, ladeado por seis imagens de marmore, está atraentemente collocado á direita do altarmor. Não me posso demorar, porém; tenho hoje compromisso com outros pontos da Cidade Eterna; ella o é, eu não: por isso devo dozar o meu tempo. Segrego na atenção uma das estatuas. E' dum santo, hirsuto, triste como os seus cinco companheiros. Não lhe consegui saber o nome.

Os hellenos desciam do Olimpo deuses, irados e valentes, para os envolver nos interesses cá de baixo; nós os neolatinos remetemos para o céu constantemente deuses tristes. Em toda a teogonia catolica a semsaboria da insipidez descontenta e afflige. Não ha santo alegre. Tem o japonéz a sua Okamé, ridente, satisfeita, á parede das salas de refeição. Tinha o grego Sileno, Pan, Baco. O etrusco incluia em suas preocupações o culto de Cloacina. E nós, os educados nas tradições cristãs, só admitimos a permanencia duma hipochondria que monotoniza nossas esperanças no alem.

Li a Biblia duas vezes; consulto-a seguidamente; e nunca em suas tantas paginas encontrei uma gargalhada! Nem nas suas consequencias. As historielas de S. Cristovam espancando o diabo, e S. Gervazio rezolvendo panaricios, mal provocam um começo de sorriso.

Exquizado! No Brazil, se o bem é triste, o mal é alegre. Satan e Belzebú, rei e locotenente do inferno segundo a lição poetica de Milton, não fizeram carreira do Amazonas ao Prata. Ariel, Abdiel, Asrael e outros diabos caldeus, só têm

tido entrada nas comédias do teatro. Dos demônios indígenas falleceram completamente Anhangá, Boitatá, Curupira; está moribundo o Caciperêrê, e o Caapora, si reziste ao enterro no esquecimento publico, deve essa vantagem unicamente ao fato de, alterando a assinatura para Caipora, se haver mudado para as bancas de jogo acodindo ao nome de sapo. Nem esses, nem o Pedro Malazartes (S. Pedro, impopular na Iberia durante a idade média, por mentir tres vezes a Cristo), nem o Fradinho da Mão Furada, nem mesmo o Calhapembe, o Tinhozo e o Coizaruim, diabos que, com o setentrional Lobisomem, moraram nos nossos centros agricolas á custa das historias que os mucamas contavam ás filhas dos fazendeiros, nem elles, amedrontam deste lado do Atlantico o povo que os despreza solennemente!

Penso que isso está errado. Preferiria diabos tristes e deuses alegres. Não me ocorre, porém, concerto a dar aos erros da natureza. Não fui consultado a respeito de sua gestação. E conformo-me com o ensinamento de Laplace: o mundo é o que é e não pode ser outra coiza.

.....
 — Ao Capitolio. Tem cem passos dos meus, trezentos do dr. Sabino Barrozo, a ladeira que me leva ao Capitolio. Tem treze metros, não mais e sem rocha, a Rocha Tarpeia no local disculvel que os guias lhe designam. Tem pernas magras o cavallo que aguenta o pezo e a censuravel equificação de **Marco Aurelio**. No pedestal, e certamente nos calcanhares desgrudados de Sua Magestade, entremeteu-se Sua Santidade Paulo III, com a mania de inquietar a escultura antiga impondo-lhe modernizados acrescimos. Nos **Dioscu-ros**, então, essa teima obtem successo de hilaridade.

— Bustos de **Virgilio** e **Cicero** gozam de autenticidade bastante mente endossada, mas **Clodio** pouco atletico e **Bruto** excessivamente joven reclamam alguma contribuição da boa vontade para que alcancem fóros de incontesteis.

E ha tanta coiza aqui para não ser admirada! **Arquimedes** com uma orelha recém nascida; **Zenon** de boca aberta, incitando á desconfiança de falta de moscas no Peloponezo; e aquella, aliás cotadissima, **Venus Capitolina**, com a mão esquerda assanhadamente restaurada para cima: não, não combinam a consciencia artistica com a petulancia das restaurações. Não é restaurador quem quer. No Vaticano, lembro agora, a verdade dessa mentira lópa, entre outras demonstrações, com a de **Hercules** e a **Hidra de Lerne**. Ao filho de Alcmena faltava uma perna, que apare-



ceu depois de restaurada. Dezastré! Nem dimensões, nem maneira, nem realidade na direção da perna, nem firmeza na relativa posição dos dedos: tudo dissimilhante da perna que se conservára! A do original é forte, é Hercules; a outra é da série b: é besta.

Mas, também, ha tanto que ver! No **Gladiador Ferido**, até os musculos gemem. O **Marte** dezafia que digam o que lhe falta. O **Apollo** está a exigir criação de palavra que suplante o superlativo bellissimo. O **Septimio Severo**, de alabastro, enriquece a sensibilidade do observador, minima que seja a sua educação artistica.

— Sol poente. Vou utiliza-lo no Jardim Zoologico. Bom passeio; magnifica diversão. Vejo pela primeira vez tigres de Bengala, ursos brancos e hienas. Abundam ursos, lobos, mansissimos elefantes e simpaticos hipopotamos; ha javalis e onças pardas. Todos esses meus irmãos era Darwin — por não terem, como eu, mãos que obedecam rapidamente ás ordens da vontade, e porque, olhando para baixo e não para cima, dispõem de quazi nulla previzão, ignorando sua posição na terra, e a da terra no espaço — se deixam governar por meia dúzia de funcionarios franzinos, poltrões, insignificantes no meio dos da sua especie. Exceçto Orfeu, nem um homem foi notavel por haver sido inspetor de animaes bravios.

Imitada, dizem-me, da de Hamburgo, a fórma da habitação das feras, enganando a vista e disfarçando fossos intransponiveis, traz a illuzão de estarmos perto, muito perto dessa porção de bichos. Pareciam-me ao lado, quazi a roçar-me, quando se lhes distribuia a ração da carne. Irritante a roedura de tanto osso.

Chamei á fala o guardador-chefe de tantos prizioneiros, cara sagaz, e roupa fedorentamente suja. Expliquei-lhe pacientemente que o filosofo Lucrecio, seu provavel antepassado, versejára ter o leão duas particularidades dignas de reparo: uma unha na ponta da cauda e medo do olhar do gallo. O homem, atento, confirmou-me a primeira, prometendo-me verificar a segunda. Si cumprir a promessa, gratificá-lo-ei ensinando-lhe a mudar roupa mesmo quando não tenha roupa para mudar. Em 1894, prezo, certo de que a lavadeira se lembrára de esquecer minha roupa limpa, virei toda a roupa suja pelo avesso; vesti-a, salvando assim o asseio da situação.

— Fui, ainda, ao Pincio, recémligada continuação do Jardim, e donde é facil descortinar, pelo menos, dois ter-



ços da cidade. Ergue-se num dos seus pontos extremos a Academia Artistica de França. Estava fechada; questão de indole. Cobra duas libras por mez por alumno estrangeiro; questão de preço.

Observando.

— No refeitorio. Tres livros carregados por duas inglezas, irremediavelmente manas, e um inglez condemnado a marido de qualquer dellas, enchem a meza que me fica á direita; essa meia duzia vem, vai, volta, senta-se, levanta-se, sáe, entra, tudo isso silenciosamente. Nada reclama o inglez; as inglezas não proferem palavra. Daquella meza as sillabas são desterradas. Gente enigmatica. Doutro lado, muito mais decifrável, me fica um italiano, moço, official de marinha, irrequeto namorado duma francezinha que lhe está á proa mastigando arrecadadoramente. Si se cazam, quanto terá de manobrar o joven marido para içar o falher em dia!

— Vou ao salão de leitura. Sei que não ha jornaes do Brazil; peço-os com insistencia, mas delicadamente. Practico o que Robespierre definia — o aristocratico prazer de ser incommodo. Tento verificar, num numero do Times semanal e no discurso de posse do prezidente democrata Wilson, si cabem ambos no meu stock de inglez. Eloquente oração. Honesta. Pacifista como todo discurso de orador que não está embriagado. Quazi o entendi inteiro. Gostei. O illustre advogado quer a justiça, o direito, a seriedade, a liberdade. Perfeitamente.

Ainda não vi programma administrativo que consignasse o furto, o jogo, o impudor e o assassinato como meios governamentais. Porque? Medito. Tudo neste mundo é incerto, mutavel, transitorio. Ninguem tem, quando governo, o mal como programma; e ninguem mais do que o detentor do poder tem interesse em que tudo caminhe bem. O politico que realizasse o seu programma faria uma administração angelica, original: uma administração tão sublime que os governados lhe não consentiriam que voltasse a ser simples particular. Consequencia: quem no poder realizar o seu programma será sempre poder; ora isso não se harmoniza com a natureza das coizas: porque tudo neste mundo é mutavel e transitorio.

Eis porque ninguem cumpre o que promete. Eis porque o mais que um politico pode fazer é aproximar-se do seu programma; realiza-lo, nunca! Seria suprimir o mal, o que



desvalorizaria o bem por falta de contendor. Desmanchava-se o mundo todo.

Na Camara dos Deputados — Março, 5.

— Velho, mas sem o veneravel prestigio de antiguidade é o edificio da Camara dos Deputados. Velho em tudo. Nos trastes, na construção e até na vadiagem parlamentar. Inferior ao do Brazil no tamanho da sala das sessões, embora maiores tenha as galerias para espectadores. A imprensa fica fóra do recinto, podendo os deputados que gozam de valvulas na moral entrar e sair sem que a intrujice os apoquente.

Vinte e nove deputados assistiam á sessão; quatorze eram calvos; moço, nem um. Debatia-se concessão de linhas ferreas em localidade tripolitana recémannexada. Tres foram os discursinhos lidos em largas meias folhas de papel paulado. Respondeu-lhes o ministro da Viação. Não se ouviu, do que sua excellencia disse, uma fraze inteira. Muito bem! Mas mesmo: muito bem!

Acolhido por expressivo movimento de atenção, augmentado aliás pelo concurso da gente que veiu dos corredores, levantou-se o deputado Turati. Dição rapida. Conceituozo. Conhece-se immediatamente o esgrimista da retorica. Auxiliam-no boa estampa e voz agradável, dotes indispensaveis aos grandes oradores. Fazem-lhe magnifica atmosphera moral a justa fama em questões de dinheiro, e a dedicação desinteressada ao fraco, ao operario, ao trabalhador, ao pobre.

Aguço olhos e ouvidos. Preparo-me para o enlevo. Vou escutar e entender o *vir bonus dicendi peritus*, que Catão definiu e Quintiliano adotou para modelo dos seus discipulos. Maçada! Projeto perdido! O homem está de costas voltadas para a tribuna donde eu o quero observar; nem mais a cara lhe vejo. Perco infelizmente toda ação oratoria desse talento politico em via de estadista, e cujas qualidades parlantes eu pretendia comparar com as dalguns oradores que, por debates notaveis, me permaneciam na lembrança.

Tinha eu doze annos quando ouvi, em 1865, a celebre réplica de Jozé Bonifacio a Nabuco de Araujo e a irresponsível tréplica de Angelo Ferraz a Jozé Bonifacio. Galerias repletas. Atenção em alerta. Dois annos mais tarde, ainda criança mas explicadamente curiozo, acompanhei sem pestanejar, encostado a uma balaustrda onde um continuo me fiscalizava, a interpellação de Joaquim Manoel de Macedo



e a resposta de meu pai, então ministro da justiça. Interessante e renhido debate sobre incidentes da guerra do Paraguai em seu periodo agudo, entre dois professores, letradissimos, ão amigos quanto adversarios! Alcancei-os ainda na Camara em 1880; dambos fui collega, tendo já sido discípulo. Escutei Silveira Martins, Ferri, Jaurés. Aplaudi-os, admirei-os, mas de frente, sempre de frente. De costas estivessem elles, e ter-me-ia esquecido mesmo de que houvessem discursado.

O orador, para quem lhe não olha os olhos, que são as janellas da alma, para quem lhe não pode conjugar o gesto ao pensamento, a ação ás asserções, transforma-se em um ser extranho, inesperado, embaraçozo. Ficam-lhe incompreensiveis os meneios, e inconstantes, protuberantemente excessivas, as suas rolundidades adipozas. Parece uma gallinha poedeira.

Na Camara dos Deputados, no Brazil, tendo-me eu removido da bancada paulista para a de Matto Grosso que lhe eslá a cavalleiro, não conseguí ouvir de frente qualquer discurso dos deputados por S. Paulo.

MARTIM FRANCISCO.

(Continúa).



BREVES ANNOTAÇÕES

AO LIVRO

"AÉRIDES"

DO SR. ALBERTO FARIA

*miserum est aliorum incumbere famae,
Ne collapsa ruant subdactis tecta columnis.*

JUVENAL

Uma das coisas mais desencorajantes em nosso paiz é a maneira por que, em regra geral, são os livros recebidos.

Se o autor não tem camarilha literaria e é um desconhecido no meio social, o seu livro, regra geral, fica em silencio, muito embora revele talento promissor. Quando muito, como obra de caridade, uma noticiuzinha pallida, vaporosa, um nariz de cera inocuo, applicavel a todas as noticias de livros que não se lêem.

Se o autor tem camarilha favoravel, ahi nos vem pela proa o elogio altisonante, guindado ao quinto ceu da adjectivação superlativa.

Se o que elle tem é uma camãrilha hostil, estruge a descomponenda rubra e candente.

O que raro apparece é uma critica severa, minuciosa, mas sem odio, que oriente o autor e o publico.

E, assim, os espiritos que produzem vão a tactear nas trevas, mormente os estreantes; e o publico a perder ás vezes bom ouro literario que se esquece nas livrarias, ou a pagar caro muito pechisbeque que os louvores insensatos encareceram.

Ainda ha pouco, publicando o meu commentario aos *Lusíadas*, senti fundo essa falha do nosso meio literario. Suspirei por uma critica meticulosa, que me apontasse as lacunas e, porventura, me corrigisse os senões em obra de tão alta responsabilidade. Porque senões, quem não os terá?

Até hoje fiquei entregue a mim mesmo, obrigado a ir depu-

rando aos poucos aquella obra, que os criticos poderiam depurar de uma só vez.

Já é tempo de sairmos de um tal estado de coisas deprimentes para o nosso meio intellectual.

Com este criterio a guiar-me, procurarei fazer algumas apreciações ao livro "Aérides", do Sr. Alberto Faria.

O seu livro, graças ás noticias que o precederam, era aguardado com ansiedade pelo publico.

Parte integrante desse grande publico, amigo das letras — mormente das letras patrias — tambem eu comprei a obra litteraria annunciada, com o simples intuito de ler, de aprender, por isso que não me dedico ao ramo em que busca especializar-se o seu autor. Como obscura parte integrante do zé-povo a quem o livro se dirige, trago aqui as minhas impressões, com o mesmo direito com que um cidadão da multidão arengada bate palmas ou aparteia, mas com todo o respeito para com o orador.

Começo por bater palmas, saudando o apparecimento do livro como simples livro.

Numa terra em que dos 20 % que sabem ler apenas 20 % são os que lêem de facto, devemos, certamente, saudar, com effusão de espirito, o apparecimento de um livro.

Saudemos, primeiramente, a Casa publicadora que se atirou corajosamente a semear em terra maninha. Saudemos, depois, o autor, que viu coroados os seus esforços e a sua justa aspiração. O autor de "Aérides" é um homem esforçado, que se vai fazendo á custa propria, e que merece, só por isso, a homenagem da todos quantos sabem o que é esforço.

Além disso, é um espirito pesquisador, que pode prestar bons serviços na esphera em que labuta, o *folk-lore* nacional.

Dadas estas palmas com toda a sinceridade, peço licença para alguns apartes.

Quanto ao valor da materia que encerra, pode-se dizer que é obra leve, a reedição de ligeiros artigos que o autor publicou outrora em um jornal de Campinas sob o titulo de *Ferros Velhos*. Ha ali paginas de certo interesse ao lado de outras de interesse quasi nenhum, como, por exemplo, aquella a respeito do *sacra auri fumes*.

Entre as coisas curiosas que o livro encerra, apontarei a interpretação dada a dois passos obscuros dos *Lusiadas*.

Um é o "Real! real! por Affonso, alto rei de Portugal!" A explicação desse brado, disse eu nos commentarios aos *Lusiadas*, é controversa. Mas, não muito tempo depois de sair a primeira edição, pela leitura de um trecho de Francisco de Andrade na *Chronica de D. João III*, cheguei a ver que não

podia haver duvida quanto á significação da palavra *real*, e, promettendo a Monteiro Lobato uma serie de pequenas curiosidades para a *Revista do Brasil*, destaquei, justamente, essa minha descoberta. Mal sabia eu que a descoberta já tinha sido feita igualmente pelo autor de "Aérides", se bem que pela leitura de outros livros. *Real* está por *arraial*, como muito bem conclue o sr. Alberto Faria. Lamento que na 2.^a edição do meu livro não lhe possa attribuir a primazia da descoberta, visto como chegámos juntos, ainda que por vias diversas, ao mesmo resultado, sem que um deva ao outro coisa alguma.

O passo de Francisco de Andrade vem á pag. 119 do vol. I, edição de 1796, e reza: "deu aquelle acostumado pregão, Arrayal, Arrayal, com que alevantou por Rey naquellas partes el Rey dom João o terceiro".

O segundo é a celebre estancia que levou Faria e Sousa a uma longa tirada inaceitavel:

"E vós, se na vossa arvore fecunda
Peras pyramidaes, viver quizerdes,
Entregae-vos aos damnos que d'os bicos
Em vós fazem os passaros inicos"

CANTO IX. 59

O commentario do autor é este:

"As peras pyramidaes, devido ao muito peso, vêm a terra antes da plena maturação, si lh'a não apressam, pelo dessoramento, as bicadas dos passaros; soffrido este processo, em razão do qual o povo lhes chama *peras sangradas*, ficam na arvore, tornando-se saborosas, ao que ouvimos de pomareiros ultramarinos".

Como se vê, se o facto é real — o que vou submeter á prova dos entendidos em pomicultura — a explicação é cabal. Com vivo prazer a incluíria na 2.^a edição do meu *Lusiadas*, com louvores ao autor de "Aérides", se a descoberta tambem já não tivesse sido feita antes pelo illustre poeta sr. Alberto de Oliveira, que m'a revelou em junho de 1917, na casa Garnier, dizendo-me haver consultado tambem o seu pomicultor ultramarino. Em todo caso, a convergencia das descobertas reforça a probabilidade de acerto.

O estylo do autor é bastante rebuscado, deixando transparecer a cada passô o prurido do *preciosismo*, nas expressões pouco usadas por nós outros, pobres mortaes, e que por elle não são apenas usadas, mas abusadas: umas raras, outras



archaicas, outras forjadas. Taes são: *abyssso*, *alquando*, *a remotos*, *antanho*, *a la par*, *alfim*, etc. Entre os neologismos vem *classismo*, mal formado, em vez do nosso consagrado *classicismo*; o neologismo graphico *ghirlanda*, tirado do italiano e inteiramente arrevesado em nosso meio; *traslator*, que não é latim nem portuguez, porque o portuguez é *trusladador* e o latim é *translator*, sendo a transformação de *trans* em *tras* um phenomeno puramente phonetico e popular, e que não se pode estender ás palavras de importação erudita; *orgiastico*, tirado correctamente do grego, não ha duvida, mas para substituir, desnecessariamente, o nosso velho e consagrado *orgiaco*; *emphasiar* (melhor seria talvez *emphasear*), formação que a lingua não reclamava de maneira alguma. E assim ha outros.

Nesse afan o autor vae mesmo ao ponto de criar um hybrido *incuphónico*, abandonando desta vez o grego e o nosso humilde *mal soante*.

Passo de largo no tocante ás extravagancias e incongruencias dos signaes diacríticos.

Ora todas essas coisas, quando deixam o leitor enxergar, através da peneira, a *preoccupação* do autor, tendem, fatalmente, a apagar o interesse que a obra deve despertar.

Abre o livro um estudo em torno do bellissimo soneto de Heredia — *Récif de Corail*. Depois de analysar as diversas traducções feitas por alguns de nossos poetas, acoimando-as de viciosas, dá o autor a sua propria traducção. E', sem duvida, uma esforço feliz, mas que tem contra si o facto de já haver encontrado o caminho desbastado pelos que o precederam. Além disso a traducção não é impecavel.

Ao contrario, o 2.^o quarteto deixa muito a desejar.

Eil-o:

*"E tudo quanto o sal, ou quanto o todo cora,
Musgo, anémoma, ourica e algas filamentas,
Cobre, a purpura escuro, em linhas triumphaes,
O alvi-rendado chão que o polygo elabora"*

O proprio autor confessa, honra lhe seja feita, que a traducção "é susceptivel de reparos meliorativos".

Não será mau que se frisem dois pontos. O primeiro é esse adjectivo *filamentas*, neologismo, ainda uma vez, adrede forjado, e mui discutivel, que tira ao verso um dos seus mais apreciados requisitos: a naturalidade.

O segundo é quanto ao proprio pensamento encerrado no quarteto. E' tão obscuro que só pode ser apprehendido com alguma facilidade mediante o original francez. E tudo vem



daquella expressão "*a purpura*", de colorido francez, em vez de *com purpura* ou *de purpura*, que é a nossa phrase genuina.

Vê-se logo que o autor é, sem contradita, um devorador de livros; mas tem-se tambem a impressão perfeita de que, para se tornar proficua nas suas mãos essa erudição apressada, fallece-lhe um preparo anterior, harmonico e paciente. E' que o autor, como muitos, ao entrar para as lides literarias, já podia dizer como o Camões:

"Vão os annos descendo, e já do estio
Ha pouco que passar até o outono".

Esse é o mal de muita gente; esse é o mal de quem rabisca estas linhas. Quando, aos dezoito annos, comecé a amar seriamente os estudos, já contava uma serie de *preparatorios* pessimamente preparados, de fórma que vejo as paredes da alma esburacadas e sinto que o meu mal não tem remedio. Já me resignei com a sorte. Mas isto é que não succede com o autor de "*Aérides*". Elle não se conforma com a fatalidade: na sua ambição justa, mas irrealizavel, em vez de submeter-se ao fado e restringir o ambito de sua actividade, rebella-se, e atira-se afoito por um cipal garranchento, que lhe lacera as vestes e as carnes.

Por exemplo: elle se arroja a traduzir Anacreonte, um dos poetas mais difficéis que a Grecia nos legou, e na empresa se sae de um modo desastrado. Desastrado, sim, porque se apresenta como que censurando a audacia de Castilho em traduzir Anacreonte, quando confessava não saber grego, e elle proprio revela de entrada, e de modo inequivoco, que lhe faltam os simples rudimentos desse idioma. Isto é patente ainda áquelles que, como o traçador destas notas, possuem apenas tinturas de grego.

Logo no texto, e depois na versão, vem a palavra ὄπος (hópos) graphada erradamente ὄπος. Uma pequenina coisa, é certo, mas que confirma de modo cabal o que ficou dito acima, pois que logo ás primeiras lições de grammatica grega o estudante aprende que o accento grave só se pode usar no fim de uma palavra, na ultima syllaba, em substituição ao accento agudo, quando a essa palavra não se segue ponto.

Egual erro apparece na graphia ὁμοιος (hómoios), p. 72.

Na mesma pag. 72 lê-se esta observação: "A causa tradicional da immortalidade dos deuses, referida por Homero, *Iliada*, V, 340-2, era circular nelles ἰχὴρ (especie de liquido branco), em vez de αἷμα (sangue, propriamente)".



De novo nos vem o accento grave mal collocado, e isto porque a palavra grega o traz no mencionado passo de Homero, onde ella está no conjuncto, iniciando um verso e sem ponto que a separe.

Quanto á interpretação dada ao vocabulo, Pierron, no seu classico e erudito commentario, vol. I, p. 177, diz:

Ἰχθὺρ. Dans la langue des médecins grecs, l'ichor est le sérum du sang, et même quelquefois la sanie. Il s'agit pour Homère de tout autre chose, d'un liquide presque volatil et d'une nature peut s'en faut immatérielle".

A palavra φίλια (*phília*), uma das mais conhecidas dos principiantes, porque é uma das mais caseiras, vem, por duas vezes, em duas linhas, com o accento deslocado para φίλια (*phília*), na p. 79. Mas o que é peor, sem duvida nenhuma, é que a significação que o autor lhe attribue é inteiramente falsa, bem como falsa é a categoria grammatical a que foi ella atirada. Tanto na versão juxtalinear, como nos commentarios, como na traducção em verso, o autor lhe dá a significação de *amiga*, quando se trata do substantivo *amizade*. O adjectivo *amiga* é φίλη (*phílē*), não φίλια.

Como corollario desse erro inicial, o autor faz a palavra φίλαςτε composta de φίλια (transformado em φίλια), mais ἔπος (graphado erradamente ἐπός), quando deveria ser formada de φίλ (apócope de φίλος).

Como segundo corollario desse erro inicial, traduziu a phrase de Anacreonte: φίλια γεωργῶν por *amiga dos lavradores*, caindo assim no mesmo erro de Castilho, a quem pretende corrigir, e fazendo o poeta dizer um contrasenso, pois o que elle quiz significar não é que *a cigarra ama os lavradores* — coisa sem sentido — mas que *os lavradores amam a cigarra*, facto aliás explicado pelo proprio poeta na expressão: "porque ella a ninguem damnifica", o que não succede com outros insectos, que são o pesadelo dos agricultores.

Eis porque, em vez de "tu do lavrador amiga", como traduziu o autor, ou de "a amiga és tu do agricola", conforme a traducção de Castilho, Leconte de Lisle, que sabia grego a fundo, traduziu: "Le laboureur t'aime, car tu ne lui fais point de mal".

O poeta quer dizer que a cigarra é a *amizade dos lavradores*, isto é — o objecto dessa amizade. São justamente essas subtilidades volateis que fazem de Anacreonte um dos poetas mais difficeis, como acima ficou dito.



A expressão ὅπως βασιλεύς foi traduzida: "como um rico", amesquinhando, além do mais, o pensamento do poeta. A palavra *basileus* jamais significou *rico*, mas *rei*, razão por que Leconte de Lisle traduziu: "tu chantes comme un ROI".

O particípio do perfeito πεποκός foi traduzido pelo nosso gerúndio *tendo*, já de si improprio para representar aquella fórma verbal do grego. Parece que o autor, não podendo achar nos dicionários semelhante fórma, escapou-se com aquella traducção amorpha: *tendo*.

Mas πεποκός não procede do verbo *ter* (ἔχω). Tirada a reduplicação *πε*, característica do perfeito, e a desinencia participial *κός*, resta-nos a raiz *πο*, humilde e prosaica, que nos surge no adjectivo *potavel*.

E' do verbo *beber* (πίνω), no qual entram duas raizes: *πι* e *πο*; presente *πίνω*, perfeito *πέποκα*.

Foi por essa razão que Leconte de Lisle traduziu: "*ayant bu*", *havendo bebido*. Perfeita traducção!

A palavra προφητης foi traduzida *orgam*: a cigarra é *orgam estival*! Ora tal palavra, além do corriqueiro sentido que vemos no nosso *propheta*, significa o *precursor*, o *proclamador*, e como prova disto o excellent dicionario de Liddell and Scott cita justamente o passo de Anacreonte, em que o termo vem transformado em *orgam*, roufenho e minúsculo, pela traducção que critico. Ainda uma vez venha Leconte de Lisle: "tu leur annonces l'ébé". Aquelle *orgam*, pois, está muito desafinado.

A' pagina 209 lemos a expressão: Ἀρχαιότερος Ἰβύκοις, explicada entre parêntese: "*mais antiquado que Ibyco*".

Ora comquanto nunca eu tenha visto essa phrase, posso jurar que está errada. Ἰβυκος tem como accusativo Ἰβυκον. O que devia estar ali era o genitivo Ἰβύκου, no qual houve deslocção do accento pela regra de que, sendo a ultima longa, o accento não pode ir além da penultima. A demais, a forma genitiva é pedida no caso pelo adjectivo no grau comparativo, como em latim era requerido o ablativo: *major Petro*. Tenho disto certeza absoluta. Consulte o autor a fonte de onde tirou a phrase e convencer-se-ha do erro em que incidiu.

Donde concluir-se, sem nenhum dêsdonro aos meritos reaes do autor, que elle, absolutamente, não pode traduzir Anacreonte.

A traducção termina assim:

"Não soffres, nem envelheças.
Aos deuses quasi pareças".



Em nota vem uma variante:

"Não soffres nem te encarquilhas:
Quasi aos deuses te assimilhas:

A variante é melhor do que o texto por duas razões.

Em primeiro lugar, porque *assemelhar* é mais forte do que *parecer*, visto que aponta para a essência mesma das coisas, ao passo que *parecer* fica nas apparencias externas e, até, fallazes. O adjectivo grego *ὁμοιος* e o verbo *ὁμοίω* exprimem essa idéa mais concisa de semelhança intrinseca ou moral. E' conhecida a celebre discussão theologica acerca dos adjectivos *ὁμοιος* e *ὁμός* com referencia á natureza divina de Christo.

O verbo *parecer*, com o sentido attenuado; é representado no grego pelos verbos *δοκέω* e *φαίνομαι*, inglez *to seem*, não *to be like* ou *to assimilate*.

E' ainda a differença entre o francez *sembler* e *paraître*. "*Ssembler* marque le rapport que la raison trouve entre la chose et ce qui doit être, le bon, le vrai, le beau; *paraître* désigne seulement le dehors, l'aspect, l'apparence". (E. Sommer).

Em segundo lugar, a construcção "aos deuses quasi parecez", sem o reflexivo *te*, é archaica, tão archaica, mesmo, que, Aulete não mais a menciona. Isto lhe empresta um caracter de expressão forçada que a enfraquece. Em versos leves, como aquelles, um archaismo fuliginoso é como um poncho nos hombros de uma criança rosea vestidinha de anjo para a procição.

Quanto ao grego, tenho dito o sufficiente. Vamos ver o latim. O autor entra com verdadeiro desembaraço nessa lingua que apavora os pobres estudantes, e vae ao ponto de criar algumas expressões. Mas, tambem aqui, o desastre é completo.

Ao citar Vergilio, escreve: "*varium et mutabil semper femina*", em vez do neutro *mutabile* (p. 206).

Na pagina 257 salta-nos um *calcante pedibus*, ablativo absoluto em que entra um participio no singular, com um substantivo no plural!

Na pagina 293 lê-se: "*pro judicium*". Ora qualquer grammatica latina elementar ensinará que entre as preposições que regem *sómente* ablativo está a preposição *pro*. Assim, pois, as coisas de tal maneira se aggravam, que a gente se vê na contingencia de afastar a idéa de descuido de revisão, ainda quando nos citem o *in dubiis pro* REO (com ablativo).

No verso de Juvenal: *Quum Gaetula ducem portaret bellua luscum*, o verbo *portaret* apparece-nos transformado em *porterrat* (p. 4.)



Este latim é irmão xiphópago daquelle que nos surge á pag. 153, "*illud ipsum nemo*", no qual entra o substantivo *nemo*, contracção de *ne-homo* = *ne-homo*, e, portanto, naturalmente do genero masculino, acorrentado, no entanto, de modo ber-rante, a dois neutros, *illud e ipsum!!*

E' escusado procurar escapatoria: *una salus victis...*

O autor achou pouco que respigar na lingua ingleza: dá apenas, á pag. 295, um soneto de Wordsworth. Mas esses qua-torze versos estão de tal maneira mutilados, que reclamam uma ambulancia urgente. E' o que se vae ver, comparando o soneto, tal como o poeta o escreveu, com a versão de "Aérides". Vou numerar os versos.

- 1 — Scorn not the Sonnet; Critic, you have frowned,
- 2 — Mindless of its just honours; with this key
- 3 — Shakespeare unlocked his heart; the melody
- 4 — Of its small lute gave ease to Petrarch's wound;
- 5 — A thousand times this pipe did Tasso sound;
- 6 — With it Camões soothed an exile's grief;
- 7 — The Sonnet glittered a gay myrtle leaf
- 8 — Amid the cypress with which Dante crowned
- 9 — His visionary brow; a glow-worm lamp,
- 10 — It cheered mild Spenser, called from Faery-land
- 11 — To struggle through dark ways; and when a damp
- 12 — Fell round the path of Milton, in his hand
- 13 — The thing became a trumpet; whence he blew
- 14 — Soul-animating strains — alas, too few! —

(Macmillan, Londres e Nova York, 1892, p. 452.)

Versão de "Aérides".

- 1 — Scorn not the Sonnet; critic you have frowned
- 2 — Mindless of its honours with this key
- 3 — Shakespeare unlocked his heart; the melody
- 4 — Of this small lute gave ease to Petrarch's wound;
- 5 — A thousand times pipe did Tasso sound;
- 6 — With it Camões soothed an exile's grief
- 7 — The sonnet glittered a gay myrtle leaf
- 8 — Amid the cypress with which Dante crowned
- 9 — His visleany brow; a glow worm-lamp
- 10 — It cheered mild Spenser, called from fairyland
- 11 — To struggle through dark ways, and when a damp
- 12 — Fell round the path of Milton, in his hand
- 13 — The thing became a trumpet, whence he blew
- 14 — Soul animating strains — alas too few.

Comparemos verso por verso, mencionando o que houver de importante e o que houver secundario.

Verso 1.º Alterou a graphia *Critic*, intencional no poeta, para *critic*; supprimiu a virgula depois de *frowned*, prejudi-cando o sentido e tirando a emphase ao que se segue.

Verso 2.º Esqueceu aquelle *just*, cuja falta deixa o verso a mancar; supprimiu o ponto e virgula depois de *honours*, o que baralhou o sentido inteiramente.

Verso 4.º Em vez de *case* vem *case*, o que redundava em disparate.

Verso 5.º Evaporou-se o *this* antes de *pipe*, deixando o verso de muletas e o pensamento quasi risível.

Verso 6.º Apagou o ponto e virgula depois de *grief*, com grave injuria do sentido.

Verso 7.º Alterou a graphia *Sonnet*, intencional, em *sonnet*.

Verso 9.º Escreveu *visioany* — que não é coisa alguma — em vez de *visionary*; transformou a expressão *glow-worm lamp* nesta outra: *glow worm-lamp* (1); respançou a virgula depois de *lamp*, prejudicando a emphase e o sentido.

Verso 10.º Mudou *Faery-land* (que geralmente se grapha *Fairy-land*) em *fairyland*.

Verso 14.º Desmanchou o adjectivo composto *soul-animating* em duas palavras independentes; deliu a virgula depois da interjeição *alas* (francez *hélas*) e o ponto de exclamação depois de *few*.

Como se explica tudo isso? Mui simplesmente. E' que quando o revisor nada entende da lingua em que se escreveu a pagina que lhe toca rever, engole facilmente patranhas como aquella narrada por Bernardes, a do *madna so sotap mea sotapas...* (1).

Era de crer que em francez se nos mostrasse mais feliz o autor.

Não quero com isto dizer que elle fosse capaz de escrever um soneto nessa lingua. Não. Bem poucos são os meus conhecimentos de francez, tambem confesso. Mas o que pretendo dizer é que seriam de esperar no autor ao menos esses rudimentos que no Brasil, por assim dizer, se bebem com o leite materno. Succede, porém, que pelas citações feitas, pelos erros crassos e repetidos, fico a duvidar de que os seus conhecimentos no tocante ao francez vão além dos seus conhecimentos de latim, grego e inglez.

Deixando questões de somenos importancia, observarei tão somente que á pagina 138 vem duas vezes, na mesma linha, a graphia *recière*, em vez de *rivière*.

Na pagina 136 lemos:

"Quand j'ai baillé tes deux grands yeux,
QUE nous a vu?"

(1) Ver *Anthologia de Fausto Barreto*, 6.ª ed., pag. 289.



De boa vontade concederia que foi lapso de revisão — ainda quando o revisor é exímio, como succede com o autor de "Aérides" —; mas não só o livro não traz a menor corrigenda no fim, como ainda sei, por mera casualidade, que o autor louvou o trabalho da casa impressora, pela ausencia de senões typographicos, louvor este confirmado pela falta de corrigenda no volume. Accresce, ainda, que os solecismos se repetem:

"J'ai dans les mains l'Annuaire dramatique de la Belgique, QUE ne te rajeunt pas..." (p. 240).

"Parle-moi de tes amours, de tes pîèces, QUE ne sont plus tes amours". (idem).

Na pagina 232 se encontra o verso:

"Avant qu'il ne fût né, je crois que l'ai su"

verso de pé quebrado e sem grammatica, tudo por causa da ausencia de *je* antes de *l'ai*.

Logo abaixo:

"Et vous n'auriez pas dû croire solitaire".

com os mesmos defeitos, oriundos das mesmas causas.

Logo adiante:

"toujours assez coté"

expressão sem sentido algum.

Ora, por mais que se queira ser generoso para com o autor, não ha senão concluir que os seus ouvidos não estão afeiçoados ao phraseado da lingua tantas vezes citada e tantas vezes estropiada nas citações, e que uma vez despregados os olhos do texto, não lhe resta recurso para perceber uma citação empastelada.

A proposito, Na pagina 153 existe um trecho que não me foi possível decifrar:

Diz o autor:

"Entre os epigrammas descriptivos da ghirland (sic) poetica organizada por Philippe, refere-se-lhe este:

"Um papagalho, que falava como um homem, escapou a sua jaula de vergas, bateu a linda plumagem rumo do bosque; e, na espessura, exercitando-se de cotio em saudar a Cesar, não lhe olvidou o nome glorioso. Todos os passaros correm para elle, que bem depressa os instrue, e ell-os a disputar qual melhor e primeiro diria a Cesar — Salut!"

Salut! Mas que lingua é essa? Não é grego, não é latim, não é portuguez. Bom será que o autor tome nota disso para uma

segunda edição; não succeda que algum critico dado a espirituoso lhe venha dizer que, de facto, aquillo não é grego, nem latim, nem portuguez; mas, sim, lingua de papagaio...

Ha no livro ainda referencias ao hebraico, ao arabe e a outras linguas rebarbativas. Como não pesco patavina dessas linguas, resta-me apenas louvar-me nos conhecimentos do autor.

Já é tempo de encararmos o portuguez em que o livro está vazado, porque o autor tem sido mestre da materia e é considerado quasi oraculo por aquelles que lhe formam o circulo de camaradagem literaria. Por isso, foi quasi com os pés descalços que me aproximei do seu trabalho.

Entremos no assumpto, pasando por cima de coisas minimas. Iremos em escala ascendente. Começarei pelas cacographias.

Na pagina 138 o autor grapha *Roumania*, não mais *Romania* nem *Rumania*, como baralhadamente se escreve por ahí, em abandono ancitoso da unica fórma correctá, que é *Romênia*. (Ver a respeito Gonçalves Vianna, *Apostillas*, vol. II, pag. 379).

Descobre-se logo uma influencia franceza, como também na graphia *serbios*, pag. 131, de um clamoroso pedantismo.

Na pagina 133, em contrario á corrente dos classicos e aos nossos dictionarios, salvo Aulete, conserva a graphia *discreção*, que Gonçalves Vianna chamou, e com toda a razão, de *disparatada*. "Abonar a fórma *discreção* com autores classicos fora inutil; o que havia de ser difficil era encontrar nelles o barbarismo *discreção*, que deverá quanto antes ser desterrado da escripta portugueza, pois a adopção de tal fórma orthographica patenteia a completa ignorancia da historia da lingua e do seu desenvolvimento". (Gonç. Vianna, *Apostillas*, vol. I, pag. 368).

Na pagina 131 escreve: "todas suas relações", em vez de "todas as suas", como se diz modernamente, porque esse archaismo quasi já assume ares de solecismo chapado.

Escreve: *fratrecida* (pag. 21), *pulular* (pag. 88), *destribuidos* (pag. 115), *jalaciosa* (pag. 126), *veperino* (pag. 197), *cumprida* (por *comprida*) (pag. 207), *indecivel* (pag. 283), *camponcos* (pag. 197), etc.

Não se trata, como se vê, de fórmulas em que ha fluctuações no estado actual da lingua, como *accitar* e *accitar*, *fantasiã*, e *phantasia*, *através* e *atravéz*, etc.; se assim fora, a minha critica seria malevola e contraproducente.



Grapha repetida, invariavelmente, *estrela*, sem respeito ao latim *stella*, a que se intercalou um *r* por influencia analogica de *astro*, nem ao italiano *stella*, ao hespanhol *estrella*, ao catalão *estrella*. Se o étymo apenas tivesse um *l*, a fórma hespanhola seria *estrela*, como de *gula* veio *gola*, de *pala* veio *pala*, de *mula* veio *mula*; e a portugueza seria *estréa*, como de *candela* nos veio *candéa*, de *tela* — *têa* (mais tarde *teia*). Assim seria, porque a palavra, de origem popular, se encontra nos mais remotos substractos da nossa lingua.

Na pagina 213 fala nos "habitantes da Bethania", determinando com o artigo uma simples aldeola, na erronea supposição, talvez, de que se trata de uma provincia ou região.

Na pagina 283: "Nesse percurso doloroso *através a urbe*", com o grave gallicismo *através a*, em vez de *através da*, grave, porque não se trata de um vocabulo sómente, mas de uma construcção forasteira avessa á tradição da lingua.

Na pagina 13 escreve: "Para bem se apreender (sic) o espirito de um poeta, é mister, antes de tudo, comparal-o consigo mesmo", construcção anti-classica, porque o reflexivo *comsigo* não se reporta ao sujeito da oração.

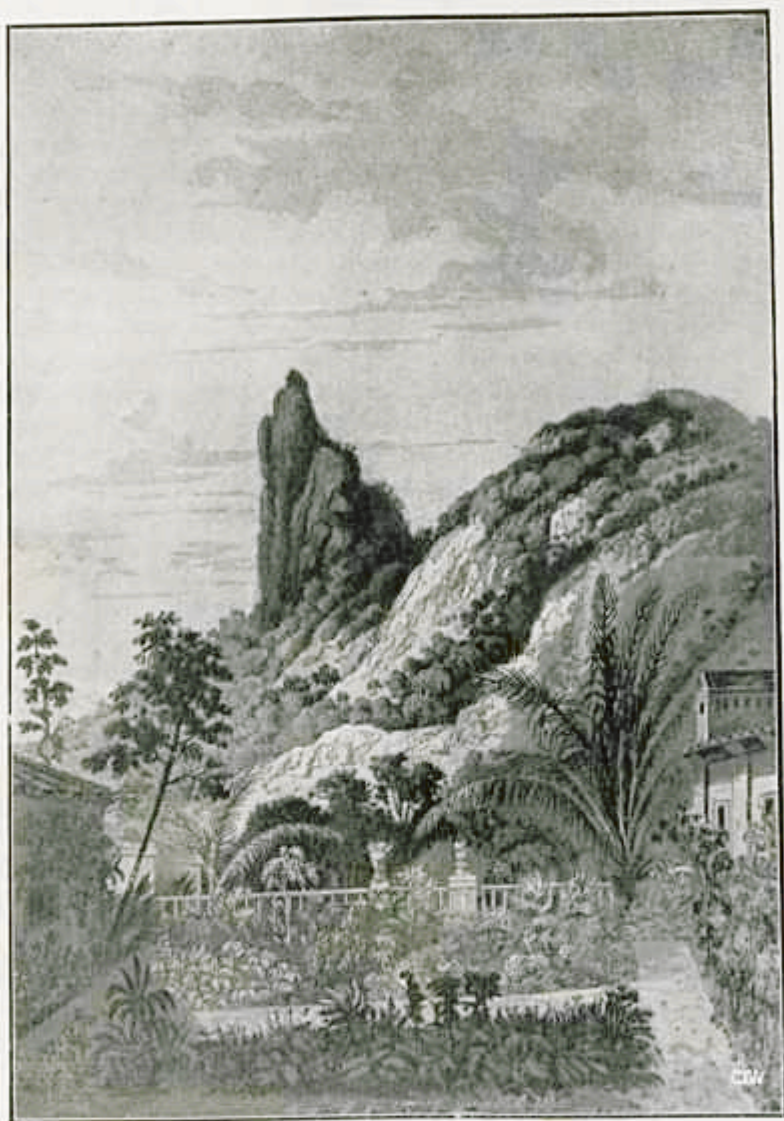
Repete-se o deslize na pagina 281: "... cujo coração, á guisa do crystal, onde os reflexos deslisam e se apagam, olvida tudo que conteve, tudo que passou deante de si."

Peccado venial, convenhamos, porque o cânon já era violado algumas vezes em latim e mesmo "entre portuguezes alguns traidores houve algumas vezes." Se bem que foi descendo essa ladeira que alguém escreveu: "Tenho muito dó de si", o que provocou de Camillo aquella archi-monumental sarabanda. — Ora quando a gente se prepara afim de assistir á missa cantada, enfia a camisa mais alvinitente, a fatiota mais nova, as botas mais luzidas... A bom entendedor...

Na pagina 9: "... os braços de Cleopatra não se rosariam por si mesmo", o que de bom grado eu concederia como erro de revisão, se não fora a repetição á pagina 87: "... sinos que soavam por si mesmo".

Algumas tentativas no portuguez archaico para dar ao *mesmo* um como caracter invariavel de adverbio, em expressões um tanto parecidas com essa, caíram completamente em abandono e não ha justificá-las em nossos dias. — Ousaria porventura o autor dizer: "A virtude é recompensa de si mesmo", em vez de *mesma*, como escreveu o Cardeal Saraiva, *Gloss.*, p. 96?

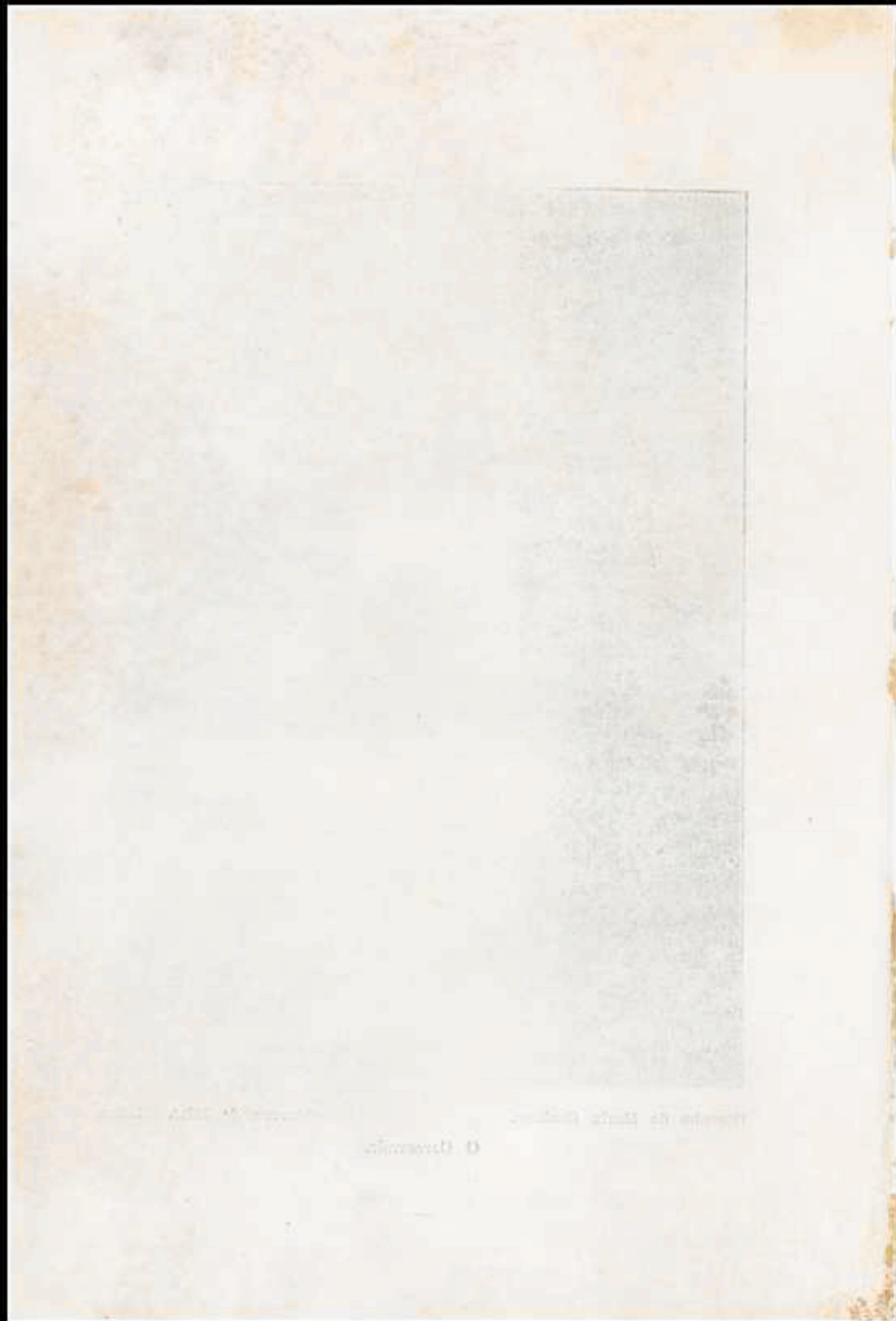
Na pagina 30: "Haja vista *aquella cachopa*", com uma crase despropositada, visto que *aquella cachopa* é o sujeito de *haja*



Desenho de Maria Graham.

Gravura de Edw. Finden.

O Corcovado.



Na pagina 85 vem dito que "o som do sino reperente *sobre* o obstaculo". Confesso que não posso ver claro como o som reperenta *sobre* o obstaculo. Em que bate elle, em cima do obstaculo, para repercutir? Se aquelle *re* guarda a sua forga de *para trás*; se, como doutrina Moraes, *repercutir* quer dizer: "fazer tornar o corpo elastico para alguma parte", então quer parecer-me que a preposição pedida seria *em*, como no exemplo de Castilho: "Quando essa voz reperente *na* consciencia de um pae..." Ou ainda, no exemplo mais proximo de Herculano: "Cantavam a missa do dia debaixo daquellas altas abobadas, *onde* repercutiam os sons do órgão e os echos das vozes do celebrante". (*Apud Aulete*). —

Na mesma pagina: "A egreja de S. Vicente está situada em uma pequena *imminencia* ao fundo da easeada..."

Pequena ou grande, essa *imminencia* requereria um interdicto com relação á igreja, a bem da segurança publica, se o asseverado fosse exacto. Felizmente não é. A igreja, collocada em uma pequena *eminencia*, não corre perigo de *imminencia* alguma.

Na pagina 179: "... os martyrios de Christo, *inflingidos* pelos phariseus".

Parece que todas as vezes que o autor quer empregar o verbo *infligir*, dá-se com elle um curioso phenomeno de diplopia: atravanca-lhe a visão o verbo *infringir* e resulta um cruzamento forçado de que nos reponta um producto hybridado, *inflingir*, que não é coisa nenhuma. Este erro já lhe foi apontado por alguém a propósito da publicação, alguns mezes atrás, do inesquecível folheto — O *urubú-malandro*, magnifico instanteo de uma psychologia collectiva.

Ainda uma observação. Moraes, cujo dictionario deve ser manuseado com verdadeira cautela, pois Herculano chamou-lhe — "Babel da lingua portugueza", Moraes é frequentado pelo autor. Ora Moraes doutrinou que a expressão *conforme a*, com a preposição, era a de sabor classico, e não apenas a expressão *conformē*. D'ahi o empregar o autor sempre e sempre a primeira fórmula.

Mas acontece que o proprio Moraes já nos adverte que em Vieira e outros se começa a notar o emprego da segunda. E o resultado foi que se estabeleceu logo uma differenciação entre os dois empregos: *conforme* tornou-se synonymo de *segundo*, e *conforme a* veio a ser synonymo de — *em conformidade com*. Estabelecido isto, o que acontece hoje é exactamente o contrario daquillo que Moraes preconizava. Pode-se dizer que, hoje em dia, *conforme* é que se tornou de emprego corrente, sem



nunca offerecer sentido ambiguo; ao passo que *conforme a*, empregado sem criterio, não sómente gera por vezes confusão, mas até faz o escriptor dizer quasi o contrario do que desejava. Assim, melhor seria empregar apenas *conforme* nas expressões: "conforme a Charles Rue", p. 65; "conforme á lição de Angelo Gubernatis", p. 156; "conforme a esta asserção", p. 240; "conforme ás poesias", p. 252; "conforme a um hymno vedico", p. 277. — Ella está apropriada em: "Era tudo conforme ás posses de cada um", p. 263.

No que toca á orthographia, não é possivel rastrear criterio algum no autor. Influenciado pelas ultimas conquistas dos philologos portuguezes, elle grapha: *sosego, dusia, portugês, mês, país*, etc., mas ao lado de *poz, quiz, cortez, goso, magestoso, freguezia, deslize, arvezado, vasio, deslisar*, etc.

Escreve *creança*, p. 94, ao lado de *criança*, p. 102; *sai, cai*, ao lado de *trae*, pags. 144, 154; *sosinha*, p. 188, ao lado de *mãozinha*, p. 214; *nazalizar, rivalizante, individualizar, singularizar, crystallizar, organizar*, ao lado de *desnasalisar, caracterisar, synthetisar, finalisar, organização, utilisar, pulverisar, guaranisar, nacionalisadores, naturalisação, divinizado*. — Ora esta orthographia allotropica ou dimorpha não se comprehende.

Onde, porém, cresce a gravidade, é em certas fórmulas verbales.

E' assim que lemos: *passiando*, p. 51; *recheiados*, p. 67; *eulejada*, p. 182; *receiando*, p. 204; *sombream*, p. 242; *desacoiado*, p. 266:

Para não commetter esses deslizes bastava consultar os dictionarios no que concerne, pelo menos, aos adjectivos verbales, que elles registam. — E' palpavel a desorientação do autor ácerca dos verbos em *car*.

Mas na pagina 90 acode-nos um *sentenciado*, que vence os demais todos em extravagancia. Ergam bons escriptores, fazendo terminar em *car* alguns verbos em *iar*, como *sentenciar*, graphado erradamente *sentencear*. Nem ainda o espirito omnimodo de Ruy Barbosa escapou ao perigo desse escolho, pois escreveu na *Réplique* "não foi a mim que elle *sentenceou*", p. 87; "já nos costumamos a *presencear*", p. 116.

Mas ninguem se lembrou jamais desse esquipatico *sentenciado*; quando muito teriam escripto *sentenceado*, em vez do correcto *sentenciado*.



Na pagina 222, falando da phrase biblica: "Saulo! Saulo! porque me persegues? Dura coisa é para ti recalcitrar contra o aguilhão!" — commenta da seguinte fórma: "E' o *adversum stimulum calces*", de Terencio" (aliás *advorsum*).

Mas o commento prosegue: "Tambem figura nos Actos, 9, 5. Conversão de S. Paulo. O poeta e o apostolo ter-se-iam abeberado na corrente grega".

Ora os Actos foram escriptos por S. Lucas, que não era apostolo, e a phrase é posta na bocca de Jesus Christo. O apostolo Paulo, pois, entra ali quasi como Pilatos no Credo.

Na pagina 204 lê-se:

"Tomou-lhe a mão o luso seiscentista Jeronymo Corte Real, etc.". E' grave essa affirmacão na penna de uma pessoa que já fez concurso para a cadeira de Literatura do Gymnasio local. Sim, é grave chamar de *seiscentista* a um lídimo *quinhentista*, contemporaneo de Camões, e que nasceu, viveu e morreu dentro do seculo XVI. Ver Mendes dos Remedios, *Hist. da Lit.*, p. 115. E' que *quandoque bonus...*

Não posso deixar sem reparo o tom de menoscabo com que o autor se refere ás pessoas de quem discorda.

A' pagina 126, tratando de um literato mineiro, Lopes Neves, que entrou no rol dos que tentaram traduzir o celebre pingo no verbo *aimer*, da poesia de Rostand, diz que elle "culinescamente interparenthetico, saiu, etc."

Na pagina 17, discordando de Emilio de Menezes, chama-lhe malevolamente *errante*, procurando ferir, na dubiedade da significacão contida no adjectivo, o character do illustre poeta.

Na pagina 54 diz que Pereira da Silva "achatou-se em tres paginas de uma nota geral, cujo remate *patusco* passamos a trasladar".

Mimoseia A. F. de Sant'Anna Nery com isto: "De improbidades semelhantes está cheio o livro do tapuia afrancesado, etc." (p. 37).

Referindo-se a Martius — note-se bem: a Martius! — exprime-se deste modo: "O que ha notavel de erroneo, no primeiro logar, é ter elle dado ao guainumby — *ganambuch* em sua lingua de trapos, etc." (p. 192).

Aqui o remoque, sobre ser desattencioso, afigura-se-me de todo injusto. E' sabido que o som indigena representado pelo *y*, assim se representou no esforço de se lhe dar uma expressão apro-



ximada em nosso idioma, visto que elle se assemelhava ao *v* grego, ao *ü* allemão, ao *u* francez, mas com uma aspiração. Foi justamente o que o sabio quiz indicar com a graphia soberanamente ridicularizada pelo autor de "Aérides".

Com respeito a Gonçalves Vianna, gloria innegavel da philologia portugueza, usa da expressão: "arrote de erudição" (p. 44). E por descobrir umas linhas em que Anatole France muito se aproxima do referido soneto de Heredia — *Récif de Corail*, não trepida em asseverar que o poeta commetteu "um lindo plágio".

Não se macula assim, facilmente, uma gloria literaria como Anatole France.

Na pag. 14 vergasta a Silvio de Almeida: "Sabendo conjugar o verbo colorir, mesquinha gloria não reservada ao traductor precedente, Silvio de Almeida fugiu a sete pés de *colora*, por *colore*". — D'onde se conclue que a fórma *colora* é erro palmar na conjugação do verbo *colorir*. Aqui o mestre de portuguez equivocon-se redondamente: *colora* é fórma correctissima do verbo *colorar*, com o mesmo sentido de *colorir* e já registado por Aulete... que digo! por Moraes, que lhe accrescenta ainda o irmão *colorear*.

Emfim, tirados esses senões, o livro fica sendo a reedição dos *Ferros velhos*, em que ha paginas que encerram algum interesse, e outras sem interesse algum.

Continue, porém, o autor a empregar os seus esforços no estudo do *folk-lore* brasileiro, onde poderá prestar certamente bom serviço, desde que não se abalance a altas cavallarias anacreonticas e quejandas, que lhe hão de trazer amargos dissabores.

OTHONIEL MOTTA.

Campinas, Julho de 1918.

NOTA. — Este trabalho, como acima se vê, está escripto desde Julho, do que poderá dar testemunho a redacção da *Revista do Brasil*. Faço esta declaração em virtude dos pontos de contacto que ha entre elle e uma critica de José Otizela no *Correio da Manhã*, critica tambem referente ao livro "Aérides".

POESIA

A COBRA

Dizem que a cobra só merece nojo,
Que é repugnante e vil; porque a estatura
Ella não tem bella de forma e altura,
E não se alça nos pés, mas vac de rojo.

Della, porém, coitada, eu não me ennojo,
Eu que vou de amargura em amargura
A me arrastar pela charneca impura
Do mundo, amando a lama em que me espojo.

Ao vê-la que colleia pela estrada,
Esconjura-a de horror; corre-a a pedrada
E esmaga-lhe a cabeça toda a gente.

Eu não, que soffro as maguas que a consomem,
Que dou abrigo em mim, porque sou homem,
A uma alma venenosa de serpente.



A CASUARINA

A casuarina verde e ramalhuda,
Sob os ninhos gazis de que se estrélla,
Chora e soluça em voz amena e bella,
A' briza que os espaços avelluda.

Quando, porém, matilha a uivar sanhuda,
A tempesta aos açulos da procella
Com dentes de granizo vem mordel-a,
Toda ella reage e se transmuda.

E' que, ameigando a viração dorida,
E' que, vaiando o vendaval do norte,
Da arvore triste ao sol e á chuva erguida

Alma de heróe plasmada está no porte:
Sensível ás caricias desta vida,
Impavida ante os fremitos da morte.

AGUA MORTA

Eu sei de corações como a lagôa
Do recanto da serra abandonado:
Vê-la é ver do horizonte o collo arqueado
Que as garças furam branquejando á tôa.

Vencendo a fronde, o sol com irizado
Sello de fogo a face lhe corôa.
E, no torpor da agua profunda e bôa,
Sempre o mesmo ondular frio e caçado.

Mas, o dia se apague, e o seu presago
Manto a noite desdobre ao vento; e o lago,
Ao arrastar das lesmas amarellas,

Esquece o limo á face e no fundo o lodo,
E todo fulge, e se transforma todo
Nessa fermentação pulchra de estrellas.



O PAVÃO

Quando envolta nos iris da plumagem
Que é uma bandeira ondeando ao sol, eu miro
A ave tãful cujo chromismo admiro,
Empolga-me a retina a sua imagem.

Mas, quando lhe ouço o canto que á folhagem
Arranca de pavor chôro e suspiro,
Ao pavão a grauna então prefiro,
De menor brilho e de melhor linguagem.

Porque se é grande o dote da belleza
Que por instante a vista nos aviva,
Ha grandeza maior que essa grandeza:

A voz; a voz que é bronze, que é velludo,
Que canta, que soluça, que captiva,
Que é som, que é côr, que é luz. O verbo é tudo.

O SERINGUEIRO

Este é o homem que o serro e os campos doma
Com os olhos duros a que nada escapa,
Tremem ao vê-o e ouvil-o a onça na lapa,
Reptis no charco e passaros na coma.

Do souto quando na verdura assoma,
Ao frio da manhã, sem uma capa,
Fuzil na mão, lembra a figura guapa
De um museuloso gladiador de Roma.

De sol a sol desfere a machadinha.
E entregue o peito ao vento, já noitinha
Volve á choupana, alegre e sobranceiro.

Entra. Depois, cachimbo accende e fuma.
E enquanto fóra ondula o véo da bruma,
Pontela a viola e canta. E' o seringueiro.

ANTE UM JEQUITIBA'

Salve, Jequitibá da nossa flóra,
Rei cujo throno aos ares se alevanta,
E cuja fronte de um verdor que encanta,
Primeiro douram os clarões da aurora.

Possas tu, pelos seculos a fóra,
Ebrio de selva vigorosa e tanta,
Alçar o porte, magestosa planta,
O porte moço que te exorna agora.

Maldito seja o que fechando o ouvido
A' prece das abelhas de escarlatas,
Contra ti desfechar o gume hostil.

Pois que, na força deste sólo erguido,
Atalaia soberba destas mattas,
Attestas a grandeza do Brazil.

O AGUACEIRO

Fugindo á tempestade ora imminente,
Voam juntos, com medo, o corvo e a pomba.
De rouca artilharia que ribomba,
Ha pela altura um trovejar crescente.

Rasga, retalha o céu o raio. Tomba
O cedro a bracejar como um demente.
O vento em furia a uivar de tudo zomba,
Continuamente, ameaçadoramente.

Do vendaval ao formidando impulso,
Tolda a procella a face do infinito.
A tarde triste arrefecendo vae.

E' quando, enfim, num turbilhão convulso,
Ao rataplan das gottas esquisito,
Do pardo firmamento a chuva cáe.



O TOURO E O CÃO

Numa nuvem de pó vôa o vaqueiro
Traz o touro que escapa da manada.
Porém, sangrando, após uma cornada,
Tomba o cavallo sobre o cavalleiro.

E' a vez do cão. Cuspindo a espumarada
Da baba, a fêra, o porte sobranceiro,
Escarva o sólo, original coveiro;
E um herro surdo echôa na quebrada.

E o cão, ladrando, o contendor defronta
Com altivez e a sua sanha afronta.
Vae decidir-se a extraordinaria lucta.

O touro investe. O cão foge á investida,
Cança-o, subjuga-o, vence-o, emfim, na lida.
Porque o intellecto vence a força bruta.

OUTONO

Como um descommunal tecto de asphalto,
Que protegesse um tecto de tapera,
Sobre a floresta aranzolada de hera
O céu aberto é um pallio de cobalto.

Na hemoptysia final, no azul planalto
Ouro golfa em caudaes a primavera,
Com a mesma pompa irial com que puzera
Flôres no chão e ruflos de azas no alto.

Troncos nus, galhos nus, hasteas e espinhos
Choram na voz do vento, ebríos de somno.
Adeus festões á beira dos caminhos.

Pesa em tudo um socego de abandono.
Desnudam-se os rosaes. Calam os ninhos.
Fóllhas ao léo. Poeira. Saudade. Outono.



SÊSTA NA ROÇA

Dorme o engenho da sêsta á calmaria,
Descançando da faina da moagem.
Uiva pela capoeira um cão selvagem.
Gritam seriemas junto á fonte fria.

Bagaçõs mastigando, em correria
Grunhem suinos. Queda-se a ramagem
Do mangueiral frondoso. A ampla roupagem
Da relva murcha ao sol do meio dia.

Num canto claro, alto, triumphal, bizarro,
De finos guinchos, pela trilha antiga,
Aos solavancos vae cambando um carro.

E vêm de longe, enchendo os céos escampos,
A voz do guia que a boiada instiga,
E o mugido dos touros pelos campos.

PAULICEA

E' de uma languidez que a alma contrista,
E' de uma languidez vaga de prece,
São Paulo, quando a tarde de amethysta
Com fios de ouro seu sudario tece.

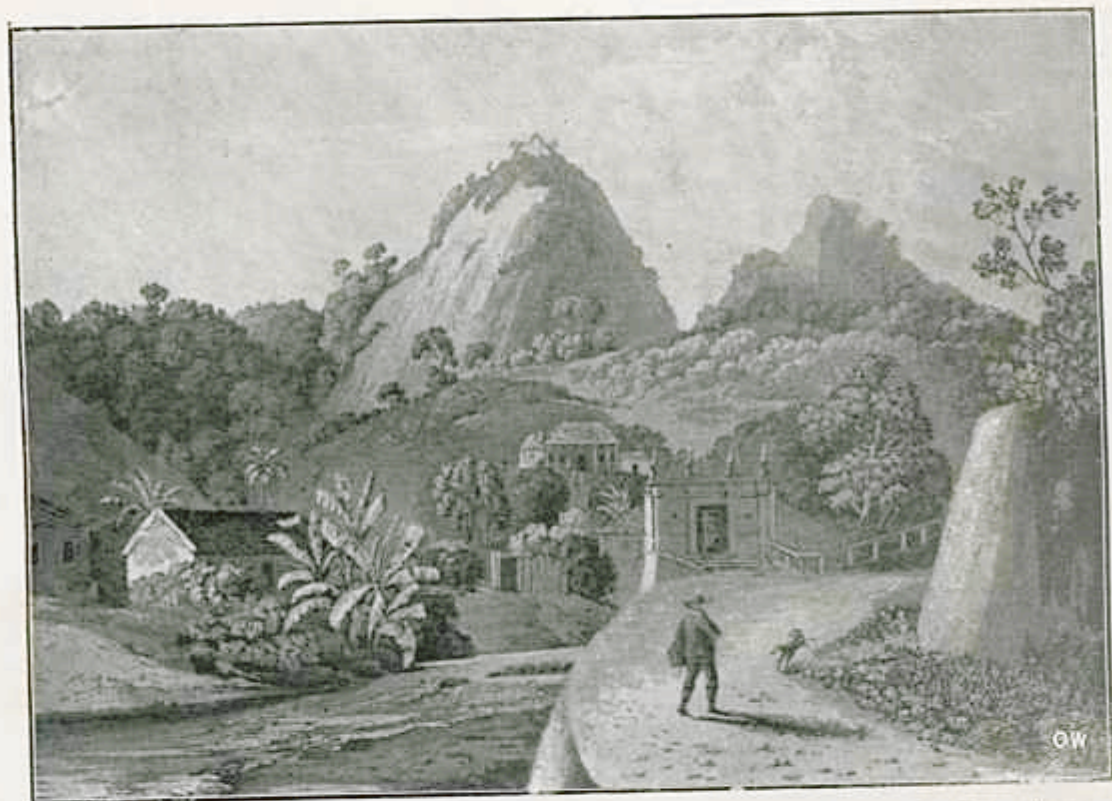
Ao pé da serra, para o longe, vê-se
A cidade, que, assim, de longe vista,
Um painel suggestivo me parece,
Como nunca ensaion palhefa artista.

E ruas, torres, casas, bairros, tudo
Quanto contemplo embevecido e mudo,
Ao meu olhar se esváe como num sonho.

Como num sonho eu sinto que, covarde,
São Paulo estria ante a visão da tarde,
Quedo, branco, transido, ermo, tristonho.

LAMARTINE MENDES.

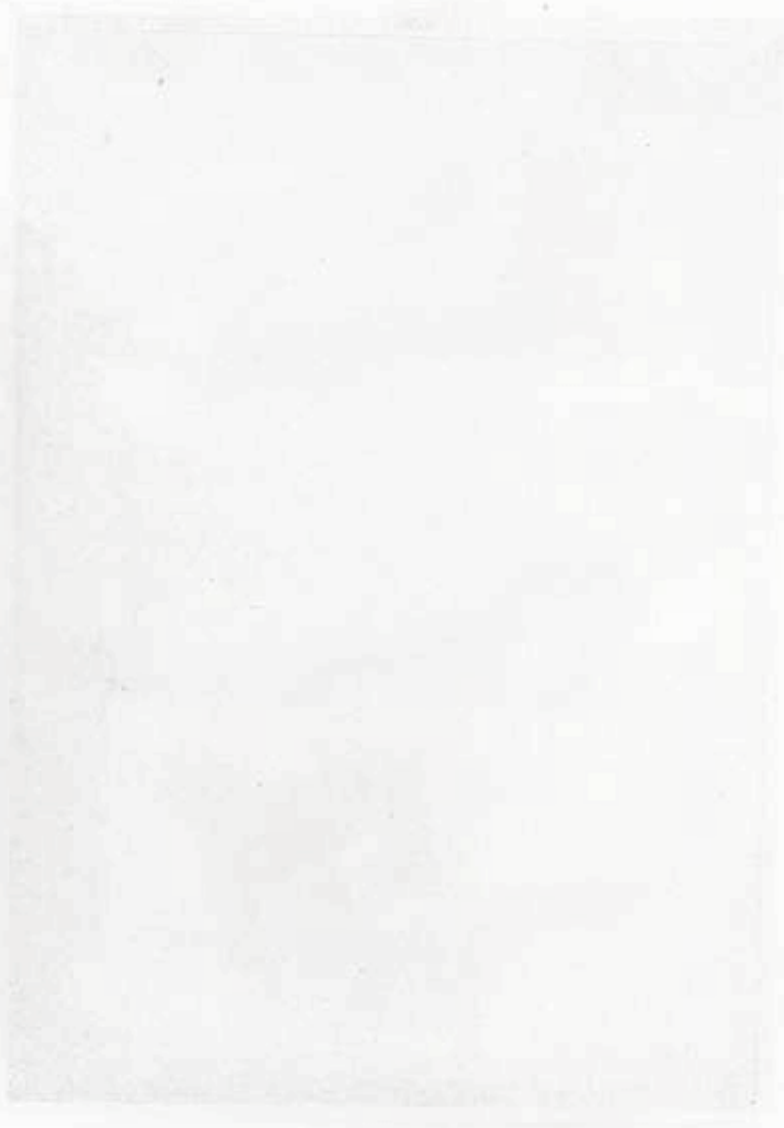


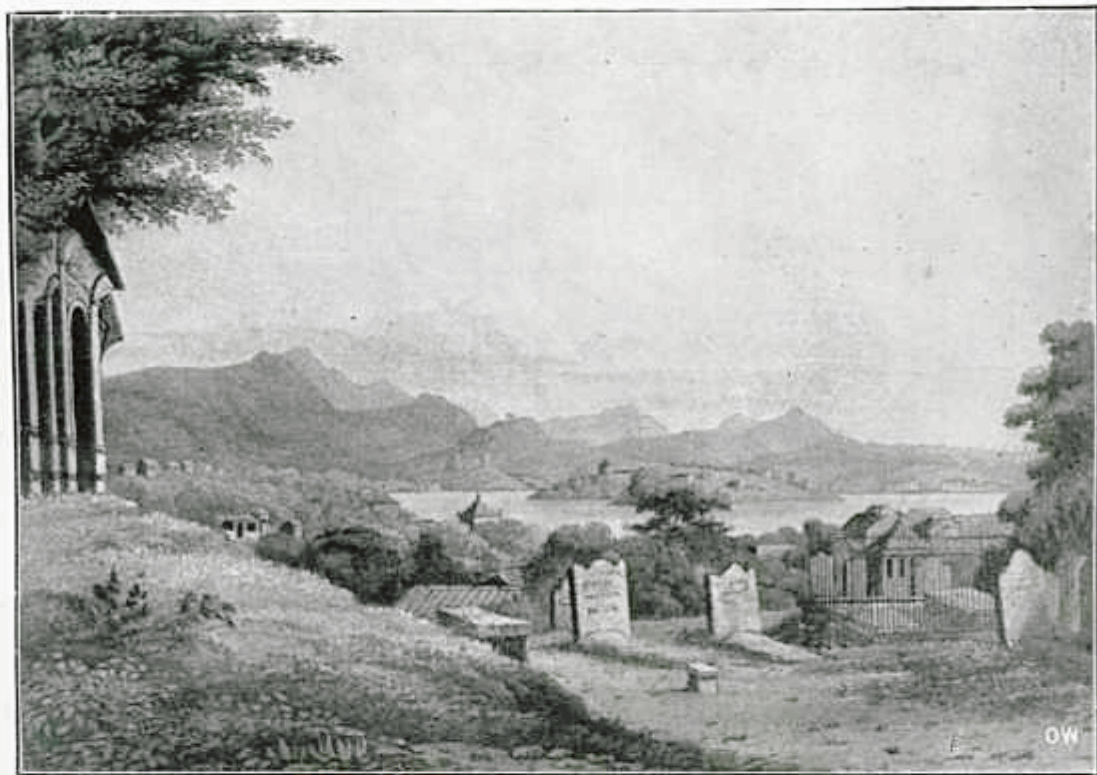


Desenho de Maria Graham.

Gravura de Edw. Finden.

Laranjeiras.

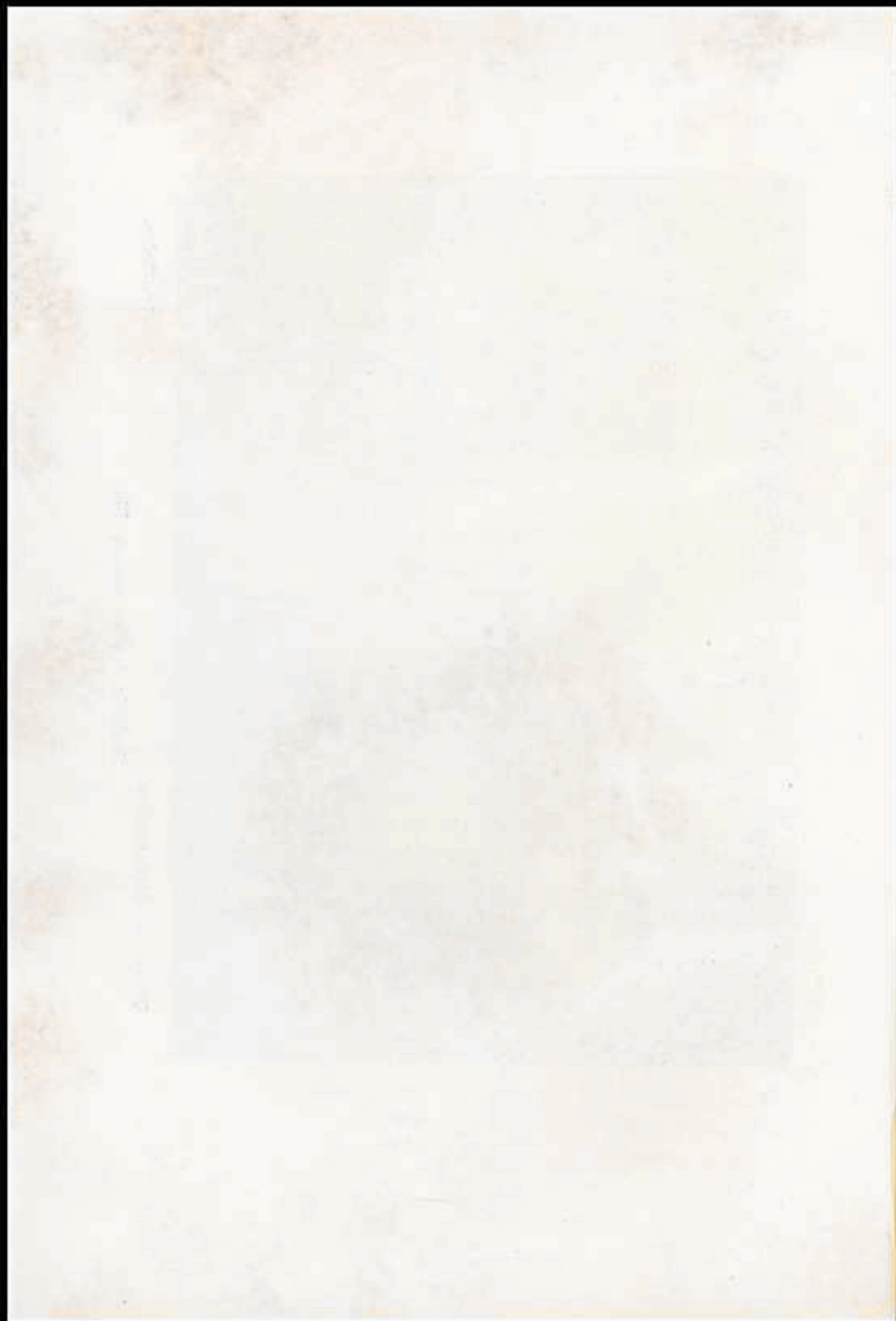




Desenho de Maria Graham.

Gravura de Edw. Pinden.

Cemiterio dos Inglezes, no Rio.



PEDRO PICHORRA

Quem dobra o morro da Samambaia, com a vista enjoada da verdura monotona, espairose na Grotta Fria ao dar de chapa com uma sitioca pitoresca.

E passa levando nos olhos a impressão daquella sepia afogada em campo verde. Casebre de palha, terreirinho de chão limpo, mastro de Santo Antonio com os desenhos já escorridos da chuva e bandeira rota, trapejante ao vento... Dois mamoeiros no quintal, apinhados de fructos, canteiros de esporinhas, com periquito 4-roda e mangericões entreverados... Um pé de gyrasol, magro e desenxabido, a sopesar no alto uma rodella côr de canario; as laranjeiras semi-mortas sob o toucado de herva passarinha...

Nos fundos da casa vê-se o lavadouro, descoivarado apenas, n'um poço onde o corgo rebrilha tres palmos d'agua. Sobre um taboão emborcado a meio lá está batendo roupa a Mariantina Pichorra, mulher do Pedro Pichorra, mãe de nove Pichorrinhas. E' ali o sitio dos Pichorras e até a Grotta Funda já é conhecida por Fundão da Pichorrada.

Porque os antigos Pereiras de Souza, do Barro Branco, vieram a chamar-se Pichorras?

E' toda uma historia.

Pedrinho ia nos onze annos. Já se destabocára e já preferia em materia de fumo, o forte, bem melado. Na vespera realizára o sonho de toda criança da roça, a faca de ponta. Deralh'a o pae, como diploma de virilidade. "Menino, d'ora avante



és homem. Aggredido, não gritarás por gente grande; é mão na faca, pé atrás e coriseo nos olhos”.

Não lhe falou assim o pae, mas leu Pedrinho essa fala na lamina rebrilhante. Porisso irradiava d'orgulho, imaginando pégas, aloites, tempoquentes e tocaias onde a sardinha allumiasse.

O pae, áquell'hora, de pé na soleira da porta, assumptava o céu. Viu que chover não chovia, e

— Pedrinho! gritou para os fundos.

— Pae?

— Vá pegar a egua.

O menino passou mão do cabresto e mergulhou no pasto. Minutos depois repontou trotando em pêlo na Serena, egua velha, de muita barriga mas aguentadeira.

— Dê milho, do molle, e arreie.

O pequeno debulhou duas espigas no embornal. E, enquanto a alimaria mascava o lambiseo, alisou-a, ageitou-lhe no lombo pisado um sacco velho, depois a carona, o lombilho, o pellego.

— Não coche demais a barrigueira.

O menino folgou dois dedos o arroxó e esperou um boocado, enrolando o cigarrinho, até que a Serena parasse de mastigar. Por fim arrumou o freio e montou.

— Agora você vae ao sitio do Nhéco e diga p'r'aquelle tranca que dou o capadete pelos vinte e cinco mil réis.

Pedrinho abriu cara de quem estranhava a ordem.

— Sosinho?

— Ué! E a faca, então? Não é “companheiro”?

O argumento valeu. Pedro, sem mais palavra, deu redea, e, *lepte lepte*, arrancou estrada afóra.

O pae, alisando machinalmente um palhão, seguiu-o d'olhos té perdel-o de vista na primeira curva. Depois, monologou:

— “Sósinho!” Ué! Até quando? E' preciso acostumar. Onze annos, é homem. Eu com dez varava sertão.

Pedrinho trotava pela fita vermelha do caminho, sóbe e desce morro, quebra á direita, á esquerda, *pac, pac, pac*...

Pensava na volta. Teria tempo de transpor a figueira antes do escurecer? A figueira... Havia coisas do arco da velha, ali...



Pela meia noite — diziam — o capeta juntava a côrte inteira debaixo della e pinoteavam um samba do inferno.

Os sacys marinhavam pelos galhos em cata de figuinhos, que disputavam aos moreegos. Lobishomens eram ás duzias que vinham focinhar o estercio das corujas. Almas penadas, isso nem era bom falar. Quando o Quincas da Estiva contava casos passados ali com elle, não havia chapéu que parasse na cabeça.

Mas de dia, nada. Passarinhada miuda só, a debicar frutinhas. Foi o que Pedrinho viu, nesse dia, ao cruzar com ella. Mesmo assim, passou rapido e encolhidinho, "por via das duvidas". Chegou ao Nheco inda com sol, e deu o recado.

Nheco, marotissimo, coça o cabello de milho da barbica, e embroma:

— Pois não. Mas não vê que o toicinho baixou. De Minas tem descido um poder de capadaria que mette medo. De sorte que você diga p'r'o pae que nestes casos eu não sustento o trato. Se elle quizer vinte e tres mil réis... Diga assim, ouviu? Vinte e tres!

Pedrinho desandou para traz, pensando comsigo: safado! E veio todo o caminho distrahido em xingar mentalmente o aproveitador. Ao defrontar a figueira o medo engrifou-o. Escurecia. A luz estava morremorrendo, pallida no alto, laranja esmaiada no poente. Por felicidade passaria a figueira antes da noite. Fechou os olhos, conjurou o encardido Santo Antonio da familia e transpoz dum galão o passo perigoso.

— Arre!... exclamou, com desabafo, olhando para traz e vendo a arvore maldita diminuir de porte. E *pac, pac, pac*, estrada em fóra, rumo do sitio.

Mas escureceu, e já perto de casa, vae senão quando, a egua empina a orelha e passarinha.

— Egua velha passarinhou é sacy — suggeriu dentro d'elle o medo. E o menino, retranzido, vê de subito, no barranco, um sacy, de braços espichados, barrigudo, "*com um olho de fogo que passeava pelo corpo*".

— Nossa Senhora da Conceição, valei-me!

Assustado por aquelle berro o "olho do sacy voou pelo ar, piscando"...



Pedrinho bateu em casa de cabellos em pé, espavorido, olhos a saltar. Agarrou-se com o pae, tremendo, sem fala. A custo desatou o nó da lingua.

— O sacy, pail...

— ?

— Para cá da figueira... na curva... barrigudo... preto...
O pae deu-lhe agua no cuité.

— Beba. Socegue um pouco, menino.

E depois d'uma pausa:

— Você está bobecendo, Pedrinho. Não ha sacy destas bandas.

— Juro, pae, por Deus do céu que vi!

E contou a viagem por miúdo até á aparição.

— Altinho? Pretinho? — indagou o pae.

— Pretinho era, mas chatola, barrigudo assim como uma pi-chorra grande.

— Então não é Sacy — concluiu o velho, entendidissimo que era em demonologia.

— Fedeu enxofre?

— Não.

— 'sobiou?

— Não.

— Mexeu do lugar?

— Não. Só o olho, — o olho andava e voava.

O caboclo reflectiu um bocicado, e por fim uma idéa lhe illuminou a cara.

— Onde foi isso? P'ra cá do corguinho?

— E'.

— No barranco?

— Justamente.

— O olho andou e depois voou, piscando?

— Tal e qual.

— E o corpo ficou parado?

— Isso mesmo.

O velho clareou a cara, desmanchando as rugas da testa, e disse, rindo:

— O que mais não se aprende neste mundo! Sabe o que você viu? Você viu o saey-pichorra!

E mudando de tom, depois de reflectir:

— Que é da faca?

— P'ra que? perguntou o menino desconfiado.

— Deixa ver, dê cá a faca.

Pegou della e pol-a á cinta. E, rispido:

— Vá dormir.

Pedrinho, comprehendendo a degradação, erguen-se, com lagrimas nos olhos.

— E a faca? perguntou.

— Fica commigo. P'ra você, porqueirinha, é canivete marca anzol ainda. E com infinita ironia:

— Vá deitar, Pedro Pichorra!...

O menino recolheu-se, sacudido de soluços. O velho pegou do borrvalho um tição e accendeu na braza viva um cigarro. Baforou uma fumaça com o pensamento no fallecido sogro, Chico Vira, o caboclo mais poltrão da Estiva. "Por quem havia de puxar o Pedrinho, pelo Chico Vira..."

E, assim, o rebento masculino dos Pereiras, do Barro Branco, virou, por troça do proprio pae, o tronco duma nova familia, essa Pichorrada que hoje põe a nota sepia da sitioca na verdura monotona da Samambaia.

Tudo porque a velha Miquelina deixára naquelle dia a pichorra d'agua a refrepear ao relento, na beira do barranco, e um vagalume-guassú pousára nella por acaso...

MONTEIRO LOBATO



LIVROS ANTIGOS

A *Revista do Brasil* incluiu no seu programma noticiar, traduzir, revivar obras antigas, esgotadas, das que primam pela valia scientifica ou pelo pitoresco da narraçào.

Está nesta ultima categoria o *Journal of a Voyage to Brazil and residence there during part of the years 1821, 1822, 1823*, por Maria Graham. O periodo que em seu diario revive é dos mais curiosos, porque nelle fermentou e se fez a Independencia. Maria Graham foi governanta dos principes imperiaes, e revela-se nesta obra um nobilissimo espirito, dos mais cultos, dos mais comprehensivos e deos, atravez dos quaes, melhormente podemos hoje haurir de primeira mão a sensaçào daquelle momento historico.

Traduziamos hoje para vernaculo o trecho em que ella descreve a visita que lhe fez uma heroína do tempo, Maria de Jesus. E reproduzimos as gravuras que ornãm a sua obra, bellissimas gravuras em aço que hoje quasi um seculo depois, só podemos dar... em photogravura — um processo graphico infinitamente inferior aos usados pelos nossos atrazadissimos avós.

D. MARIA DE JESUS

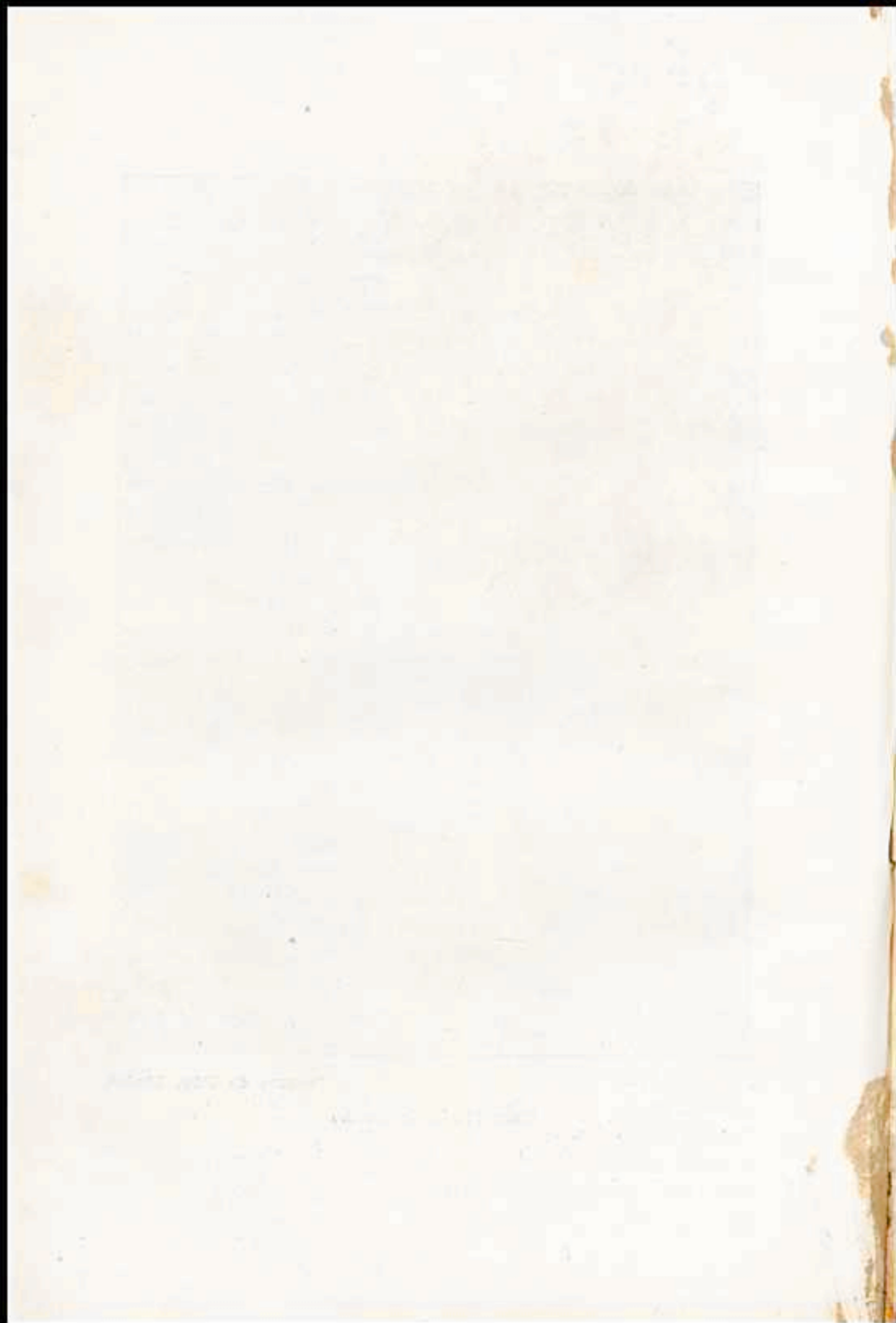
"29 de Agosto. — Visitou-me hoje Dona Maria de Jesus, a moça que ultimamente se distinguiu na guerra do Reconcavo. Seus trajes são os de um soldado dos batalhões do Imperador, accrescidos de uma especie d'avental curto, de lã, que ella me disse haver copiado de uma gravura representando um *highlander* porque bem se adaptava a um traje militar feminino. Que dirão a isto os Gordons e os Mac Donalds? A farda da velha Gallia (*garb of old Gaul*) escolhida como enfeite feminino! — Seu pae é um portuguez de nome Gonçalves de Almeida, dono de uma fazenda no Rio do



Desenho de Aug. Earle.

Gravura de Edw. Floden.

Dona Maria de Jesus.



Peixe (*Rio do Peix*) na parochia de S. José, no sertão, cerca de 20 leguas de Cachoeira.

Sua mãe também era portugueza, entretanto as feições de Maria, especialmente olhos e testa, apresentam accentuados traços indianos.

Seu pae teve uma filha da mesma mulher; enviuvando e casando de novo a madrasta e a caçula muito apoquentavam a vida de Maria de Jesus. A fazenda do Rio do Peixe é uma fazenda de gado do qual o dono ignora o numero de cabeças. Além do gado o Sr. Gonçalves cultivava algodão. Mas como lá passa ás vezes um anno inteiro sem chover as colheitas são incertas. Em anno bom elle tira 400 arrobas, que valem de 4 a 5 mil réis; em anno secco apenas colhe de 60 a 70 arrobas que valem de 6 a 7 mil réis. Emprega na lavoura 26 escravos.

As mulheres do interior fiam e tecem para gasto da casa e bordam com muita gentileza. As moças aprendem a jogar as armas de fogo, como seus irmãos, para caçar e também para defender-se dos indios.

D. Maria narrou-me diversas particularidades relativas ao paiz e ás suas próprias aventuras.

Disse que na recente guerra do Reconcavo muitos emissarios cruzaram o paiz em todas as direcções levantando patriotas. Que um delles chegou á casa de seu pae, certo dia, á hora do jantar; que seu pae o convidára para a mesa e que após á refeição confabularam sobre o motivo da viagem.

O emissario figurou a grandeza e a riqueza do Brasil, e a felicidade que poderiam alcançar com a independencia. Insistiu sobre a longa e oppressiva tyrannia de Portugal; e a covardia em submetterem-se ao governo de paiz tão pobre e degradado.

Falou longa e eloquentemente dos serviços que D. Pedro prestou ao Brasil, das suas virtudes e das virtudes da Imperatriz; por fórma que, ao cabo, a rapariga disse "eu sinto o coração arder no meu peito". Seu pae, todavia, não era accessível ao enthusiasmo. Velho, não poderia juntar-se ás forças imperiaes, nem tinha filho que dêsse; quanto a fornecer

um escravo, que interesse poderia ter um escravo em lutar pela independencia do Brasil? Esperaria, pois, com paciencia o resultado da guerra, e seria um pacato subdito do vencedor. Dona Maria incontinentemente foi ter á casa de sua irmã, que era casada e morava perto. Lá recapitulou as palavras do viajante e disse que sentia não ser homem para juntar-se aos patriotas.

— Ora! disse a irmã, se eu não tivesse marido e filhos por metado do que estás a dizer corria a alistar-me nas fileiras do Imperador.

Não foi preciso mais. Maria tomou algumas roupas do cunhado e equipou-se; e como o pae estava de viagem para Cachoeira, afim de vender algodão, resolveu aproveitar a oportunidade e acompanhá-lo — perto o sufficiente para recorrer a elle em caso de perigo, e longe o sufficiente para não ser pilhada. Assim fez. A's portas de Cachoeira parou; embrenhou-se no matto, vestiu-se de homem, e entrou na cidade. Era uma sexta-feira. Manobrou tão bem que no domingo-admittiram-na no regimento de artilharia, onde montou guarda. Como, porém, era muito fraca para tal serviço passou para a infantaria, onde está. Depois foi enviada para cá (Rio) suppondo eu que com mensagens e foi apresentada ao Imperador, que lhe deu o posto de porta bandeira com a commenda da cruz, por elle proprio collocada na sua jaqueta.

Maria de Jesus é illetrada, mas viva.

Tem a intelligencia clara, e a percepção aguda. Penso que, se a educassem, viria a ser uma personalidade notavel. Nada se nota de masculino nos seus modos, antes os possui gentis e amaveis. Como tambem não contrahiu nenhum habito grosseiro ou vulgar durante a vida de acampamento, não se apontando nada que lhe desabone a honestidade. Uma coisa é certa, — que seu sexo nunca foi suspeitado até o dia em que seu pae surgiu a visital-a. Nada notei de peculiar na sua conducta á mesa a não ser que come ovos ao almoço e peixe ao jantar com farinha, e nunca com pão; e que fuma um cigarro após cada refeição. No mais, muito moderada”.



NOTAS DE SCIENCIA

Alberto Löfgren — Os sambaquis em Guaratiba — A Sociedade Brasileira de Ciências.

A sciencia acaba de perder um dos seus melhores servidores no Brasil, pelo fallecimento de Alberto Löfgren. Depois de mais de quarenta annos de dedicada assistencia ao estudo de nossa natureza, o illustre brasileiro desaparece deixando de si a memoria de um grande trabalhador servido por formosa intelligencia e profunda erudição.

Natural da Suecia, Alberto Löfgren se identificára com o nosso meio; falava quasi sem sotaque a nossa lingua que escrevia admiravelmente. Era, realmente um grande amigo de sua patria adoptiva. Quando, em 1915, passou pelo Rio de Janeiro, de volta de uma longa excursão pela Bolivia, o Barão Erland Nordenskjöld, um grande nome da sciencia sueca hodlerna, S. Exa. o Sr. J. Paues, ministro da Suecia, festejou o viajante, collocando-o em contacto com alguns estudiosos do Brasil.

Orville Derby ainda vivia e tomou parte nessa reunião. Löfgren não perdia oportunidade de mostrar a seu digno compatriota, com verdadeiro carinho, os signaes de nosso progresso, os encantos deste pais.

Infelizmente não tenho á mão dados pessoais de sua biographia. De sua vasta obra posso informar, por tel-a percorrido com maximo proveito, que é construcção, sob muitos aspectos, notavel. Naturalista integral, como já o denomnei uma vez, Löfgren não deixa apenas trabalhos de botanica que era, todavia, sua predilecta sciencia.

Foi o creador dos serviços de meteorologia no Estado de S. Paulo, onde por tanto tempo habitou; interessou-se por differentes questões da nossa ethnographia.

Nesse terreno, prestou excellente serviço publicando, em 1900, uma nova edição da "Descripção verdadeira de um paiz de selvagens..." de Hans Staden, admiravelmente annotada por Th. Sampaio. Tambem se esforçou por collocar ao alcance do publico brasileiro os "Belträge" de Martius, de que muitas paginas saíram na Rev. do Ins. Historico de S. Paulo.



Como traductor ainda lhe ficámos devendo uma edição brasileira da "Flora de Lagoa Santa" de Warming, obra fundamental para o conhecimento de certas feições características da natureza do paiz.

Para os ethnologos, porem, a maior contribuição de Alberto Löffgren é representada pelo seu volume publicado em 1893, no Boletim da Com. Geographica e Geologica de S. Paulo, sobre os *sambaquis* da costa do Estado.

Seja qual for a opinião adoptada a respeito de taes formações, quer se as considerem de origem puramente natural (Fl. Ameghino, H. von Ihering): de origem exclusivamente humana, (Löffgren) ou de origem mixta (Rath, Wiener) é incontestavel o valor de sua monographia.

Pela minha parte julgo ainda muito cõdo para concluir definitivamente a respeito. Em 1906 percorri grande parte da costa do Rio Grande do Sul, na região de Lagoas, entre Cidreira e Tramandai.

Examinei e escavei innumerous *sambaquis*, alguns já bem revolvidos, outros ainda integros. De minhas pesquisas pude inferir que a opinião dos que admittem a dupla origem de taes formações deve ser a melhor.

Ha *sambaquis* naturaes, *sambaquis* aproveitados e *sambaquis* artificiaes. As recentes aquisições da ethnographia dos Caingangs de São Paulo, vieram trazer um subsidio apreciavel para a explicação dos *sambaquis-tumulos*, visto que aquelles selvagens ainda existentes, pelas informações do dedicado Sr. Dr. Horta Barbosa, Inspector do Serviço de Protecção aos Indios no Estado de S. Paulo, costumam realizar uma festa funebre durante a qual, periodicamente, vêm erguer sobre a sepultura dos seus, comoros e collinas de terra.

Isso quer dizer que se descobriu realmente um povo constructor de *mounds*, no interior de S. Paulo; e os *sambaquis*, afinal, são verdadeiramente *mounds* de conchas, *Shell-mounds* dos Norte-Americanos.

Pondo de lado consideravel numero de artigos espalhados em differentes folhas diarias do Brasil, Löffgren deixou alguns volumes de vulto consagrados á botanica.

Muito de proposito não quero deixar de citar aqui um seu humilde opusculo — *Phytographia* — destinado aos alumnos gymnasiaes e normalistas. E' um simples folheto. Mas foi composto para servir á diffusão do ensino scientifico no Brasil; e eu não conheço nenhuma preocupação mais digna de louvor na hora actual. Allás, o pequeno guia de harborisação é utilissimo.

Trabalhos geralmente de subida importancia são os que Löffgren entregou á Inspectoria de Obras contra as Seccas, a cerca da flora de Nord'Este do Brasil; porém a sua ultima obra, de que só nos legou 6 I.º volume — o "Manual das Famílias Naturaes Phanerogamas", preparado especialmente para servir á determinação de famílias e generos brasileiros, é vultuosa e util.

Seu intuito neste trabalho foi collocar nas mãos dos estudiosos uma chave pratica por meio da qual se conseguisse chegar facilmente á determinação das plantas do paiz.



Filhou seu trabalho nas mais autorizadas divisões taxonomicas existentes e, incontestavelmente prestou, dest'arte um grande serviço.

Todavia, não deu, naquella obra o lugar que merecia a nomenclatura vulgar das especies, deixou de lado muitas informações relativas a applicação de cada qual, e usou, sempre, de uma tecnologia ainda pouco diffundida.

Em 1916, quando se fundou no Rio de Janeiro a Sociedade Brasileira de Sciencias, Alberto Löfgren foi escolhido Secretario Geral da nova companhia que reúne os maiores nomes do nosso mundo sabio. Ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro entregou o notavel naturalista os ultimos esforços de sua vida de trabalho.

O Brasil não olvidará jamais os grandes serviços de seu filho adoptivo.



Quasi ao mesmo tempo em que fechou os olhos Alberto Löfgren, monographista dos Sambaquis de S. Paulo, um estudante da Escola Polytechnica do Rio, o Sr. José Geannerini descobria verdadeiros Sambaquis na costa do Districto Federal (Guaratilba).

Este caso tem uma significação *didactica*, que desejo pôr em destaque. Em geral os nossos professores, tanto os dos cursos secundarios quanto os dos superiores julgam que têm cumprido sua nobre missão prehenchendo o horario legal das aulas, praticas ou theoreticas. Feito o discurso ou as demonstrações — deu conta o mestre da sua missão.

Por deficiencia de laboratorios, de bibliothecas, de meios pecunarios, o nosso ensino scientifico ainda é por demais theoretico e especulativo.

Professores que enthusiasmem seus discipulos, que os empurrem sobre tantos problemas que por ali andam, infelizmente, aqui, não são communs.

Existem. Bem o sei. Mas são raros. O dr. Everardo Backhuser pertence a este numero. Cathedratico de Geologia da Escola Polytechnica costuma dividir seus alumnos em turmas incumbidos de estudar e relatar determinados assumptos da geologia do Brasil, especialmente do Districto Federal ou dos Estados proximos. Pois bem. Foi explorando a costa do Rio de Janeiro para confeccionar seu relatório que o Sr. Geannerini, seguindo instruções do professor acaba de descobrir alguns montes de conchas, cobertos de matto, de onde se desenterram ossos humanos, machados de pedra, selxos, utensilios, etc. Um verdadeiro Sambaqui (Kjaekkeumidjing).

O achado é tanto mais interessante quanto, até agora, ao que sei não se conhecem no Rio de Janeiro senão formações daquelle typo mal caracterisadas, no fundo da Bahía, nas margens de alguns rios da Baixada Fluminense.

Verdade é que já em 1876, o sabio Barão de Capanema falava de Sambaquis na Capital; eram, porem, como elle mesmo dizia "Sambaquis recentes e respeitaveis (grandes) produzidos em diversos pontos



da bahia do Rio de Janeiro pelos pescadores de mariscos para fabrico de cal; elles cobriam o *Sambanguayá* ainda vivo (*Cryptogramma sp.*) e o amontoavam..."

Por enquanto o material retirado de Sambaquis de Guaratiba é pouco numeroso. Conta, porem, ossos interessantes ainda em estudo. Até agora não se encontrou nenhum fragmento de ceramica naquellas jazidas, como, aliás aconteceu em alguns sambaquis de S. Paulo.

Sendo certo que, em quasi todos os do Rio Grande do Sul, ha ceramica, e bem ornamentada por vezes, parece que futuramente os palethnologos chegarão a separar chronologicamente os sambaquis do Brasil em duas cathogorias, attribuindo aos primeiros uma idade mais avancada. Tenho, porem, horror ás hypotheses gratuitas...



O segundo volume da Revista da Sociedade Brasileira de Sciencias que acaba de vir a lume forma um tomo vultuoso. Alem dos discursos de Julian Moreira, George Dumas e Bruno Lobo, acham-se all notas de importancia.

Amoroso Costa trata de um theorema de calculo integral, com applicação á theoria do som, apresentado em 1855 á Soc. des Sciences, de Paris, por Gomes de Souza; Octacillo Novaes da Silva escreve sobre a somma das potencias semelhantes dos primeiros numeros inteiros, e dá uma formula sobre arranjos; Lauro Travassos occupa largo espaço com a systematica de vermes: Philophthalmidae, Gigantarbynchidae, Kathlanidae, Oxyurus, Heterakidae; Miranda Ribeiro, com o habitual carinho versa questões de ichtyologia a respeito de Hemipsillichthys, Tachysurus, Ancistrus e dá uma breve informaçao sobre os caracteres sexuaes exteriores do *Urubu-rei* (*Gypagus papa*); Miguel Osorio de Almeida continua suas pesquisas sobre a tensão de gaz carbonico no ar respirado; Mello Leitão propõe um generos novo na systematica das aranhas (*Gephyrella*); Arthur Moses discute alguns casos novos em que parecem existir simultaneamente em liberdade no mesmo sóro um *antigeno* e o respectivo *anticorpo*.

Finalmente Alvaro da Silveira trata da Mineração em Ouro Preto. Resumos das secções de Sciencias Mathematicas, Physico-Chimicas e Physiologicas completam a vallosa publicação.

ROQUETTE PINTO.



BIBLIOGRAPHIA

AERIDES, literatura e folk-lore — por Alberto Faria — J. Rib. dos Santos — Rio — 1918.

Chamam os botânicos a uma orchídea, *epidretrum flos aeris*, *Aerides*, graças à sua propriedade de viver exclusivamente do ar. O sr. A. Faria dá esse nome a uma collectanea de estudos literarios e folk-loricos, publicados em jornaes de Campinas, pela analogia que achou entre tal genero de critica e o modo de vida da planta. Vive uma do ar; outra das literaturas.

Não nos parece acertada a approximação. O genero é mais borboleteante que parasitario. É critica irrequieta, movediça, andeja. Que salta do Brasil à Grecia, com breves estações pelo caminho, atravez das literaturas encontradiças. Que pega uma expressão popular de hoje em dia e, no arrepio do tempo, lhe vae esmerilhando variantes té insartal-a na presumida fonte, remetissimo poeta grego ou romano.

Este genero, além de boa memoria, demanda erudição e bom gosto, qualidades sobejas no Autor. O livro lhe revela ainda o temperamento. Temperamento *sui-generis*, de escabichador, de naturalista paciente, de microscopista literario, de miniaturista apaixonado pelas minucias suggestivas que escapam ao vulgar dos leitores. As filiações que tira, as fillações que descobre, os encontros de idéas, os plagios conscientes ou inconscientes, que põe a nu, os casos, cousas e anedotas que embrecha nos estudos, o commentario leve, rapido e sempre fino com que os põe em resalto, fazem do seu livro uma obra devéras interessante e instructiva.

As literaturas são o jardim onde se expandem todas as flores do ingenho humano. E critica desta ordem é palestra do jardineiro apaixonado que nos guia pelos seus meandros, revelando mil approximações escapae á vista ineducada, comparando, explicando, ensinando a historia de cada flor, de cada petala, o que a respeito



dellas corre nos bastidores, o que uma furtou da outra, etc. E' como a ante-sala da grande critica — l'Oeuf-de-beuf da literatura universal. Ali, fumando um cigarro, e á vontade, beberica-se delicioso café e commenta-se sem constrangimento as mil nonadas que no salão nobre e algo enfadonho das sessões magnas não cabem nas dissertações vestidas a rigor.

ANNITA GARIBALDI — Annibal Mattos —
peça historica em 3 actos — Imprensa Offi-
cial — Bello Horizonte — 1918.

Uma peça historica, em versos alexandrinos, sobre um thema destes, é empreza arrojadissima que só grandes engenheiros como Sciller, Goethe, Shakespeare e Hugo levaram a cabo sem naufragar. E mesmo entre os genios, nem todos, por mais talento que vertessem na dramatisação da historia, conseguiram fazer obra duradoura. O sr. Annibal Mattos, afoutando-se a dramatizar, em versos rimados, o episodio da vida de Garibaldi transcornado no Sul, revela, sobretudo, uma grande coragem. Mette em scena um mundo — 31 personagens, além do enchimento fatal de ganchos, officiaes, soldados, populares, voluntarios, marujos, etc. E espalha o desenvolvimento das scenas pelo Rio Grande, Santa Catharina, Montevideo e Italia.

Venceu tantos obstaculos? Não nos parece. Para movimentar a machina plasmou todos os personagens por um mesmo molde convencional, heroico e condoreiro.

De Garibaldi ao ultimo peão falam todos em grande estylo. An nita, por exemplo, ao morrer, exclama:

Eu sei que vou morrer... ao despontar da aurora...
Só espero do sol o calmo lithargirio.

E adiante:

Salve, Piratim! O meu sonho, uma idéa!
Uma estatua?... De quem?... De Pallas Athenéa!

Parece-nos muita erudição para uma só mulher, e, a mais, filha dos pampas que não cursou nunca aulas de chimica nem prelecções de hellenismo. A brasileira nunca foi erudita. Nem hoje, que proliferam as Escolas Normaes, haverá meia dúzia que saibam de lithargirio e Pallas Athenéa. Se resuscitasse, Annita não se reconheceria na pintura que della faz o sr. Annibal. Nem Annita nem os demais.

Este drama devia apparecer 90 annos atraz, em plena effervescencia romantica. Talvez fizesse epoca... Mais veiu tarde. Encontrou-nos envenenados pelo naturalismo, cheios de exigencias varias, e, portanto, no peor estado d'animo possivel para aceitar os actos, os gestos e as palavras que o sr. Annibal Mattos attribue a tanta gente heroica.

EXTRANGEIROS E CEARA' — Barão de Studart — Typ. Minerva — Fortaleza — 1918.

O Barão de Studart destacou da "Revista do Instituto do Ceará" este seu trabalho onde resenha o que foi escripto em relação ao Ceará pelos viajantes estrangeiros em excursão pelo Brasil. Enumera 50 e tantos nomes, e resume a biographia e a bibliographia de cada um com a ponderação e discernimento peculiares ao Autor.

O MILHO NO PARANA', Raul Gomes e Rocha Junior — Papel. "Globo" — Curitiba — 1918.

O Paraná é um grande productor de milho. Os Autores orçam em 84 mil contos o valor medio dos 41 milhões de alqueires lá produzidos. E enumeram, municipio por municipio, o numero de monjolos e moinhos empregados no beneficiamento do precioso cereal. Ha perto de 50 mil monjolos, e apenas 261 moinhos.

Como a farinha de milho constitue uma das bases da alimentação popular, e ninguem a dispensa, calculam os Autores que os monjolos desdobram em farinha perto de 4 milhões de alqueires de grão, num valor de mais de 13 mil contos.

É um livro materialmente mal feito, mas bem interessante pelas observações locais que encerra, e por não "montar" na literatura milhesea nort-americana, como é habito entre nós, sempre que se escreve sobre o assumpto. Não resistimos á tentação de transcrever o capitulo relativo ao monjolo, essa rude e lourda machina que tão grande papel representa na economia nacional:

O MONJOLO

Este curioso aparelho, que dá o meio, quiçá, mais rudimentar de aproveitar a força hydraulica, tem um lugar de incontestavel saliencia na vida e nos habitos da nossa gente.

Quasi não ha, pelo interior afora, nas regiões de serra acima, lar de sertanejo, por mais humilde, que não tenha ao pé, numa canhada, á beira de um correjo murmurante, á sombra de frondoso arvoredo,



o monjolo, simples, inesthetico, rufo, falquejado a machado e enxó, a chitar, dias luteiros, pindocando e moendo o milho, a bater monotona-mente, no pilão bojudo.

Assim como o caboclo rustico e sobrio não comprehende arte culinaria sem o feijão preto, também não passa sem a farinha de milho, que lhe é contrapeso indispensavel na comida frugal.

E sem monjolo, o multiseccular monjolo monomano, o sertanejo não sabe, por ora, fabricar a sua farinha de milho azeda.

O monjolo comprehendo tres partes, que se integram no funciona-mento deste rudimentar aparelho de mechanica hydraulica: a bica, que canalisa a agua, a haste e o pilão.

A haste é uma viga de madeira, falquejada a machado, de cedro, com dois, tres ou pouco mais metros de comprimento. Esta haste a um terço do comprimento, repousa na virgem, suporte de madeira de 50 a 90 centimetros de comprimento. Uma das extremidades é mais grossa e nella é cavado o cocho, concavidade destinada a receber dentro a agua que a bica derrama. Na outra extremidade está encaixada, perpendicularmente, a mão de pilão, a qual é um pedaço de pau duro que serve para, batendo de encontro á concavidade do pilão, socar o milho ou outro cereal.

Quando querem movimentar o monjolo tiram a escôra que conserva suspensa a haste; collocada esta em posição horizontal, a agua da bica, cahindo no cocho, enche-o, e com enchel-o, torna-o pesado, forçando-o a baixar até derramar a agua. Derramada esta, a haste volta á posição horizontal, o que faz bater a mão, com violencia, no pilão.

De novo cheio o cocho, a haste ergue-se, o sufficiente para derramar a agua; derramado o liquido, cae a mão no pilão, e assim dias e dias successivos.

O typo classico de monjolo é o monomano, isto é, de uma só mão de pilão. Assim o inventaram os nossos antepassados; assim o conservaram religiosamente, os nossos patricios dos sertões.

Os colonos, porém, principalmente os italianos, bem que não se familiarissem com a farinha de milho, introduziram aperfeiçoamentos no monjolo, de sorte a, com o aproveitamento da mesma força hydraulica, obterem um rendimento maior. Elles constroem uma engenhoca deste feitio, mais ou menos:

Fazem uma grande roda com pequenas calhas. Essa roda movimenta um eixo grosso erigido de grandes dentes. Parallelamente ao eixo collocam uma travessa onde enfiam uns vigotes que, também, tem dentes. A ponta desses vigotes é feita como a mão de pilão. Em baixo, em todo o comprimento do eixo, põem uma tóca onde cavam tantos pilões quantas as mãos que pretendem empregar no soque. Prepara-se, assim, uma entrosagem que, gyrando a roda, e com ella o eixo, os dentes deste vão engatando nos dos vigotes — mão de pilão — o, logo, desengatando de sorte que caem nos pilões socando o que ali estiver".

ALGUNS POETAS NOVOS — Andrade Mu-
ricey — Typ. "Rev. dos Tribunaes" — Rio
— 1918.

Brochura de 80 pagas, onde o Autor aprecia os varios novos que se destacam da legião dos poetas brasileiros, como Gilka Machado,

Amadeu Amaral, Martins Fontes, Humberto de Campos, Hermes Fontes, Heltor Lima, Goulart de Andrade, etc.

Dá como morto o parnasianismo e estuda as correntes tateantes que se esboçam em substituição da escola marmorea.

A falta de um forte ideal, o virus de scepticismo que envenena o moderno, e mil outras razões crearam entre nós o byzantinismo de "uma poesia anemica e palavrosa, vacillante sobre suas indigenes bases idealisticas e emocionaes".

Mas desta grisaille já se vão destacando os temperamentos verdadeiramente poeticos, e já se vai definindo a obra literaria de nossa epoca, caracterizada pelo apuro parnasiano da forma accrescido de emoção personalissima — elemento que faltou e matou a escola de Heredia. Os poetas que o Autor com muito garbo estuda, são justamente os em que mais se accentuam taes tendencias.

O TRIUMPHO, romance — Raulpho Prata
— Typ. da Rev. dos Tribunas" — Rio —
1918.

Se valesse alguma cousa dar conselhos, se a mocidade soubesse tirar partido da experiencia dos velhos... Raulpho Prata, a avaliar pelo retrato, é muito moço ainda. A pressa de produzir, a ansia de publicar estraga-lhe as qualidades innatas, — que possui, para romancista, em accentuado grau. Não basta, porém, possuil-as. Sem o consorcio, sem a lapidação, sem a alliança dellas com uma serie de qualidades que se adquirem pelo estudo, pouco ou nada darão nunca de si. E' o caso da terra fertil. Se fica ao léo, sem amanho, não produz coisa de valia, e não supporta a concurrencia de gleba má, pedregosa, cansada, mas que o bom lavrador arou, gradou, irrigou e transformou, com o trabalho e o adubo, em um torrão de ouro.

AMOR, VENCE! — **ENTRE NEBLINAS**,
dramas — Claudio Selya — Typ. "Rev. dos
Tribunas" — Rio — 1918.

Os personagens do primeiro drama são uma Huguette, cançonetista, um Claudio Desterro, escriptor, um pescador, um groom, uma grega e um cãozinho. Amam-se, naufragam numa canoa, e nem por um só instante deixam de fazer phrases d'alto bordo romantico-galante. Ha Byron no meio disto, e Alvares de Azevedo. E lances de



arripiar cabellos ás platéas de 1830. Mas, no melhor da festa, o pescador intervem com falações de caipira, e gorogótó, o festim de Byron descamba em salada de Trianon e Cornélio Pires, foie-gras e milho verde assado.

Não se casam escolas assim. Ou bem se faz Zola, ou bem se faz Victor Hugo. Fundil-os, é temperar grog com ingredientes de feijoada.

O CONDE DE BAGNUOLI. João Nogueira Jaguaribe — Typ. d'“O Pensamento” — S. Paulo — 1918.

O sr. Jaguaribe commenta o papel desempenhado pelos italianos na formação da nossa nacionalidade, e estuda o mais salientado dentre todos, Giovan Vincenzo San Felice, Conde, Marquez e Duque de Bugnoli, depois Principe de Neopolis, o qual veiu ao Brasil com D. Fradique de Toledo, cooperar na expulsão dos hollandezos da Bahia, e mais tarde retornou, na esquadra do almirante Oquendo, aqui permanecendo em lucta constante durante dez annos.

Nenhum soldado portuguez ou brasileiro — diz o Autor — fez, desde a descoberta do Brasil até agora, uma campanha tão difficil, tão peralstente e longa, em posto de commando; nenhum outro se achou tão abandonado pelo Governo e tão falho de recursos de toda a especie; nenhum se viu tão cercado de prevenções e calumnias, mas também nenhum outro manteve tanta coragem, perseverança, intelligencia e pericia militar como esse italiano, que, só, por amor á gloria, incorporou-se á historia do Brasil, ao lado dos nossos maiores cabos de guerra”.

E estuda-lhe a acção desenvolvida no Brazil. Remata o volume um artigo sobre o preço que nos custou a guerra do Paraguay. Pelo Ministerio de Guerra gastaram-se 302 mil contos; pelo da Marinha, 96 mil; o que somma 398 mil contos. Quanto á contribuição em soldados tomaram parte na campanha 111.651 homens, fóra os soldados de marinha e forças que seguiram directamente das provincias do Sul.

A INSTRUÇÃO PRIMARIA EM MINAS,
Olyntho Pereira da Silva — Imp. Official
— Bello Horizonte — 1916.

Excellente relatório sobre o movimento e melhoramentos introduzidos no Grupo Escolar de Passos, casa onde se dava instrução e educação a 852 alumnos, no anno de 1915. É notavel o carinho

dispensado ali á parte moral da educação. Organizou-se uma "Liga da Bondade" com o fim de influir beneficentemente na formação do caracter infantil. Fins immediatos: despertar no espirito juvenil o gosto pelo asseio; desenvolver os sentimentos de humanidade; cultivar os sentimentos estheticos. O programma é calcado nas normas da "Liga de Instrução Moral Inglesa". Está aqui uma instituição que desejariamos ver reproduzida em todas as escolas, tanto se resente o caracter nacional da ausencia deste preparo moral, no tempo proprio.

A brochura encerra ainda um discurso do Dr. Bernardino Vieira, paranympho da turma de alumnos, e mais tres dissertações do Autor sobre varios themas.

O IDEALISMO NA PHILOSOPHIA CONTEMPORANEA, Carlos da Veiga Lima — Typ. "Revista dos Tribunaes" — Rio — 1918.

Espirito amigo de altas cogitações philosophicas o Sr. Veiga Lima publica em folheto uma conferencia que devia realisar na Academia de Altos Estudos. Estuda o idealismo da philosophia moderna, procurando mostrar como elle subsiste ainda nas correntes mecanicistas que reduzem tudo a meros processos physico-chimicos.

LIVRO DE OURO DE RICARDO GUMBLETON DAUNT — Cardoso Filho & C.—São Paulo — 1918.

Fez este anno e em annos que velo ao mundo em Cork, na Irlanda, filho de nobre familia heraldica com a prosapia insartada n'um remotissimo conde Dauntre que figurou nas hostes de Guilherme, o Conquistador, na batalha de Hastings, o Dr. Ricardo Gumbleton, cuja vida se homenagea neste luxuoso livro.

Doutorado em medicina exerceu a profissão em Londres e na Colonia do Cabo, até que velo ao Brasil. Defendeu these na Faculdade de Medicina do Rio, clinicou em Macahé, em Itu, e finalmente mudou-se para Campinas onde viveu o resto da vida. Dedicou sua intelligencia ao cultivo das sciencias e ao estudo das linguas; e dedicou a sua actividade á clinica e á politica. Foi juiz de Paz em Campinas, Juiz Municipal e de Orphãos, vereador e deputado á Assembléa Provincial de S. Paulo, de 1854 a 55. Filiado ao Partido Conservador, nunca abdicou da sua consciencia em favor da disciplina partidaria.

"O seu vulto respeitavel — escreve um dos seus biographos — apresentava-se sempre na liça, si eram, no terreno doutrinario, atacadas

as verdades religiosas, ou offendida a liberdade, ou a consciencia catholica, por actos dos Poderes Publicos. Fiel aos seus deveres agia contra tudo que lhe parecia illegal, injusto, ou pernicioso aos individuos e á sociedade. Defendeu a causa do pobre opprimido pelo rico ou poderoso, dos perseguidos pela poltificação, e das populações flagelladas por impostos absurdos e iniquos. Sem attender a conveniencias de pessoas, ou de partidos politicos, profligou erros, abusos, escandalos, immoralidades e crimes. Combateu a centralisação politica e administrativa, que era um empecilho ao progresso dos Municipios e Provincias.

Sustentou, no regimen monarchico e no republicano, a necessidade de leis que garantissem a verdade eleitoral e a manifestação de todas as matizes da Opinião Nacional, permittindo a representação das minorias".

Foi, em summa, um caracter com tempera de aço; um homem que pensava, sentia, e agia. Dá a justa medida da sua firmeza d'animio e do seu lucido espirito a carta que em outra secção transcrevemos, escripta ao Dr. Almeida Nogueira, redactor do *Correio Paulistano*.

O *Livro de Ouro* encerra numerosos e apologias ao commemorado, em todos os tons e escalas. Nenhuma, porém, fala mais alto e melhor, nenhuma define com mais clareza o caracter e o desasombro do Dr. Ricardo Daunt do que essa carta... Vê-se all inteiro o homem — o erudito, o clarividente, o sociologo, o conhecedor da humanidade, o patriota. Felizes os que por morte podem deixar como herança aos filhos um documento desses...

ELEMENTOS DE MINERALOGIA (applicada ao Brasil) — E. Roquette Pinto — Alves & C. — 1918.

O defeito de obras congeneres, de embutir na cabeça do menino sciencia franceza; de, ao falar de rochas, citar as jazidas europeas preparando-o assim a ter noções claras a respeito da mineralogia de todos os paizes do mundo menos da unica que realmente o interessa, a nossa, d'esse defeito está isento este pequeno manual. O distincto professor do Museu Nacional dá-nos um compendio precioso pelo muito que nos esclarece o ponto que nos interessa.

Falando do gneiss cita logo como formado delle o Pão de Açúcar. Como esta simples nota ensina o menino, e desperta-lhe a curiosidade! Este criterio, adoptado pelo Dr. Roquette Pinto, devia ser obrigatorio em toda a nossa literatura didactica. Traz um inconveniente, e grande; exige do autor um conhecimento real da materia, coisa rara nos nossos fabricantes de livros, que, no geral, diafargam traducções, peiorando sempre a obra furtada.



**ALBERTO TORRES E A SUA
OBRA.** A. Saboia de Lima —
Off. Labor — Rio — 1918.

Inda não se fez justiça plena a este homem, talvez a consciencia mais pura e a intelligencia mais penetrante que jamais brillou neste paiz. Mentalidade poderosa, capaz duma percepção pessoal das cousas, manteve sempre o espirito voltado para o estudo dos nossos males. A sua obra de sociologo e pensador é a que melhor dá medida da nossa situação real como povo e como nação.

Viu com rara clarividencia todas as falhas da tentativa sociologica que é o Brasil e nas altas posições que occupou, ministro e presidente de Estado, Juiz do Supremo Tribunal, procurou sempre contrariar as correntes erradas que nos arrastam á ruina. Desnorreava, porisso. A vulgaridade dominante não comprehendia aquelle espirito novo, de vidente, de Cassandra, afoitado em remodelar para salvar. Teve contra si nesses postos, todas as opposições, a opposição de todos os interessados, de todos os ignorantes, de todos os *idiots savants* no galarrim — de todos os comparsas do que Euclides da Cunha chamava a bandalheira sistematizada.

Foi vencido, negado, conspurcado. Hoje, seu vulto cresce. Augmenta a corrente dos estudiosos da sua obra, toda de pensamento, desataviada, pesada, rude, mas riquissimas de visões geniaes.

O Sr. Saboia de Lima preston um inolvidavel serviço á sua memoria biographando-o, e estudando-lhe documentativamente a obra pela maneira superior com que o fez. Não cabe nesta simples noticia uma analyse deste precioso livro. Voltaremos a elle. E transcrevemos a preciosa carta onde A. Torres, a beira do tumulo, com a mão na consciencia, diz ao Brasil, sem paixão, sem attitude, sem circumloquios, a verdade tremenda que todos procuram esconder.

**O QUE EU VI, O QUE NÓS
VEREMOS,** Santos-Dumont —
Typ. Piratininga — S. Paulo
— 1918.

Brochura de cem paginas onde Santos-Dumont narra com a simplicidade de todos os grandes inventores o caminho trilhado para, da infantil e jullovernesca obsessão aviatoria chegar aonde chegou — completa resolução do problema. A elle deve a humanidade dois passos capitaes, a dirigibilidade dos balões e o aeroplano.



Poderá alguém, mesmo em resvário de sonho megalomânico, aspirar a mais?

O maravilhoso surto da aviação sae inteiro das suas experiencias em Paris. Mas este assombro que é a aviação hoje será nada amanhã, quando a paz permittir o completo desenvolvimento de todas as consequencias que ella comporta. A humanidade mudará de rota, forçada pelas directrizes novas impostas pela aviação, como mudou de rumo á invenção da machina de vapor. Com as azas fragillimas da elegante *Demoiselle* Santos-Dumont deu uma gufnada no eixo da vida moderna, e o deslocou. Em que sentido? Para melhor? Para peor? São interrogações que só o futuro poderá responder.

TERRA NATAL, Bernardine
Vieira — Typ. F. A. Pinto —
1918.

Volumezinho de 16 paginas, de versos, onde o Auctor, exaltado amante da sua terra natal, lhe ennumera os encantos por forma a provocar em quem lê o desejo de fazer a malas e ir morar nesse recesso paradisíaco do planeta.

Desta lendária, encantadora Minas,
Rica, opulenta, grande, magestosa,
Cercada de montanhas azullinas,
E's a Princesa senhoril, formosa,
Linda Princesa liberal, do Sul.

No assentado leito de velludo
Dos teus extensos, vastos, verdes campos
Dormes sonhando!... O céu, tranquillo e mudo,
Alcanderado nos confins escampos,
E' o teu soberbo cortinado azul!...

Nas tuas casas brancas, espalhadas,
Bebendo a viva luz do céu, risonha
Erguidas em collinas e esplanadas,
Repousa, bate, senté, vibra e sonha
O teu vibratil, nobre Coração!

Feliz terrá, a cidade de Passos! Amimada assim pelas fadas, que a encheram de primores, possui ainda filhos amováveis, que os transfazem em melodias poeticas; melodias que, nos versos do Sr. Bernardine Vieira, causam no leitor uma estranha impressão de sonho...



cm

1

2

3

4

5

6

7

unesp

10

11

12

13

14

15

16



Desenho de Maria Graham.



Gravura de Edw. Finden.

São Christovão.



RESENHA DO MEZ

CONGRESSO BRASILEIRO DE JORNALISTAS

Reuniu-se este mez no Rio um congresso de jornalistas para a discussão de numerosas e interessantes questões relativas á profissão. Das theses apresentadas sobressae a enviada de Jahu' pelo sr. Hilario Freire. Estudou nella a funcção deletéria que no publico exerce a noticia pormenorizada, romancada, enfeitada, dos factos policiaes. Dizião os contradictores que se a imprensa as dá é que o publico as pede. Perfeitamente. Mas nem tudo que o publico pede merece deferimento. Incumbe ao senso moral dos jornalistas discernir no pedido o que irá causar um bem e o que irá causar um mal. Exemplificando diz o Sr. Hilario Freire:

"Para que, porém, seja, de facto, essa escola virtuosa, esse nume bemfazejo, a nossa imprensa precisa expurgar as miserias de seu noticiario. Sua pauta deve ser reconduzir o escrupulo ao noticiario para rehabilitar a instituição, por elle deturpada, e supprimir as narrativas de crimes e suicidios e os debates judiciaes criminaes, para isolar o crime, pela indifferença silenciosa.

Nem por isso o periodismo perderá na sua circulação, pois o talento pluralizado dos jornalistas

sem custo encontrará materia vizariante para o adorno de suas columnas. Contam-se por dezenas outros meios de attracção, por fóra dos inqueritos novelheiros. As desenviadas narrativas das boas acções, das investigações e descobertas scientificas, dos emprehendimentos artisticos, agricolas, industriaes, literarios, commerciaes, do movimento da infancia escolar, com seus quadros de honra e applicação, etc., tudo isso, cultivado com mais carinho, refoihrá em novas ramagens vicejantes.

Jornalistas europeus, de reconhecido valor, ensaiaram com exito a depuração dos velhos habitos, banindo de suas grandes folhas a historia das povoadores das prisões.

Quando surgiu em S. Paulo o vespertino *A Gazeta*, seu director-proprietario encontrara um redactor, intimo conhecedor do "foot-ball", que se incumbia da secção sportiva sob moldes inteiramente novos e que fazia um apinhado diario das occorrencias de todos os "grounds", do aproveitamento ou regressão de cada jogador, do treinamento de cada "team", das qualidades de cada egresso e apresentava essas notas debaixo de uma roupagem literaria, impressionista e insinuante. Não lhe escapava nem mesmo as corporações infantis e dizia, por exemplo: — "O menino Rubens é,

ao nosso ver, o jogador de maior futuro de S. Paulo", prophécia que o tempo confirmou, com fazel-o o primeiro "foot-baller" bra alleiro. Applicando a sua capacidade com desvelo, especializando-se com caricia em sua tarefa, o redactor sportivo conquistou rapidamente milhares de leitores para *A Gazeta*, todos attrahidos pela secção predilecta. Suas chronicas foram transcriptas em magazines estrangeiros, sendo uma dellas vertida para o inglez, quando da estada de Ellhu Rost no Brasil, em publicação a este dedicada. E, por isso, Adolpho Araujo costumava confessar:

— "Devo em grande parte o éxito inicial da *A Gazeta* á secção de foot-ball".

Um outro episodio, que comprova que não é sómente com o crime que se desperta o interesse, mas tambem com as bellas acções, occorreu ha pouco na fortunosa cidade de Jahu', do Estado de S. Paulo.

Fundada a Commissão Regional de Escoteiros, a folha local *Commercio de Jahu'*, netrou a noticiar os bons actos praticados pelos meninos, segundo o Código da corporação. Sem demora, os paes de familias e pessoas de todas as classes sociaes lam soffregamente essas informações, muita gente surprehendida com e como podiam essas escoteiros, de recente ainda simples peraltas da rua, praticar tanto bem quotidianamente, tantos actos meritorios, tantas iniciativas edificantes.

Um pequeno, que ainda não figurara nas relações honrosas, e com isso se amoffinava, certo dia encontrando uma corrente de ouro, que colbera na calçada para entregar ao dono, abriu uma physionomia radiosa e, transfigurado, repetia: "Como é bom! Meu nome vai sair no jornal".

Foi muito bem recebida a palavra do sr. Hilario Freire. Todos os presentes concordaram que é isso mesmo. Não obstante...

INGLEZ DE SOUZA

Falleceu a 6 de setembro corrente, no Rio de Janeiro, o illustre escriptor e jurista, dr. Inglez de Souza.

Filho do desembargador Marcos Antonio Rodrigues de Souza, nascido em 1853, na cidade de Obidos, no Pará, começou seus estudos no Recife e bacharelou-se em Direito em S. Paulo, onde, como estudante, já começou a militar na politica e na imprensa.

Foi então redactor da *Tribuna Liberal* e da *Revista Nacional*. Ahi foi eleito deputado provincial.

Ainda estudante, publicou tambem romances, "o *Coronel Sangrado*, *Historia de um pescador*, *O Cacollista*, onde revelou os seus dons de escriptor e as suas tendencias naturalistas.

Herculano Marcos Inglez de Souza combateu então, na imprensa, no fóro, nos comícios, pela causa liberal.

Com a ascensão de seu partido, foi presidente da provincia de Sergipe, no gabinete Saraiva, e allí fez a eleição directa, sendo agraciado com o officialato da Rosa. Foi depois presidente do Espirito Santo.

Em Sergipe deu nova feição ao ensino publico, peguando, num reletorio, pela instituição do desenho nas escolas primarias, e no Espirito Santo tambem reformou a instrução elementar.

Escriptor de raros dotes, de estylo, de imaginação e de descripção, fóra, nos tempos da reacção naturalista, dos que mais produziram com proveito, e o romance que publicou em 1888, em Santos, onde advogou, o *Missionario*, marcou época e é das tentativas desse genero no Brasil dos melhores, senão o melhor. O *Missionario* é um romance naturalista, que apauha em flagrante a vida ruda do Norte e tem scenas de empolgante belleza, como a dos castanheiros, onde ha uma descripção que ficará

na nossa literatura como um dos seus mais formosos trechos de evocação e narração.

De sua actividade literaria na mocidade só esse livro marcou o seu esforço, mas bastou esse trabalho para o consagrar entre os melhores romancistas da escola a que pertenceu e do tempo em que escreveu.

Abolicionista, liberal adiantado, depois republicano, transferio na época da proclamação da Republica a sua banca de advogado para o Rio, onde graugeou larga ellenteia e justa consagração.

Em 1892 publicou um livro de *Contos Amazonicos*, onde ha trabalhos muito interessantes.

Outras preocupações attrahiram, depois, o espirito do dr. Inglex de Souza. A advocacia empolgava-o e a politica, de quando em quando, o tentava, e assim nunca se desinteressou da vida partidaria de seu Estado, o Pará, o qual voltou a representar na Camara dos Deputados, na actual legislatura, com o dominio do partido do sr. Lauro Sodré, que era tambem o seu.

Professor da Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes, as suas aulas de Direito Commercial, ramo em que se especializou, eram encantadoras pela fórma e solidas pelo fundo, e conquistou sempre das diversas gerações que lhe ouviram as lições magnificas a admiração e o applauso.

No Instituto dos Advogados do Rio, do qual foi duas vezes presidente, nos Congressos Juridicos e Latino-Americanos, debaten these importante e muito escreveu sobre

os *Titulos ao Portador* uma obra notavel, que já se pôde considerar classica na nossa literatura juridica.

Sobre outros institutos de Direito Commercial, firmou tambem trabalhos que são constantemente citados nas razões dos advogados e nas sentenças dos juizes.

Foi ultimamente incumbido pelo governo da elaboração de um novo Codigo Commercial e o traba-

lho que produziu então é de grande valor, assim como as lições que publicou de parte do curso que professou com tanto brilho na Faculdade. O seu Codigo Commercial depende apenas da ultima deliberação do Congresso.

O sr. dr. Inglex de Souza era membro da Academia de Letras, onde occupava a cadeira de Manoel de Almeida, autor das *Memoorias de um sargento de milicias*, sendo um dos fundadores e deixa sobre questões de direito, além das obras citadas, uma porção de pareceres esparços, que illuminaram varias questões.

Foi por duas vezes director da Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro, da qual era cathedratico de Direito Commercial.

Na ultima legislatura foi eleito deputado pelo Pará, de cuja bancada era o "leader".

LEPRA E ISOLAMENTO

Commissiões pelas associações medicas do Rio de Janeiro, os drs. Juliano Moreira e Fernando Terra estudaram a questão da prophylaxia da lepra em nosso paiz, elaborando o seguinte relatorio:

"Sendo a lepra doença contagiosa, determinada por agente especifico, cujo papel etiológico não padece duvida, parece que como medida prophylatica, unica que se possa aconselhar, é o afastamento do coarctivo social de quem por ella foi victimado.

Os adeptos da concepção hereditaria da doença, outr'ora numerosos, cederam o terreno aos contagionistas, rendidos á evidencia, sobretudo pelo conhecimento da causa determinante do mal.

O problema, porém, não pôde ficar reduzido a esse limite, complexa como é a fórmula de transmissão das doenças produzidas por agentes figurados. A pergunta, que naturalmente acode, é relativa ao momento em que o germe adquire a precisa virulencia para agir no maximo potencial, ou, por outra, o instante proprio de sua transmissibilidade. No caso concreto que rem leprologos de vulto que o doente seja perigoso num surto febril do mal, pela bacilemia, que então se produz

A circulação, portanto, do bacillo do sangue peripherico é condição primordial para seu exodo. Como corollario desse principio procura-se saber se quando a localização do germen é mais profunda, como succede na forma nervosa, o individuo affectado oferece perigo de contagio.

Outra questão a ser ventilada é a das fontes de contagio, a que tanto vale o conhecimento preciso dos focos de emissão dos bacillos. Não pára ahí a difficuldade do problema, porquanto resulta a duvida sobre se a transmissão opera-se directamente ou se é mister a interposição de um parasita que vehicula o germen. No caso affirmativo, importa ainda indagar qu' seja elle, pois é sabida a diversidade de parasitas, nos quos se attribue o papel de albergar o bacillo de Hansen. O esclarecimento dessas questões seria de grande alcance para o lançamento das bases da prophylaxia, ficando, porém, de pé o principio de que ao leproso cabe a responsabilidade de disseminar o mal.

Não tendo, portanto, o medico acção sobre a doença propriamente, o unico recurso, que cabe, na prophylaxia é subtrahir o individuo infestado á collectividade: isolal-o. Quando a doença contagiosa conta com recursos proficuos para sua cura, a prophylaxia therapeuticamente empresta á hygiene defensiva uma arma poderosa. Com a lepra infelizmente, não se conta com esse meio de combate. Entretanto, é já de apreciavel importância o tratamento das lesões abertas, visto como se obtém com elle a diminuição da taxa dos bacillos emitidos.

Para se pôr em pratica o isolamento deve-se ter em vista que a questão não é tão simples como se afigura a um exame superficial. Uma vez que se tenha de obrigar o doente a, senão renunciar, pelo menos restringir grandemente a sua liberdade, entram logo em jogo interesses individuaes, que devem ser respeitados.

Em um país de extensão vasta, como o nosso, naturalmente variam os hábitos, os costumes, os preconceitos e as tradições, entre os seus habitantes, não se podendo por isso estabelecer regras uniformes, que attendam áquella restrição. Os doentes na maioria das vezes necessitam com docilidade a assistência, que lhes é offerecida; ha, porém, outros, que obstinam em disfructar a liberdade de que gozavam, muito embora seja ella precaria. Cumpre, pois, para vencer essa resistência, revestir de grande suavidade a situação que v'ge ser imposta ao doente. Deve-se, portanto, para sedall-o, acenar-lhe com a perspectiva de uma vida melhor, e provar que a transição para o novo meio não lhe abrirá um sulco fundo nos seus hábitos.

Para o effeito do isolamento deve-se dividir em duas classes os doentes de lepra: aquelles que dispõem de meios pecunarios e aquelles que vivem do

óbolo da caridade publica. Para os abastados, e para aquelles que têm meios de se tratar, deve-se destinar o isolamento no proprio domicilio. E' este o systema seguido em todos os países, onde está regulamentada a prophylaxia da lepra. A situação desses individuos em pouco differirá do meio de vida, que disfructam, apenas sobre elle se exercera a vigilância medica, a que ficam submettidos após a notificação compulsoria.

Essa especie de isolamento tem da-do já sobejas provas de sua utilidade, demonstrada com o decrescimento notavel da doença na Noruega. As cautelas de que se cercam espontaneamente os doentes, empenhados em poupar os membros de sua familia, a docilidade, com que se sujeitam aos conselhos e prescripções do medico, são uma garantia segura para a effizienz do methodo.

A relativa liberdade em que ficam tanto do agrado do doente, é um pehor seguro da sua submissão.

Sem prejuizo de seu bem estar, cercado do carinho e affecto dos entes caros dispora o doente de aposentos á parte, sendo igualmente separados todos os utensilios de seu uso.

Nunca se deve perder de vista a obrigação de subtrahir o individuo ao ataque de insectos, sobretudo á picada de mosquitos. As fundadas suspeitas de que sejam estes os responsaveis da vehiculação do germen, dictam a necessidade de uma vigilância attenta para evitar o seu contacto com o doente.

Não ha necessidade de entrar-se aqui em detalhe sobre questões pertinentes á disposição dada aos aposentos, protecção de portas e janelas por telas de arame, destruição de curativos poluidos, etc., visto constituir essa materia o objecto da regulamentação da prophylaxia, que opportunamente se fará.

Durante os accessos febris, de que são sujeitos são os leprosos, as cautelas serão maiores porque nessa occasião é que a risco de contagio toma maiores proporções.

Muito delicado é o papel da autoridade sanitaria, investida das funcções de vigilância, por quanto para obter os resultados que tem em mira precisará captar a confiança e sympathia do doente, o que alcançará, procurando disfarçar a sua fiscallegação nas roupagens de uma collaboração amistosa.

Muito contribuirá tambem para o exito da medida o auxilio prestado pela familia, que poderá investir da funcção fiscallegadora o medico da casa, o qual ficará em constantes relações com a autoridade sanitaria.

Os outros doentes, aquelles que não podem se manter a custa propria, necessitam uma assistência dada pelo estado ou pela iniciativa particular, e o seu isolamento deve ser feito em asylos ou em colonia agricola.

Interessam-nos mais especialmente os indivíduos desta segunda classe, por serem os que, em maior numero existem em nosso país, e para os quaes mais particularmente deve estar voltada a attenção dos encarregados de zelar pela saúde publica.

Em uma concepção extremada, consideravam os autores que só eram victimas da lepra os indivíduos que viviam na penuria, residindo em lugares sórdidos, arredados do mais rudimentar cumprimento das regras de hygiene.

Entretanto a observação demonstra que a doença tem invadido o lar de abastados, assolando familias, que gozam de bens de fortuna. Não obstante isso, são os indivíduos das classes necessitadas que maior tributo pagam ao tremendo morbus.

Para que a medida não tenha effeitos illusorios, cumpre que o isolamento seja uma realidade, isto é, se faça extremo de complacencia tão ao sabor de nossos hábitos. O doente deve ser retirado de vez do meio colectivo, impedindo-se terminantemente a sua digressão pelos centros populosos, onde, expondo as suas lesões para tocar a piedade, estendem a mão á caridade.

Esse triste espectáculo, tão frequente nas cidades do interior, mesmo nos lugares onde ha lazaretos, deve ser bandido definitivamente de nossos costumes.

Os doentes da segunda categoria comprehendem os indivíduos, que ainda estão aptos para qualquer trabalho, ou os que pelas suas deformações, disturbios funcionaes, ou má estado geral, não poderão applicar-se a nenhum serviço.

Aos primeiros deve-se facultar qualquer trabalho, consoante a sua capacidade physica, para vencer o tédio que produz a inactividade. Esses poderão viver em familia, permitindo-se-lhes mesmo o casamento, e terão assim a imagem de haver soffrido apenas a deslocação de domicilio, e não ao de um afastamento completo da sociedade.

Trata-se em summa de se reservarem localidades, convenientemente distantes dos centros de habitações, onde elles se concentrem em verdadeiras villas de leprosos, gozando de todos os beneficios que a assistencia lhes garantirá. A' escolha desses lugares presidirá o maior escrupulo relativo ás condições de salubridade.

Nessas colonias haverá um hospital aparelhado convenientemente, servido por pessoal idoneo, encarregado do tratamento dos doentes, quer nas manifestações proprias da lepra, quer nas doenças intercorrentes.

Os asylos ou lazaretos destinam-se aos leprosos em estado geral, ou que apresentem lesões, que os inhabilitem para qualquer trabalho. Essas casas de invalidos ficarão situadas dentro do perimetro da villa de leprosos, e a

assistencia a ellas destinada será de maior amplitude. Existem em varios lugares do país, leprocomios, ou hospitaes de logares, onde são actualmente recolhidos os leprosos sem abrigo, e procurados tambem por alguns que dispõem de recursos.

Esses estabelecimentos devem ser conservados até que se consiga transformar em realidade o proposito da fundação de villas de leprosos. Não se deve olvidar a necessidade de nelles se introduzirem melhoramentos de modo a tornal-os adequados a seus fins, sem perigo para a vizinhança. Tais estabelecimentos realizam o objectivo de isolamento em domicilio permittida nos abastados, e em melhores condições, pela maior facilidade em se exercer a vigilancia medica.

É justo que se faça uma referencia ao Hospital dos Lazareos desta cidade, mantido a expensas da Irmandade da Candelaria, o qual pela remodelação, que vem soffrendo nestes ultimos tempos, está se tornando um estabelecimento, que servirá de padrao para isolamentos congeneres.

Em conclusão, aconselhamos como medida efficaz para se evitar a propagação da lepra, o isolamento do doente, que será feito:

- a) em domicilio para os individuos abastados;
- b) em colonias agricolas, ou villas de leprosos, para os necessitados, capazes de trabalho;
- c) em asylos ou hospitaes para os invalidos. — *Juliano Moreira. — Fernando Terra.*

CONSTITUIÇÃO E CONSTITUINTE

Carta do dr. Ricardo Dauti a uma consulta do dr. José Luiz de Almeida Nogueira, redactor-chefe do *Correio Paulistano*, em 20-4-1890.

Ilmo. e Exmo. Sr. Dr. José Luiz de Almeida Nogueira.

Reconhecido a V. Exe., pela prova de consideração que me presta, em desejar ouvir-me acerca da grave questão que ora se agita, em relação ao modo pratico de organizar e fazer approvar uma Constituição em substituição áquella que, depois de ouvidas as Camaras Municipaes (não *Intendencias*, pois que no *Despotismo* Bragantino não

Na imprensa, nas academias, nos parlamentos é a mesma grita: saneamento!

Não seremos nós, que fomos dos primeiros a elamar, que somos dos mais possessos em reclamar, que, ainda aqui, longe da medicina ou dos medicos, lhe façamos a menor restricção. Mas devemos cumprir com a nossa consciencia, proclamando tambem: Não basta! Saneamento, sim! Educação, tambem! Principalmente educação, porque então será mais facil, e só então duravel, o saneamento.

Ainda que lograssemos, que logremos extinguir a malária, a leishmanniose, a doença de Chagas, o beriberé, a opilação, as verminoses, todas as gafeiras nacionaes, não teríamos feito tudo... e viria a não termos feito nada, se não conseguissemos e não conseguirmos ir educando o nosso povo, para tornar sanos, e só então estaveis, os beneficios da redempção sanitaria.

A educação hygienica é integrante e primordial a toda educação, educação nacional, que é esse o caso de vida ou de morte de nossa nacionalidade. Sobrevivencia ou eliminacão, por adaptacão ou incapacidade á vida civilizada. Esse é que é o dilemma terrivel, pelo qual temos de enfrentar a lucta de amanhã... para que, adinda, não seja a lucta de sempre... se nos permittirem sempre na criminosa incapacidade de até agora...

Reflictam nisso os homens de responsabilidade; guias da opinião, professores, medicos, parlamentares, jornalistas. Felizmente que já os ha, para os quaes o saneamento não é só o remedio infallivel para a "doença do Brasil"; além deste e com este, para a ignorancia dos meios, a imprevidencia dos recursos, a incuria da saúde, a incapacidade de trabalho e de economia, a pobreza triste e envergonhada, no meio da festa da nossa natureza, só existe um recurso, remedio unico e especifico: — educação, pela instrucção primaria profissional, technica, su-

perior; educação — para a prosperidade, para a saúde, para a felicidade, para a redempção do Brasil...

Saneamento, sim, mas com a educação e pela educação! — (Afranio Peixoto — *A Escola Primaria*, Rio de Janeiro).

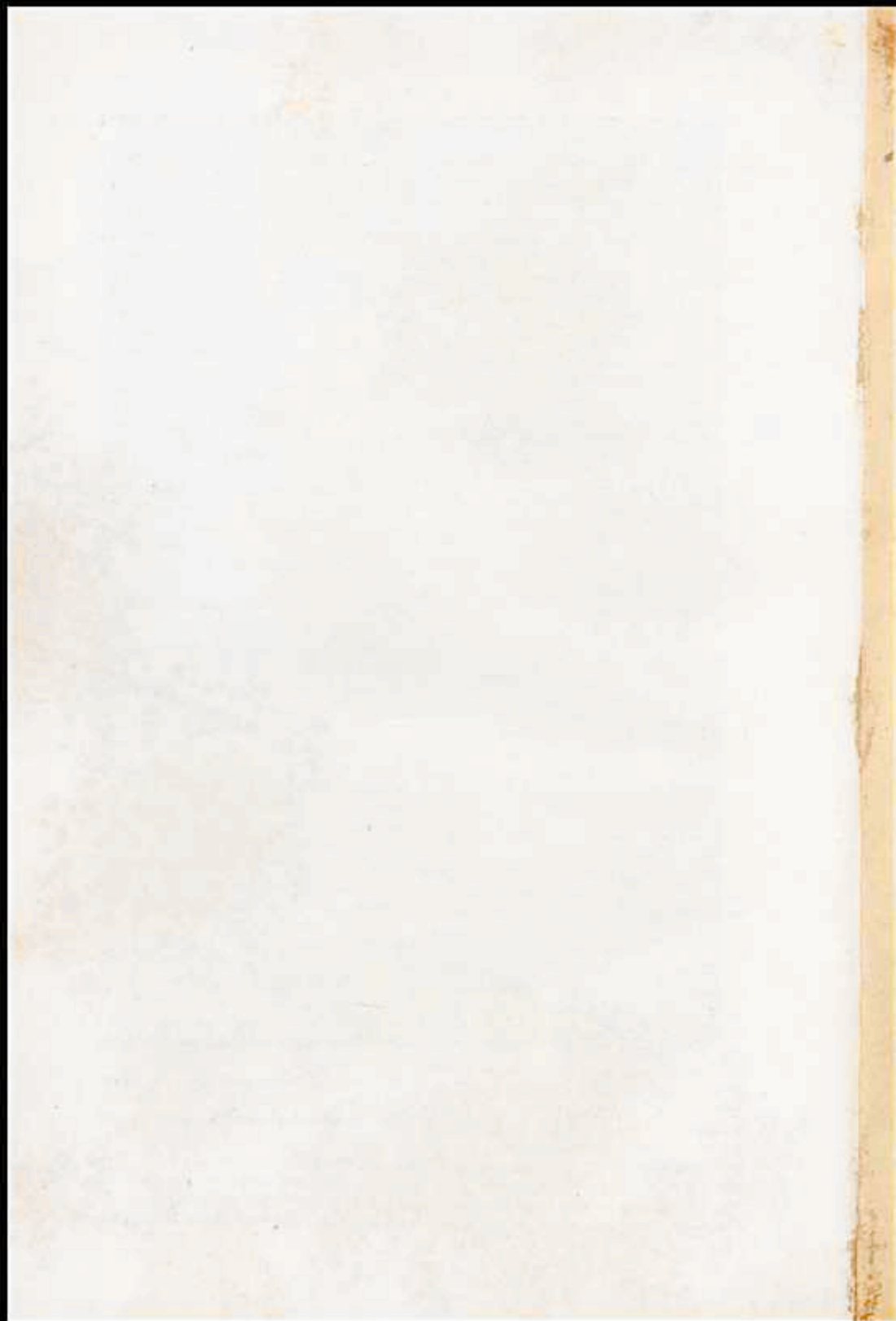
CARLOS PEIXOTO FILHO

Nem todos estarão lembradas do que foi essa morte, fax agora um anno. A marca individual não differença então amigos e camaradas; tocou a quantos tinham algum interesse na Republica; e as manifestações de pesar immediato e espontaneo deram ao enterramento do que só fôra deputado a solennidade grandiosa do feretro de um chefe da Nação. A imprensa, o Parlamento, pelos votos dos representantes nas duas casas, a assistencia de particulares, e a compostura do publico, á passagem do esquife, traduziam a significação de uma perda, que muitos já comprehendiam, mas que a maior parte, sómente na solidariedade do sentimento visível, percebeu que era realmente muito grande. Ficava a impressão de que ia enterrar-se uma pessoa de caracter, um politico, ao qual as posições não tinham seduzido para contentamento da vaidade e exercicio das paixões pessoais, um homem que havia deixado o posto de chefe por coherencia de principios, quando tudo lhe proporcionava a posse tranquilla do dominio com o devotamento sollicito de quasi todos. Desapparecia um homem de bem, liso e probó, para o qual o Estado era uma entidade viva e respeitavel, os dinheiros publicos um thesouro confiado á guarda e ao zelo dos administradores e politicos, não um cofre de graças sem dono, que as mãos de detentores aleatorios distribuiam prodigamente, mas disfarçadamente, enlvadas em concessões e liberalidades, a troca de vantagens partidarias, ou de meras retribuções de



Galeria De Bellido.

Allegoria — quadro a oleo de Pedro Americo.



polidez social, ás vezes por agrado mundano. Morrera um estudista que para subir só se valera do seu talento, do seu estudo, do seu trabalho, da sua vontade e do seu caracter; e ainda não quizera aproveitar-se dos recursos de sedução que lhe dava o talento. Era raro, era estranho.

Ora, aquelle morto illustre não ficara todo no comiterio e continuava a viver, apontado e citado, não por accidentes estranhos que empenhassem a curiosidade aventureira e as paixões de controvérsia, mas só pela sua figura moral, serenamente luminosa. De certo não voltava a occupar logar terreno, não era já obstaculo á ambição de ninguém; mas era um morto que vivia na memoria de todos, pela sua perfeição, e era um espelho de contrastes. Enterre-se o que morreu, para não cansar os vivos com a admiração, importuna, se é isento de odio reflexo!

E a inveja, que é o mal-estar resultante da concorrência moral, despertava e accendia, como ao scintillar numa cinza de fogueira, se lhe deu um sopro de brisa. Não tardou para aquella outra fogueira um pé de vento, e foi a noticia que correu e girou e rodemoilhou, de que Carlos Peixoto deixara algumas centenas de contos de réis.

Que mala para os despeitados de uma admiração, para os politicos forçados a olhar a imagem sem jaça, para os cultores do dinheiro irritados da indifferença pelo dinheiro? Se Carlos Peixoto tivesse sido deshonesto, cairia desprecebida a noticia. Mas elle tinha sido rigorosamente honesto; havia consumido nos annos da presidência da Camara as economias feitas como advogado na cidade natal, e todos tinham podido ver o seu teor da vida, naquelle tempo, em habitação commum com alguns amigos, num regimen domestico de estudante, simples, despreoccupado de representação. As suas horas, fóra de casa, eram consumidas entre os deveres do cargo poli-

tico e as palestras e os raros passeios ou diversões, em logares publicos. Transitava nos bondes ou, ás vezes, em automovel de praça, quando tinha urgencia. Enquanto a politica lhe absorveu o tempo, abandonou a profissão de advogado, sómente recommença depois de 1910, quando elle se dispunha a não mais pleitear eleições, ou deseria de jámalta ser eleito. Nos bons e máos dias era dos politicos menos assíduos em ministerios e no palacio do presidente; e aos ministros e presidente da Republica não falava senão em assumptos publicos. Nunca patrocinava uma pretensão de amigo, á qual se relacionasse concessão rendosa, premio, indemnização ou simples pagamento de conta. Procedia assim por orgulho talvez, por norma talvez que fixara ao seu desempenho politico, talvez por desdem desse officio de intermediario, ainda que innocente.

Nas posições que occupara e onde podia fazer favores de dinheiros publicos, sem se afastar do costume ali praticado ou podia despendel-as para a sua commodidade official, ninguém já procedeu com maior ou igual observancia da lei. Sabiam-no os amigos, e não contavam com elle nem se animavam nunca a formular-lhe um pedido em tal materia, embora em caso limpo. Algum inesperto que recorresse á sua intervenção, teria saído vexado da recusa peremptoria. Membro da commissão de Finanças, qual o voto, qual o parecer de Carlos Peixoto que pudesse, de longe que fosse servir indirectamente alguém? Ali, muito ao contrario, a sua acção constante fóra unilateral em beneficio das rendas publicas, e até excessiva, como no momento me pareceu. No empenho de concertar orçamentos amortecia-se nelle a sensibilidade, e a sua mesma psychologia, aliás tão aguda, embotava.

Tambem não lisonjeava os jornaes; avaliava-lhes o que pesam na opinião, mas não modificava o seu pensamento, não agoitava o seu fei-

tie moral no agrado dos jornalistas; e timbrava em desdenhar os que lhe parecessem mãos jornalistas. Tinha plena confiança em si mesmo, tinha muito e merecido orgulho, para não precizar de gabos vãos e precarios, distribuidos ao acaso das conveniências. Como advogado, não affirmo que praticasse — o fôra então exemplo unico — a profissão como um sacerdocio social, qual devera ser a advocacia, função mais do Estado que do individuo; mas na realização de seus encargos profissionais, o seu procedimento pudera ser e era bem que fosse frequentemente apontado como um modelo de ethica. Sei de um caso typico, a sua recusa de uma advocacia de partido, vantajosissima, desde que verificou a escassez dos pleitos e entenderam que a função era mais nominal que effectiva, e redundava em uma situação de beneficio. Declinou-a polidamente, telmando em não receber os honorarios devidos, correspondentes a muitos meses. Sabia eu desse caso, sabiam-no os seus amigos, saberiam ou podiam es conjecturar que assim fosse os que tratavam com Carlos Peixoto.

Nos últimos seis annos, o seu exercicio de advogado applicava-se com affineo ao serviço de uma importante empresa, embaraçada em negocios complexos, mas todos de ordem particular. A unica ligação dessa empresa com os poderes publicos resultou de uma subvenção, votada pelo Congresso, impugnada pelo Tribunal de Contas, reconhecida pelo governo em mensagem ao poder legislativo e por este mantida em voto unanime da commissão de finanças. Fôra isso em 1913, quando Carlos Peixoto ainda não era membro dessa commissão; e elle não teve parte nenhuma (nem era preciso) em qualquer deliberação concernente ao assumpto. A sua acção de advogado da companhia nunca se operou, em communicação com pessoas do governo, por ser esta encanada e contraria ao seu temperamento moral. Consistiu em pôr ordem nos

negocios particulares da empresa, em liquidar debitos nos bancos, na maioria ingizeses, para cujo exito influia o prestigio pessoal do homem de bem, e a sagacidade severa do jurista; consistiu ainda, por morte do dono e director da empresa, em fazer o inventario e reconstituir a companhia, que pôde então, já tambem favorecida pelos naturaes effeitos da guerra, ver accrescido o seu activo á somma de trinta mil contos. Labor de cinco annos encarecido pelo bom exito, valeria o que o advogado pedisse a empresa reorganizada e prospera. Outros não vacillariam em fixar honorarios grandes e na medida dos serviços. Carlos Peixoto, porém, receava ser pago em demasia, e, eserupuloso em avaliar o seu prestimo, consultou collegas mais experientes nas normas do nosso fóro. Todos lhe aconselharam pedir mais do que elle conjecturava como remuneração razoavel; e ouviram-lhe com o espanto de homens provecctos ante um ingenho que elle só pediria cinco por cento do capital reconstituído, em pagamento de uma advocacia a que a empresa dèvera a sua vitalidade nova. E foi o que elle cobrou, contentando-se com receber sessenta contos em dinheiro e o resto em titulos. — (Mário de Alencar, *O Paiz*, Rio de Janeiro).

O JORNALISMO BRASILEIRO

Está reunido no Rio o Congresso de Jornalistas, o primeiro que se realiza em nosso paiz. Deve-se esta iniciativa á Associação Brasileira de Imprensa, á qual aproveitamos a opportunidade para enviar os nossos parabens.

Que sairá dos discursos, dos pareceres e das discussões do Congresso? Naturalmente, uma série de conclusões interessantes, sem nenhuma sanção, mais um punhado de theses instructivas sobre a evolução historica e sobre algumas das necessidades da nossa imprensa. E' bem de crér que as grandes questões atti-

nestes á vida, prosperidade e honra do jornalismo brasileiro serão cuidadosamente evitadas. E são essas as questões que mereciam urgente e acurado estudo, energica e severa definição de attitudes.

O jornalismo brasileiro soffre presentemente duas crises, longas e graves, que ameaçam prejudicá-lo enormemente, mais ainda do que já o tem prejudicado, na sua economia e no seu prestígio. Uma dessas crises é a que chamaremos — de expansão. A tiragem dos jornaes brasileiros é pequena, não está na devida relação com os nossos vinte e cinco milhões de habitantes. Porque? A primeira causa, a mais importante, está em que a população do nosso paiz é muito espalhada, e é nos grandes centros de agglomeração que mais se lêem jornaes. Este inconveniente podia ser, em parte, remediado pelas facilidades nos meios de comunicação entre as cidades, os Estados, as regiões. Essas facilidades é que nos faltam. Aqui, tudo conspira para tornar tremendamente trabalhosa a manutenção de uma empresa jornalística. Falta-nos transporte abundante, rápido e barato. O serviço postal é horrível. E' tão desorganizado e mal feito que, por si só, constitue um serio entrave ao desenvolvimento da publicidade em geral, no paiz. Sobre isto poderíamos contar coisas assombrosas (se é que no Brazil ainda pôde haver coisa que assombre, em materia de administração), mas para não nos alongarmos demasiado diremos apenas que, entre outros danos, o serviço postal já nos tem feito o de não poucas pessoas deixarem de assignar a nossa folha por não poderem supportar as irregularidades e os abusos do correio... Outra causa dessa crise de expansão está nos altos preços do material, da mão de obra e do mais. Só o papel custa uma fortuna, e como o papel a tinta, as machinas, os tipos, tudo. Os nossos ineffaveis governos só fazem por aggravar esta situação. A taxa telegraphica

tambem sae por uma fortuna, aos jornaes que recebem grande copia de telegrammas, e ainda para maior afflicção o serviço dos telegraphos é demorado, incerto e torto. Outra causa é o alphabetismo. E ha outras ainda... Seria difficil enumerar-as todas, mas devemos notar que algumas dellas são de ordem moral, e prendem-se á outra das duas crises simultaneas, a que alludimos no começo.

Essa segunda crise é "psychica". Como é facil enxergar, esta exerce uma influencia entre as causas que entram a expansão dos jornaes, — dos jornaes em geral, porque nisto, como em outras coisas, os justos tambem pagam pelos pecadores. Mas a sua principal importancia não está nisso. Está na visível depreciação profissional no conceito publico. Quaes as causas de tão desagradavel realidade? As causas são numerosas e complexas, mas as duas principaes podem ser indigitadas. A primeira é que certo numero de jornaes, com effeito, não fazem senão por merecer a desmoralização em que cahiram. As suas attitudes, as suas opiniões, as suas zangas, os seus enthusiasmos, tudo é materia de compra e venda, e isto quasi ás escancaras. Os politicos, com o baixo teor de moralidade que geralmente existe nos seus actos, aproveitam-se dessa circumstancia para fabricar a sua celebridade e para destruir o bom nome dos seus inimigos, e espalham a rodo o dinheiro dos erarios. A segunda causa é que os proprios jornaes se fazem nos outros peores do que são, cobrindo-se de lama, convencidamente, na ingenua persuasão de estarem desempenhando um papel de heróis... E' enjoante o espectáculo que boa parte da nossa imprensa offerrece, neste particular.

De onde vem essa falta de mutuo respeito? E' claro que, antes de tudo, os actos de brutalidade e de baixexa vêm da falta de educação. Effectivamente, a imprensa nacional abriga no seu seio uma quantidade

de individuos que não diremos talhados para carroceiros, porque isso seria insultar a classe honesta e laboriosa dos carroceiros. Mas essa falta de elevação e de compostura se deve, em boa parte, ainda, á venalidade descarada de certa parte da imprensa. O jornalista venal precisa descompor e berrar para parecer honesto, e os que são limpos precisam berrar e descompor para não ficar em posição inferior aos deshonestos. A acção diabolica, a miseravel acção desorganizadora e corruptora, a acção pestilencial dos politicos de posse do poder e do thesouro mantêm perennemente, a jorras de dinheiro e de infamia, esse estado de desconcerto e da porcaria no seio da imprensa. São elles os principaes responsaveis dessa miseria, que tão dolorosamente reflecte no moral da população e no proprio nome do nosso paiz.

Eis ahí duas questões importantissimas, para um congresso jornalístico, nesta época, no Brasil: a do desenvolvimento da circulação e a do saneamento da imprensa. São questões vitaes. Dellas depende, até certo ponto, a sorte da imprensa nacional nestas décadas mais proximas — a sua prosperidade ou o seu estacionamento, a sua influencia boa ou má no seio da sociedade brasileira. Estas questões são tão importantes, que todas as outras, suggeridas pelos varios aspectos da vida jornalística, ahí dependem directamente, e não podem ter solução satisfactoria sem o estudo attento daquellas.

O Congresso, porém, provavelmente, não tratará, por agora, destas coisas arriscadas. Esperemos que deixe ao menos o bom resultado de apalmar o caminho para o ataque decisivo, numa das reuniões futuras. Será esse o seu merito principal. — (O Estado de S. Paulo, S. Paulo).

O SERTÃO

A campanha do saneamento do hinterland, em boa hora iniciada

por um grupo de medicos e publicistas, e, ainda hoje, em foco nas discussões da Camara, deveria despertar a attenção dos nossos dirigentes para os problemas essenciaes da vida brasileira. De mim, o testemunho dos meus sentidos informou-me sempre que não ha exagero no diagnostico dos hygienistas: o Brasil é um vasto e triste hospital. Fecho os olhos, um momento, e passam nitidamente na tcla da minha memoria, as praias do Norte, de coqueirões sussurrantes, com a sua população de impaludosos e cacheticos, tremendo de *malfeitos*, o dia inteiro, ou certos trechos dos sertões do Sul, terras malditas de *barbeiros* e *opilados*. E aqui, por toda a parte, sob o sol ardente do Norte, ou sob o frio dos sertões paranaenses, a mesma sub-raça de indolentes e vencidos, vivendo ao Deus dará, esquecidos dos senhores do paiz, em annos distanciados da civilização contemporanea. Como acreditar, pois, nas forças intimas, no futuro de semelhante nação? Poderá a vontade de quem quer que seja, povoar esses desertos, vencer essa natureza, tantas vezes hostil, na sua exuberancia ou na sua desolação, agitar esses homens, dar-lhes instrucção, energias, confiança em si mesmos, desejos, ambições, ideaes? Não será esta politica melancolica que, tão commodamente, vimos seguindo, de *laissez aller, laissez faire*, a mais intelligente de todas? Tais perguntas, creio, faremos tolos nós, no silencio da nossa afflicção.

E' tão grande e tão complexo o problema da construcção ou da reconstrucção nacional, que faz desanimar o mais optimista dos homens. A questão do saneamento rural, sem embargo da importancia extrema de que se reveste, constitue, apenas, um dos seus mais tristes aspectos. Elle tem dez outros: politico, social, cultural, religioso e economico. Dá o Brasil, por vezes, a impressão de uma dessas obras feitas ás pressas, errada desde os alicerces até a ultima decoração interna; em cor-

rigindo, aqui, em retrocedendo, além, terminamos por nos convencer que o remédio decisivo estaria na sua destruição total, para a recomeçar, cuidadosa e pacientemente, sob outras bases. E como não é possível destruir uma nação, como se destrói uma casa, temos que limitar a nossa actividade a esta obra de reformas e retoques diários, a esta especie de equilibrio instavel, que tão bem caracteriza a nossa vida publica. Não volta o rio á sua nascente; sigamos-lhe, pois, o curso, barrando-lhe ou lhe desviando as aguas, segundo as conveniencias de momento. Um dia, elle chegará ao sorvedouro final do oceano.

Realizamos o estranho paradoxo de um paiz novo e semi-deserto, cívado das táras especiaes das civilizações esgotadas, uma Grecia ou uma Hespanha, em decadencia e em ruínas, obrigadas a viver das tradições. Não nos iludamos. A nossa vida civilizada se reduz, quasi, ás capitães, ao littoral e algumas regiões sertanejas do sul, á margem das estradas de ferro. Pelo resto do paiz, é a tristeza, o abandono, a desolação, a miseria, a decadencia moral, a dissolução dos costumes. Passados a Avenida e São Paulo, começa o deserto; raros signaes de vida, nenhuma apparencia de organização economica. Viajae pelo Norte, pelo Estado do Rio, pelos sertões do sul: em meio da opulencia tropical das terras, cidades em ruínas, aldeias mortas, fazendas abandonadas, latifundios inuteis. De legua em legua, uma pequena choupana, de apé ou de palha de coqueiro, no Norte, de pinho, no extremo Sul, a abrigar, numa confusão animal, numerosa familia de negros boças ou de mulatos e caboclos indolentes, que vivem do que a Natureza offerece sem esforço, do peixe e do carangueijo nas praias, da carnuba e do pinheiro nos sertões. Dentre a preguiça morbida dos homens e das coisas, só a mulher se salva; é ella quem trata da roça de milho ou de mandioca, pesca nos cor-

regos e, nas horas de descanso, vao á lenha, cose, remenda, tece as rendas de almofada. O homem tem todos os vicios; é quasi um degenerado: embriaga-se nas feiras, joga as cartas, cultiva como uma flor preciosa a velhacaria dos intrujões na *berganha* dos animaes. E' máo, violento, perfido, facil de levar-se até a desonestidade e o crime; os seus instinctos sexuaes, aparados na indolencia e na promiscuidade domestica, não respeitam, muitas vezes, os proprios laços de sangue e de filiação. E ao cabo de tudo, de todos os vicios e defeitos, é um desgraçado, um pobre servo de gleba, um escravo de facto, explorado pelos fazendeiros e pelos mandões de abbeia; não foi a complicada entrosagem da justiça feita para o seu gozo.

... A grande missão das gerações, capazes de comprehender os verdadeiros problemas brasileiros, seria a da guerra ao urbanismo, que nos estiola e nos aniquila, e da pratica de uma politica sertaneja, que fizesse do nosso *hinterland* um paiz habitavel, combatendo os erros da Natureza, soerguendo um povo, digno de melhor sorte. A campanha do saneamento do campo deveria ser o inicio de uma campanha formidavel de reivindicções, em favor das terras abandonadas do Norte e do Oeste. Por que não na tentamos nós outros, nortistas ou sertanejos, que tão depressa, no atordoamento das cidades, esquecemos as nossas origens? Sei bem que é quasi impossivel convencer aos estadistas republicanos da necessidade de abandonar um pouco, as cidades pelos sertões. Alli, nos portos, nas avenidas, nos palacios luxuosos, mais facilmente se perpetuarão os seus nomes. Todavia, ficar-nos-a a tranquillidade das consciencias que souberam cumprir os seus deveres, e amanhã, na derrocada final, a certeza de que fizemos para evital-a, seria um levitico ás nossas tristezas e afflicções. — (José Maria Bello — *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro).

ASPECTOS DO PROBLEMA TRABALHISTA

De vinte e quatro em vinte e quatro horas intensificam-se as aspirações dos trabalhadores nacionais; e, á medida que essas aspirações se fortificam, se concretizam e se tornam mais irrealizáveis, as chamadas classes conservadoras vão recuando para dentro de uma região de sombrio egoísmo em que se concentram, mas de onde serão fatalmente desalojadas pela logica das coisas.

Ainda ha poucos dias, nesta mesma columna, explicava lucidamente o professor José Ottilieira em que consistem as aspirações genuinas do proletariado. O que querem os trabalhadores é deixar de ser bestas de carga para serem homens como os demais. Não se trata de rhetorica vazia; não se trata de desenhar a côres negras o quadro sinistro em cujo primeiro plano se vê o burguez rico, assentado com seus amigos e amigas a uma mesa sumptuosa, enquanto, no segundo plano, uma familia de esfarrapados morre, num casebre enfumaçado e imundo. Não se trata de nada disso. Trata-se apenas de reparar formidavel injustiça. Trata-se de reconhecer ao operario um *direito*; note-se bem, um *direito*, não favor: o direito de viver. Quando o trabalhador reclama diminuição de horas de trabalho e augmento de salario, o capitalista, o conservador e o burocrata enxergam nelle dois peccados capitais: preguiça e avareza. Quer trabalhar menos? Então é preguiçoso. Quer ganhar mais? Então é avarento e bandido, que quer se enriquecer... á custa do patrão, como si este absurdo fosse possível! Ora, o trabalhador quer apenas respirar um pouco de ar puro; comer alguma coisa que o alimente e não o envenene; alegrar um pouco o seu espirito em diversões honestas, como o theatro moral, o cinema seleccionado, ou a leitura bem escolhida. E' isso que elle quer e tem direito

de querer. Porque, meus caros senhores capitalistas, o operario, embora o não acrediteis, é tambem homem como vós outros. Vós passais o dia no vosso escriptorio; elles passam o dia nas fabricas, nos tetos, nas casas de machinas, no fundo das minas, nos porões dos navios, nas officinas, trabalhando para ganhar cinco mil réis por dia (emquanto vós ganhais um conto de réis) e vigiados pelos feitores e fiscaes, que são os vossos cães policiaes. As vossas noites... Mas é melhor não dizer onde passais as vossas noites. Dizel-o aqui seria trazer-vos graves complicações conjugaes. O que nos consola é que, em muitos casos, as vossas esposas fazem o mesmo... Bem feito!

Quanto aos operarios, o seu caso é conhecido: os melhores passam as suas noites na monotonia da sua pobre casa; mas ha muitos que, não sentindo a attracção da casa, porque esta é tosea, sem necio, sem ar, sem luz, e nella está uma esposa que a miseria transformou em megera, preferem passar as suas noites bebendo nas tavernas. D'ahi para o crime e para o presidio a distancia é minima. Tambem, quando elles comparecem perante o jury, quem os julga? Funcionarios publicos, medicos, advogados, em summa, individuos que tenham mais de duzentos mil réis mensaes fixos, segundo a lei. Quer isto dizer que quem possui duzentos mil réis por mez é, por lei, considerado incorruptivel; enquanto ha por ahi tantos cidadãos, e possuidores de milhares de contos, e que, apesar disso, são os mais famosos tratantes do Continente.

Repitamos: os operarios não pedem favor: exigem justiça. A moral moderna repelle a moral antiga no que diz respeito á legitimidade da riqueza accumulada nas mãos de um só. Quando se trata do problema chamado operario, o que logo e naturalmente acode a todos é o salario; ora, actualmente, ha um postulado, a cujas consequencias não pôde fugir o capitalista nas suas rela-

ções com o operário. Esse postulado, que, nos países mais adiantados, é um lugar commun de economia social, vem a ser o seguinte: *o salario que o patrão paga aos seus operarios tem de ser proporcional ao valor do trabalho, ao preço da vida e aos lucros do capitalista.* Portanto, si esse capitalista, pagos os salarios a seus operarios, apura num anno quatorze mil contos liquidos, como Matarazzo, Gamba, Crespi, tutti quanti, não pôde reter para si e para seus herdeiros essa somma; tem de distribuí-la em salarios pelos seus trabalhadores, guardando proporção entre a quota distribuida e o trabalho de cada um. — (Antonio Torres. — *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro).

RAÇA INFELIZ!

Uma raça infeliz, a raça negra. Infeliz e hon. Boa pela sua dedicação aos brancos e pela estupenda abnegação com que de si se esquece para acudir aos que a deprimem e tentam aviltá-la.

Nossos maiores foram ás plagas africanas levar devastação systematica, mal disfarçada sob a capa da civilização. Por dilatarem a *Fé* e o *Imperio*, no dizer do immortal Camões, andaram devastando as terras ricas d'África e d'Ásia. O resultado foi que, em vez de inculcarem a virtude e saber aos ignorantes indigenas desaprenderam o christianismo e grandemente se corromperam. O seu ephemero imperio da India em breve se transformou numa deploravel escola de concupiscentia e máos costumes.

Trazidos foram para a America os miseros negros, allegando-se o pretexto de se lhes doutrinar a lei de Christo, isto é, a suprema ordenação do amor e fraternidade. Sabem-se, porém, como a seu sabor a transformaram ferrenhos tyrannetes. O catechumeno foi transformado em escravo, ou antes em besta de carga, sem direitos de especie alguma. Apo-

dreceu nas senzalas a mais baixa sensualidade. Castigos corporaes, levados ás ultimas raias da feroza, desmoralizaram os captivos, e nelles supprimiram radicaes noções da dignidade humana.

Sou bastante velho para ter vivido nos tempos da escravidão. Não desconheço que entre os antigos senhores de escravos muitos havia caritativos e benevolos; mas, pelo que horrorizado vi, bem longe sempre estive dos que á nefanda instituição forneciam excusas, allegando que no Brasil o captiveiro não merecia vituperios.

Taes felizmente sempre foram minhas idéas, e tanto se me radicavam no espirito que em 1879 eu e minha irman, a quem, por herança de nossos paes, tinham cabido quatro escravos, logo os declaramos livres, antecipando assim de cerca de um decennio o acto generoso da abolição, e numa época em que ainda nem se falava de promovê-la.

No meio de oppressão e de ignomínia que assim lhe crearam seus senhores, o negro infallivelmente tinha de balizar em moralidade. Nas trevas, constado, da sua ignorancia e servidão, elle manteve, e de modo admiravel, as nativas qualidades da sua boa indole.

Entre as melancolicas recordações dessas quadras do captiveiro, jamais esquecerei ter assistido uma vez, e felizmente foi a unica, ao espectáculo do castigo collectivo em certa fazenda. Ignorava-se qual houvera sido o culpado de um furto, e o fazendeiro, irascivel e cruel ordenou que punida fosse com vergalhadas toda a sua escravatura. Um dos rijamente flagellados foi um velho negro, já de cabeça encanecida, e, depois de estoicismo haver tolerado o supplicio, enfiou-se ao senhor e humilde lhe beijou a mão...

Minha primeira impressão, eu o confesso, foi de repugnancia e de dên para com aquelle homem, que dess'arte ocultava a dextra do tyranno. — E' um covarde! disse commigo mesmo... Mas logo tive

de corrigir o temerario juizo. O velho escravo era um caçador de onças. Comquanto desvigorado pela incipiente velhice, ainda quotidianamente se embrenhava pelas serras e ia dar ás feras perigosissimo combate. O feito de submissão a que enojado eu assistira, tinha, pois, toda a sublimidade de uma resignação, filha, não do medo, mas da triste convicção de uma inferioridade imposta pela força ineluctavel do destino, que é sagrada para os que nella reconhecem a Providencia.

Outro quadro commovente ainda que a muitos passasse despercebido, era o carinho das amas negras, não raro com postergação do affecto devido aos proprios filhos. Humilhada (e quantas vezes maltratada!) estendia a negra o farto seio ao filho de adopção, e com o leite, que era o seu sangue, amorosamente o nutria, embelezada com a lindura da eriança branca. Que natureza affectuosa! E que inaudito pendor ao esquecimento da offensa e á magnanimidade no pagar o mal com o bem!

Pela mais imperdoavel das ingratições o negro apparece de continuo em nosso meio social como objecto de menosprezo e vispendio. Não faltam moralistas e ethnólogos de arribação que ás origens ethiopes attribuem certas debilidades do caracter nacional. Os proprios mestiços, descendentes de negros, em vez de franca e sobriamente affixarem, como titulo de justo orgulho, a sua proveniencia dessa raça heroica e infelix, manhosamente a occultam, como si vergonhosa fóra. Direi mais: o negro, equiparado pela religião e por nossas leis aos seus concidadãos de pelle alva, é mais desdenhado pelo mestiço, seu descendente, do que pelo homem branco. Raça inditosa até nisto!

Em nosso paiz digamol-o entretanto a bem da verdade, mais do que em outros, e desde muitos annos, apparecem consorciaes os tres grandes factores ethnicos que

nelle se agruparam em torno de um ideal patriótico. Na guerra hollan-deza, de par com João Fernandes Vieira, representante dos portuguezes reincoes, vamos o branco já nascido no Brasil, André Vidal de Negreiros; e, apoiando a resistencia da nascente nacionalidade contra o invasor bátavo, alli se achavam o caboclo christianizado, Antonio Philippe Camarão, e o negro, o intrepido cabo dos Minas, Henrique Dias. Não vêdes ali o fraternal convivio das tres raças que todas se faziam irmans, porque eram todas brasileiroas?

Mais tarde, seculos depois, quando foi preciso vindicar a causa do Brasil, invadido e ultrajado por um régulo do Paraguay, tambem não se fazia questão da côr; e nas ossadas que alvajantes deixámos nos inhospitos campos da terra inimiga, ninguem mais poderia distinguir o matiz da pelle que em vida as recobrirá... — (Carlos de Laet — *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro).

THESOUROS ESPARSOS

Não sei que má ventura é a de alguns dos nossos homens illustres, que dando de seu saber a melhor cópia em trabalhos que ás vezes lhes entram por toda a existencia, raro logram vêr-se devidamente julgados no que fizeram, porque as suas obras ficam jazendo ineditas, traçadas da polilha, senão inteiramente perdidas. Felix um ou outro, se ainda esta ou aquella bibliotheca lhes recolhe os escriptos e aguarda occasião de os fazer sahir á luz da publicidade. Parece que a solidão a que em vida se affizeram alguns desses altos espiritos, continúa ainda depois da morte a lhes ser agradável, afastando-os, no que escreveram, dos olhos do publico. Aos eremitas ou anehoretas, que morrendo no seculo, elegiam por morada o deserto, lá os iam a quando e quando buscar os necessitados de seus balsamos ou de seus conse-



Photographia d' "A Cigarra".

O INVERNO EM 1918

Aspecto da neve em Caxias, Rio Grande do Sul.



Photographia d' "A Cigarra".

O INVERNO EM 1918

Aspecto da neve em Caxias, Rio Grande do Sul.

lho. Aqui, porém, o caminho que leva a esses thesouros, o roteiro delles, nem sempre será facil de achar.

Varias de tantas preciosidades malbaratam-nas mãos crimosas ou deterioriam-na o tempo, outras têm paradeiro ignorado ou dormem no fundo das bibliothecas ou sob o pó dos archivos.

Se ainda em vida de seus autores ha desses escriptos que se extraviam ou mãos alheias os dão como proprias, imagine-se, em vindo a morte, o destino que podem ter papeis e cadernos ás vezes em grande numero e tornados lembranças incommoedas aos que os hajam de zelar.

Ainda em vida era expoliado Monte Alverne de alguns dos seus melhores sermões, e accedendo a instancias de amigos, publicava os que ali correm, receioso tivessem elles a mesma sorte da vasta collecção do padre mestre S. Paio e conego Januario Barbosa. Dos discursos desapparecidos dizia o grande pregador: "Todos elles pertencem hoje ao dominio da estupidez e da ignorancia. Meus louros ornã a estatua da impostura, mas a sua recitação produzirá no auditorio, que os ouvir, a sensação dolorosa que despertam em minh'alma os numerosos sermões do eloquente padre mestre S. Paio, cuja belleza é horrivelmente desfigurada por aquelles que os repetem."

De autores de obras nas condições a que nos vimos referindo, occorrem alguns nomes:

Alexandre Rodrigues Ferreira, que, com o velho José Bonifacio, Concelção Velloso e Azeredo Coitinho, bispo e governador de Pernambuco, é dos homens de mais largo saber que nos vêm do seculo XVIII, deixou um numero extraordinario de relações de sua viagem scientifica ao norte do Brasil, além de tratados, de botanica, zoologia e ethnographia.

"Escreveu tanto como Buffon", diz Sylvio Romero. Apenas pequenissima parte foi publicada de obra

tão vasta. Dos varios codices possui a Bibliotheca Nacional o maior numero, outros o Instituto Historico e ainda os ha de collecções particulares.

Por que deixar tudo isso inedito?

Manoel Odorico Mendes, assim como trasladou ao portuguez os poemas de Virgilio, trasladou os de Homero. Ahi andam desde 1854-58 as traducções do Mantuano e desde 1874 a da "Illíada", para cuja impressão votára a assembléa provincial do Maranhão 4:000\$000. Ficou até hoje, porém, sem ser publicada a "Odysseá". Com quem se acharão as originnes do trabalho?

José Maria de Amaral, Cheguei a conhecê-lo. Morava elle em Niethe-roy, em seu palacio da Soledade, sobre um outeiro, pouco além da Ponte de Pedra. Ahi morreu em setembro de 1885. De pessoa de sua familia ouvi que escrevera muito, versos principalmente, dos quaes ficaram algumas collecções. Destes conhecem-se apenas seis ou oito sonetos e um fragmento do poema "Zeroni". Dois grossos "diarios" da missão de Amaral no Prata e em S. Petersburgo possui naquelle anno de 1885, dadiva gentilissima da mesma pessoa de sua familia. Examinando-os e vendo quanto interessavam taes documentos á nossa historia politica e diplomatica, achei dever transferir a offerta á Bibliotheca Nacional.

Um dos "diarios", encontrando-me de caminho com José do Patricinio, cedi-lh'o de emprestimo. Este salvou-se, pois, não ha muito m'o restituiu a exma. viuva do grande jornalista. O que levei á Bibliotheca Nacional pude verificar que lá não se encontra...

De Joaquim Gomes de Souza, o "genio mathematico", como lhe chamavam, sabe-se que além de muitas memorias scientificas (sobre a theoria do som, sobre a propagação do movimento nos meios elasticos, theoria da luz, resoluções algebricas ou transcendentales, etc), deixou em grande parte escripta

sua obra principal "Leis da Natureza"; seu trabalho de predilecção ou aquelle, segundo declarou, que considerava "como o fim de sua vida e pelo qual esperava merecer alguma coisa dos contemporaneos".

Onde param estes e os demais manuscritos do sabio maranhense?

E Luiz Delphino? Poeta durante mais de cincuenta annos; contam-se-lhe por milhares os sonetos, por dezenas os varios poemas, alguns de largo fôlego. Salvo, talvez, uma centuria dos primeiros e alguns dos ultimos, esparços por jornaes e revistas, tudo o mais está por publicar. Toda essa vultuosa producção ficou, depois da morte do glorioso escriptor, em poder de seu filho e meu amigo dr. Thomaz Delphino. Ficou e ficará até quando? A interrogação não é minha sómente, é de todos quantos estremecem a memoria do grande poeta, lhe admiram os versos e receiam que, passados já dez annos de sua morte, outros e outros passem ainda e com elles e á mercê delles se dê o extravio de tantos manuscritos preciosos... — (Alberto de Oliveira. — *O Imparcial*, Rio de Janeiro).

UMA NAÇÃO DE INVENTORES

Os Estados-Unidos são o paiz em que se concedem mais patentes de invenção. O nosso serviço a esse respeito, no Rio de Janeiro, occupa talvez uma meia-duzia de pessoas, que cabem á larga em uma sala. Nos Estados-Unidos a repartição de privilegios é um enorme palacio, onde milhares de empregados trabalham activamente.

Dois escriptores norte-americanos Hutchinson e Criswell dizem, em um estudo sobre esta questão: "Nós acreditamos ser um facto demonstravel que o systema de privilegio de invenção dos Estados-Unidos fez mais para promover a sua supremacia commercial, a sua maravilhosa prosperidade e bem-estar generalizado do que qualquer outra causa".

Pode ser que haja um pouquinho de exaggero nesta affirmacão. Em todo o caso, si houver, é só um pouquinho. A nação inteira vibra ao appello constante de novas ideias, susceptiveis de obter patentes de invenção.

Abra-se ao acaso qualquer revista de vulgarisacão scientifica e acham-se ali ás dezenas annuncios de solicitadores de patentes. Esses annuncios gritam: "Precisam-se ideias", "Faça render as suas ideias", "Ideias valem dinheiro", "Para homens que têm cerebros"... "A America precisa de suas ideias", "Invente alguma cousa"...

E ha, assim, paginas e paginas.

A esses appellos interesseiros dos que vivem de tirar patentes juntam-se os appellos directos do governo. Ha, por exemplo, agora, publicada em varios logares uma declaracão official de que o systema dos trens em marcha apanharem os saccos do correio é defeituoso: obriga os trens a diminuir a velocidade e estraga os saccos. O governo lembra ás pessoas que têm genio inventivo a utilidade de pensar nesse caso. A patente que fór concedida a um bom systema fará rico o respectivo autor.

Em muitas fabricas é costume instituir um premio annual para o operario que tiver descoberto o mais util melhoramento dos mecanismos ou trabalho. Isso põe, portanto, todos os operarios, não na attitude passiva de peças inconcientes do mecanismo geral, mas de collaboradores, de criticos. A cada instante, elles estarão perguntando: "Como se poderá melhorar isto?"

Mais ou menos a nação inteira vive sob a pressão desses pedidos, dessas sollicitações, dessas instigações constantes. "Invente alguma cousa!" — é uma phrase que todo americano já, por força, leu na sua vida centenas ou milhares de vezes.

E os exemplos dos que têm enriquecido com pequenas invenções são numerosissimos. (Medeiros e Albuquerque — *O Estado de S. Paulo*, S. Paulo).

AS CARICATURAS DO MEZ



SUA EXCELENCIA... tambem sabe dar a sua pladinha...

(Raul — *Malho*, Rio).

O AÇAMBARCADOR



— De que serve agora a tabella? De que serve tambem a discursreira do José Bezerra? Podem agir contra ou a favor, já tenho a barriga chela.

(Raul — *Jornal do Brasil*, Rio).

A desculpa do infractor



BULHOES — Como é que você explica esse caso de pães de kilo, pesando só oitocentas grammas?

PADEIRO — E' que, *sen* doutor, nós amassamos o pão com o suor do rosto, e com esse frio, não se transpira nada.

(J. Carlos — Careta, Rio).

CONHECIMENTO DE CAUSA



— Qual tabella, qual commissariado! Estou convencido de que o paraty cada vez sobe mais.

(Raul — D. Quatroto, Rio).

INDICADOR

ADVOGADOS:

DR. S. SOARES DE FARIA —
Escritorio: Largo da Sé, 15
(salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE',
LEVEN VAMPRE' e PEDRO
SOARES DE ARAUJO — Tra-
vessa da Sé, 8, Telephone 2.150.

DRS. ROBERTO MOREIRA,
J. ALBERTO SALLES FILHO e
JULIO MESQUITA FILHO —
Escritorio: Rua Boa Vista, 52
(Sala 3).

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOU-
RA — Das Universidades de Ge-
nebra e Munich. — Cirurgia —
Operações — Rua Libero Badaró,
181. Telephone 3492, das 13,30
às 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PES-
TANA — Medico do Asylo de Ex-
postos e do Semnario da Gloria.
Clinica medica especialmente das
crianças — Res.: R. Bella Cintra,
139. Consult.: R. José Bonifacio,
8-A, das 15 às 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA —
Medico. S. Cruz do Rio Pardo —
S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Es-
pecialista das molestias das vias
urinarias, com pratica em Pariz.
— Consultas das 9 às 11 e das
14 às 16 horas. Rua Barão de
Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

LIVRARIA DRUMMOND — Livros Escolares, de Direito, Medicina,
Engenharia, Litteratura. — Revistas. — Mappas. — Material Escolar. ED.
DRUMMOND & Cia. Rua do Ouvidor, 76 — Teleph. Norte 5667 — End.
Tel. "Livromond" — Caixa Postal, 785 — Rio de Janeiro.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE
PROTESTOS DE LETRAS E TI-
TULOS DE DIVIDA, NESTOR
RANGEL PESTANA, tem o seu
cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corre-
tor official — Escritorio: Tra-
vessa do Commercio, 7 — Te-
lephone 393.

GABRIEL MALHANO — Cor-
retor official — Cambio e Titu-
los — Escritorio: Travessa do
Commercio, 7. Teleph. 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FI-
LHO — Corretor Official — Es-
criptorio: Travessa do Commer-
cio, 5 - Tel. 323 — Res.: R. Al-
buquerque Lins, 58. Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COM-
MERCIAL E BANCARIA LEO-
NIDAS MOREIRA — Caixa Pos-
tal 174. End. Teleg. "Leonidas",
S. Paulo. Telephone 626 (Cen-
tral) — Rua Alvares Penteado —
S. Paulo.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Emi-
lio Rocco — Novidades em case-
mira ingleza. — Importação di-
recta. — Rua Amaral Gurgel, 20,
esquina da rua Santa Izabel. Tel.
3333 — Cidade — S. Paulo.

Joallerie — Horlogerie — Bijouterie

Maison d'importation

Bento Loeb

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent, Bronzes
et Marbres d'Art — Services en Métal blanc inaltérable

Maison à Paris . 30, Rue Drouot, 30

Casa de Saude ≡≡≡

EXCLUSIVAMENTE PARA DOENTES DE
MOLESTIAS NERVOSAS E MENTAES

Dr. HOMEM de MELLO & C.

Médico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,
Director do Hospício do Juquery

Médico interno — Dr. TH. DE ALVARENGA
Médico do Hospício do Juquery

Médico residente e Director
Dr. C. HOMEM DE MELLO

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplêndido bairro ALTO DAS PERDIZES em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo. Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside à rua Dr. Homem de Mello, próximo à casa do Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correo, 12 **SÃO PAULO** Telephone, 560



A' ILLUMINADORA

RUA DA BOA VISTA, 47

ENCARREGA-SE DE QUALQUER SERVIÇO
DE ELECTRICIDADE.
MATERIAL ELECTRICO EM GERAL
LAMPADAS, PILHAS, FIOS, ETC.,

Loteria de São Paulo

EM 11 DE OUTUBRO

100:000\$000

Por 4\$500

Em dois premios de 50:000\$000

Os bilhetes estão á
venda em toda a parte

EDIÇÕES DA REVISTA DO BRASIL

De accordo com o seu programma, a Revista do Brasil acaba de editar um novo livro de contos de laera do sr. Monteiro Lobato. E o inicio de uma serie, na qual serão dados á publicidade romances, livros de contos, livros de versos, obras scientificas, etc., que constituirão no correr do tempo uma bibliotheca eminentemente brasileira e sob todos os pontos de vista, notavel.

Urupês *Contos por Monteiro Lobato.*—Livro de mais de duzentas paginas, optimo papel, illustrado com desenho a penna, capa de Wash Rodrigues, e trazendo os seguintes contos: Os pharoleiros, O engraçado arrependido, A colcha de retalhos, Chóóó! Pan!, «O meu conto de Maupassant», «Pollice verso», Bucolica, O mata-pau, Boccartorta, O comprador de fazendas, Um supplicio moderno, O estigma, Urupês.

Sacy-Perêre *Resultado de um inquerito.* — Um grosso volume, com muitas illustrações.

Preço de cada volume: 4\$000 réis; pelo correio, 4\$500

Edição popular dos URUPÊS, em papel de jornal: 2\$000; pelo correio, 2\$300

PEDIDOS Á REVISTA DO BRASIL

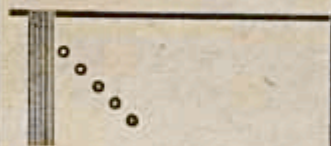
Rua da Boa Vista, 52 — S. PAULO

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos

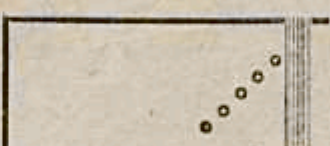


FAZENDAS, TECIDOS, ETC.



RIO DE JANEIRO

116, Rua da Alfandega



S. PAULO

Rua Libero Badaró, 14

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

As Machinas **LIDGERWOOD**

Para CAFÉ MANDIOCA
ARROZ MILHO
ASSUCAR FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de ferro galvanizado e pertencos

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

Rua de São Bento N. 29-C

SÃO PAULO

OFFINAS DO "O ESTADO DE S. PAULO